This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

3 3433 07437877 3

NQWD
Romer

CANTOS POPULARES

DO BRAZIL

VOLUME I

EDIÇÕES DA NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL DE LISBOA

Theophilo Braga: *Soluções Positivas da Politica Portugueza.* I Da aspiração revolucionaria e sua disciplina em opinião democratica. II Do systema constitucional, como transigencia provisoria entre o absolutismo e a revolução. III e IV Historia das ideias democraticas em Portugal, desde 1640 até 1880. 3 vol. 920 reis — *Dissolução do systema monarchico constitucional.* 300 reis — *Historia Universal,* esboço de sociologia descriptiva. 2 vol. 2$000 reis — *Historia do Romantismo em Portugal,* ultima parte da Historia da Litteratura Portugueza. 2 vol. 1$400 reis.

Teixeira Bastos: *Comte e o Positivismo,* ensaio sobre a evolução e as bases da philoşophia positiva, 200 reis — *Vibrações do Seculo:* I Sons do Universo. II Aureolas luminosas. III Gritos da época, 600 reis, cart. 900 reis — *Progressos do espirito humano,* 160 reis.

Fernando Garrido: *¡ Pobres Jesuitas!* origem, doutrina, maximas, privilegios e vicissitudes da Companhia de Jesus, desde a sua fundação até nossos dias, com a *Monita Secreta* ou instrucções secretas dos jesuitas, 3 vol. 500 reis.

Proudhon: *Do principio de Federação,* traducção do dr. A. J. Nunes Junior, 240 reis.

Camões: *Os Lusiadas,* edição prefaciada e revista pelo dr. Theophilo Braga, com os retratos de Camões e Gama e o esboço biographico d'este por Teixeira Bastos, 2 vol. br. 200 reis, carton. á ingleza, 300.

Cypriano Jardim: *O Casamento Civil,* comedia-drama em 4 actos, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria II em agosto de 1882, 400 reis.

Bibliotheca das Ideias Modernas: I *A Controversia da edade da terra* por Drapper, traducção de Teixeira Bastos — II *As origens da familia* por Lubbock, condensação por T. Bastos — III *A theoria atomica na concepção geral do mundo* por Wurtz, traducção de Correia Barreto — IV *Natureza dos elementos chimicos* por Berthelot, traducção de C. Barreto — V *Reguladores da vida humana* por Moleschott, traducção de Carrilho Videira. — VI *Os Velhos Continentes* por Ramsay, traducção de T. Bastos — VII *O que é a força* por Saint-Robert, traducção de Correia Barreto — VIII *A Sociedade Primitiva* por Taylor, traducção de Teixeira Bastos — IX *A evolução dos sêres vivos* por Schmidt, traducção de Carrilho Videira.

CANTOS POPULARES

DO BRAZIL

COLLIGIDOS

Pelo DR. SYLVIO ROMÉRO
Professor do Collegio Pedro II

ACOMPANHADOS DE INTRODUCÇÃO E NOTAS COMPARATIVAS

Por THEOPHILO BRAGA

VOLUME I

LISBOA
NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL — EDITORA
96, Rua do Arsenal, 96

1883

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
418862
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1905 L

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Rua da Cancella Velha, 62

ADVERTENCIA

Esta collecção de CANTOS POPULARES DO BRAZIL estava prompta ha seis annos. A colheita foi feita directamente pelo signatario d'estas linhas em Pernambuco, Sergipe, Rio de Janeiro e em menor escala na Bahia e Alagoas.

Dos escriptos sobre este assumpto de Celso de Magalhães, José de Alencar, Couto de Magalhães, Carlos de Koseritz, Carlos Miller Theophilo Braga, o collector joeirou alguns specimens da nossa poesia popular. Araripe Junior, Franklin Tavora e Macedo Soares, enviaram-lhe espontaneamente alguns subsidios. Tudo isto é notado no correr do volume. Aquillo que não foi colligido por nós francamente o declaramos.

A obra se divide em quatro partes: *Romances e Xacaras, Reinados e Cheganças, Versos geraes, Orações.* Leva um appendice contendo uma silva de *Quadrinhas* soltas do Rio Grande do Sul, que devemos ao snr. Carlos de Koseritz.

A primeira parte encerra os *Romances* e *Xacaras* de origem portugueza e os celebres *Romances de Vaqueiros,* que constituem um dos cyclos mais importantes da nossa poesia popular.

A segunda consta dos versos cantados nas *Janeiras;* ahi, ao lado da poesia herdada, ha muita inspiração puramente local e brazileira.

Na terceira parte, a que conservamos a denominação que tem em Sergipe, afastamo-nos do methodo geralmente seguido, que consiste em enfeixar uma multidão de *quadrinhas,* constituindo uma *sylva.*

Notámos que na tradição estes versos andam grupados em todos harmonicos, que têm um sentido determinado. Os versos são repetidos em secções distinctas, e nós conservamol-as.

A quarta e ultima parte é exigua e de pequeno interesse ao par das outras. Nada temos a dizer aqui sobre o modo por que encaramos a poesia anonyma do Brazil. Este trabalho já

foi feito nas paginas da REVISTA BRAZILEIRA, e dal-o-hemos em volume n'esta serie.

Resta-nos apenas agradecer a todos aquelles que nos ajudaram n'esta improba tarefa, e especialmente aos snrs. Theophilo Braga e Carrilho Videira, que tão galhardamente se offereceram para salvar das traças esta collecção, que foi repellida pelos livreiros e editores brazileiros com o mesmo horror com que se foge da peste.

Rio de Janeiro — Novembro de 1882.

Sylvio Romêro.

SOBRE A POESIA POPULAR DO BRAZIL

A população do vasto territorio do Brazil, constituida pelo elemento preponderante da antiga colonisação e da actual emigração portugueza, pela cohabitação da raça negra e pela mestiçagem com os povos indigenas, adquiriu caracteres proprios de ordem sentimental, intellectual e economica que a levaram a affirmar a sua individualidade de nação. Existe uma nacionalidade brazileira superior a todas as combinações da politica e dos interesses dynasticos, formada pelas condições fataes da ethnologia e da mesologia, e á qual a marcha historica das suas luctas pela independencia e do seu conflicto com as velhas civilisações europêas vem completar a obra da natureza dando-se o relêvo moral, o caracter

e o destino consciente no concurso simultaneo de
os seus factores. A nacionalidade brazileira está
periodo de transição; os vestigios tradicionaes do
elementos constitutivos acham-se em contacto,
tram-se, confundem-se entre si para virem a for
poesia de um povo joven e o thema fecundo de
creações litterarias e artisticas de uma civilisação
nal. É n'este momento unico na historia da forma
uma nacionalidade, que os *Cantos populares do*
foram colligidos, adquirindo por isso o valor de u
cumento importantissimo, que viria a obliterar-s
certeza; n'esses cantos ha ainda as suturas dis
dos seus elementos primordiaes, e ha já a feição
da que começa a caracterisar o genio brazileiro
teratura e na arte. Á parte o interesse que se liga
te documento ethnologico, os *Cantos populares d*
zil apresentam um duplo valor, porque trazem o
mas tradicionaes sobre que a nova litteratura bra
tem de assentar as suas bases organicas, e porqu
a irradiação remota dos vestigios tradicionaes dei
pelo povo portuguez na época da sua grande acti
e expansão colonisadora.

O Brazil, cuja poesia tanto desvairou pela im
do subjectivismo byroniano, e cuja Litteratura na
se amesquinhou seguindo longo tempo o nosso at
romantismo europeu, só poderá achar o seu ca
original conhecendo e comprehendendo o ele
ethnico das suas tradições populares. O vigoroso

e intelligente professor Sylvio Roméro coordenando a collecção dos *Cantos populares do Brazil*, completa o pensamento fundamental da sua *Introducção á Historia da Litteratura brazileira* apresentando a materia prima de creação anonyma para ser elaborada pelos genios individuaes. A fundação da litteratura allemã começou pelos trabalhos de exploração scientifica sobre as antigas tradições do genio germanico; em Portugal, Garrett ao iniciar a transformação romantica da litteratura, presentiu o criterio novo interrogando no seu Romanceiro a tradição popular. Os escriptores mais originaes e queridos do povo portuguez, os que exerceram uma acção mais profunda, como Gil Vicente e Camões, Jorge Ferreira e Garrett, foram os que se inspiraram directamente das tradições populares; e assim como por estas se avalia a originalidade e fecundidade das creações litterarias, são ellas tambem o meio mais seguro de actuar na consciencia nacional e de infundir vigor no seu individualismo.

Os *Cantos populares do Brazil* são o deposito augusto conservado da vida moral transmittido pela mãe patria: sob este aspecto, vem elles completar a tradição portugueza, tão apagada já no continente, e tão vigorosa nas colonias distantes, como se vê pelos opulentos thesouros dos *Cantos populares do Archipelago açoriano*, e pelo *Romanceiro do Archipelago da Madeira*. Este facto é uma lei da historia que se confirma com a poesia de outras nações; é nas colonias distantes que

se dá a persistencia tradicional, que vem a reagir n renascimento moral da metropole. Nas colonias grega da Asia Menor, nas luctas de assimilação entre as tribu jonicas e eolicas, é que se elaboraram as epopêas hó mericas, que deram á Grecia essa cohesão moral con que resistiu á invasão da Persia, salvando os destino da civilisação do Occidente. [1] Dá-se o mesmo phenomen com a Italia, cujos veios tradicionaes apresentam a su maior riqueza nas ilhas da Sicilia, da Sardenha e d Corsega, como o affirma Rathery; e emquanto a Hespa nha era asphyxiada pelo intolerantismo catholico, qu pelos seus *Indices expurgatorios* prohibia os cantos d povo, faziam-se as primeiras collecções de Cantos tradi cionaes de Nagera e Martin Nucio, para acudir ás ne cessidades de sentimento dos soldados expedicionario nas guerras da Italia e dos Paizes Baixos. Tambem a primeiras investigações da poesia tradicional da Finlan dia, pelo bispo Porthan em 1786 só se tornaram fecun das quando novos eruditos, como Topelius em 1820, e Lönrot em 1832, levaram as suas investigações fóra d propria Finlandia, pelas colonias dos emigrantes de Ar khangel, no districto de Wuokkiniemi, na Carelia, n Laponia e na Siberia. Na Pequena-Russia dá-se um facto semelhante: « Conhecem-se as *bylinas* russas que cele bram os feitos de Vladimir, principe de Kief, d'Ilia, d

[1] Ottf. Müller, *Hist. da Litteratura grega*, t. 1, p. 92 trad. Hildebrand.

Alecha Popovitch, e outros derrubadores de Tartaros e dragões. O que ha aqui de extranho, é que estas *bylinas* são cantadas de um ao outro extremo da Grande-Russia, a ponto de se colligirem sobre o Onega, sobre o Moscova, sobre o Volga, ao passo que na Pequena-Russia são desconhecidas do povo. É precisamente nos arredores d'esta cidade de Kief, em cujas barreiras velaram os heroes d'essas lendas e que conserva nas suas catacumbas o corpo de Ilia de Murom, que o aldeão perdeu completamente a memoria dos seus feitos. » [1]

No renascimento da poesia tradicional portugueza repete-se este phenomeno importante de ser na emigração que Garrett conheceu a existencia de um Romanceiro nacional, e de ser do elemento colonial que provieram as principaes riquezas poeticas que acordaram o interesse dos criticos. Costa e Silva colligiu da versão oral de uma senhora de Goa o romance popular da *Donzella guerreira,* que imprimiu como thema originario do seu poema *Isabel ou a Heroina de Aragão;* e Garrett, recordando-se da sua infancia, aponta a circumstancia que o levou ao desenvolvimento do seu Romanceiro: «Foi o caso, que umas criadas velhas de minha mãi, e uma *mulata brazileira* de minha irmã, appareceram sabendo varios romances... » [2] Aqui o phenomeno individual

[1] Rambaud, *O Congresso archeologico de Kief.* (Rev. des Deux Mondes, 1874, p. 803).

[2] *Romanceiro,* t. I, p. XVI.

explica o phenomeno social; a colonia conserva o esta do da civilisação que recebeu em uma dada época que o isolamento torna estavel, da mesma fórma que individuo quanto mais se immerge nas infimas camadas sociaes mais persiste na situação psychologica rudimentar de que já estão afastadas as classes cultas. Tal é phenomeno da sobrevivencia dos costumes entre o povo. Na investigação dos *Cantos populares do Brazil*, a vitalidade da tradição poetica despertou o interesse dos criticos longe da capital, no Maranhão, onde o mallogrado Celso de Magalhães começou a sua colheita de Romances, em Sergipe, terra natal de Sylvio Roméro, que continuou em Pernambuco as suas pesquizas durante o curso academico, e no Rio Grande do Sul, onde Carlos Koseritz colligiu os cantos lyricos. Além do seu valor nacional, estes trabalhos vêm completar a serie de investigações nà área colonial, tão fecunda como se vê pelos Romanceiros dos archipelagos dos Açores e Madeira, e que agora nos explicam a razão por que é que Portugal sobreviveu sempre como nacionalidade através das mais profundas catastrophes. É porque possuia uma tradição profunda.

Para atacar esta nacionalidade foi preciso fazer esquecer ao povo os seus cantos, substituindo-os por orações funebres. D. João de Mello, bispo de Coimbra, mandou compôr um catechismo e fel-o decorar á força pelos povos das aldéas: «era muito para louvar a Deus vêr andar os rusticos aldeanos trabalhando no campo,

e juntamente *cantando em logar de outras cantigas*, a doutrina do papel, para lhes ficar na memoria.» [1] Sabe-se como o Padre Ignacio de Azevedo, arrebanhava as crianças sob o Pendão da Santa Doutrina e lhes fazia decorar versos de jaculatorias insulsas, e como Frei Antonio de Portalegre metrificava a Paixão para eliminar do vulgo o gosto dos romances heroicos. A tradição apagava-se em Portugal, e a nacionalidade cahia e incorporava-se como provincia á Hespanha sem protesto e sem dignidade. Pelas *Decadas* de Diogo do Couto é que se conhece como a tradição revivescia nas conquistas da India; traz o chronista muitos romances allusivos a factos historicos e a situações notaveis. Citaremos algumas das suas referencias:

Pelos campos de Salsete
mouros mil feridos são;
vae-lhes dando no encalso
o de Castro D. João.
Vinte mil eram por todos...

(*Decada* VI, liv. 4, cap. 10).

Satyrisavam em Goa o vice-rei D. Constantino de Bragança com este romance:

Mira Nero da janella
la nave como se haria.

(*Decada* VII, liv. 9, cap. 17).

1 Padre Manoel Bernardes, *Ultimos fins do homem*, p. 405.

Na Decada IV, livro 8, cap. 11, traz esse estribil lyrico:

Olival,
Olival verde,
Azeitona preta,
Quem te colhera!

E com relação a dadas situações dos guerreiros, a lude aos romances com que entre si se entendiam:

Dom Duarte, Dom Duarte
mal caballero provado.
(*Decada* VII, liv. 5, cap. 3).

Entram os gregos em Troya
tres a tres e quatro e quatro.
(Ibid. VIII, cap. 32).

Vámonos, dixo mi tio,
a Paris, essa ciudad
nom en trajos de Romeros
porque no os conosca Galvan...
(Ibid. IX, cap. 12).

Nas obras de Camões ha muitas referencias aos r mances tradicionaes, sobretudo nas Cartas que escrev da India; vê-se que longe da metropole a poesia co servava todo o seu vigor. Estes factos nos levam a i ferir que na primeira época da colonisação do Brazil

veria ter existido uma forte corrente de poesia tradicional, não inferior á que se manifestava na India; porém os documentos faltam, e o unico trecho citado pertence ao elemento negro, o *Vem cá, Vitu*. O que se póde concluir, sendo o elemento colonial do Brazil o mesmo que o da India, é que as tradições poeticas na população brazileira foram não só deturpadas pelas tradições da classe negra e do selvagem, como systematicamente esquecidas pelo desprezo que sobre ellas attrahiram os Jesuitas com a sua direcção moral. O que os Jesuitas fizeram em Portugal repetiram-no no Brazil; o padre Fernão Cardim, descrevendo as aldeias de indios catechisadas, falla das crianças que elles educavam: «Estes meninos fallam o portuguez, *cantam a doutrina pela rua* e encommendam as almas do purgatorio.»

Como é que renasceu a poesia tradicional nas diversas provincias do Brazil, a ponto de apresentar hoje uma efflorescencia que espanta? Explicamol-o, além de uma persistencia provincial espontanea, pela cooperação permanente da emigração portugueza do Minho e em especial das ilhas dos Açores e Madeira. O romance do *Casamento mallogrado*, (n.º 10) allusivo á morte do principe D. Affonso, filho de D. João II, que se repete em Sergipe, já sem sentido, é corrente nas versões açorianas, na ilha de Sam Jorge; o romance de *Juliana e Jorge*, (n.os 19 e 20) que se repete em Pernambuco e no Ceará, está esquecido em Portugal, e sómente se repete na ilha de S. Miguel, onde o colligiu o snr. Arru-

da Furtado. Podemos dizer que se perdeu na tradição continental, pois que subsiste apenas na Catalunha, na versão colligida por Milá y Fontanals. A endexa da *Mulatinha,* (n.º 34) que tende a obliterar-se na tradição de Sergipe na fórma de parodia, acha-se unicamente na ilha da Madeira, com o titulo de *A Mulatona,* completa e com uma graça inexcedivel. A emigração portugueza para o Brazil alimenta esta persistencia tradicional, sem comtudo tirar a cada provincia o caracter da sua elaboração local. Pelas investigações de Celso de Magalhães, de Sylvio Roméro, de Araripe Junior e de Carlos de Koseritz, já se póde definir a feição da poesia tradicional e popular de cada provincia. Na Bahia, a séde antiga da colonia, preponderou o elemento negro, e um desenvolvimento de cantos lyricos subordinados a esse baile lascivo tão caracteristico chamado o *bahiano.* Os pontos mais frequentados soffreram esta mesma obliteração tradicional, como se observa em Pernambuco com a sua população mercantil e maritima, e no Rio de Janeiro, onde prevaleceu a *modinha* conservada pelo elemento feminino. No Rio Grande do Sul assiste-se á decadencia e transformação dos cantos heroicos em lyricos; alli se conserva o typo d'aquella cantiga do seculo XVII:

Gavião, gavião branco,
Vae ferido, vae voando...

que D. Francisco Manuel intercalou no *Fidalgo apren-*

diz, que encantava tanto Garrett, e que elle debalde tentava acabar, quando a voz do povo corta a difficuldade com o improviso:

Isto são saudades minhas
Que o vão acompanhando.

Nos cantos lyricos do Rio Grande do Sul vem como quadrinhas estrophes narrativas dos romances do *Conde da Allemanha*, da *Sylvana* e *Conde Alarcos*.[1] Este facto tambem se dá em Portugal, como vemos pelas *Musicas e Canções populares* colligidas por Neves e Mello:

Mangerona bate á porta,
Alecrim vai vêr quem é...
(Op. cit., pag. 84)

É assim que começa o romance do *Bernal francez* na versão insulana:

Alecrim bateu á porta,
Mangerona quem está ahi?

A provincia do Maranhão é a que apresenta mais riquezas tradicionaes, posto que esteja menos explorada. Um rapaz de talento, Celso de Magalhães, morto prema-

[1] Vid. vol. II, pag. 8 e 9.

turamente em 1879, iniciou essa empresa com uma e vada intuição critica. Diz elle: « Declaramos que tem unicamente colligidos por escripto os romances do *Be nal francez, Ndo Catherinetta* e *Dom Barão,* e que outros que houvermos de comparar, foram ouvidos, verdade, mas não pudemos tel-os por escripto por ca sa da grande difficuldade que encontramos nas pesso que os sabiam, as quaes sómente podiam repetil-os ca tando, e quando paravam não lhes era possivel continu sem recomeçar. » [1] É um estado psychologico primitiv que garante a pureza archaica da transmissão tradici nal. Os romances conhecidos nas versões populares d Maranhão por Celso de Magalhães são: *O Passo de Ro cesval,* de que cita os versos:

Sete feridas no peito
A qual será mais mortal,
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar;
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.

Da *Moreninha,* cita Celso de Magalhães este final:

— D'onde vindes, mulher minha,
Que vindes tão isentada?
Ou tu me temes a morte,

[1] *O Trabalho* (Recife) de 31 de maio de 1873.

Ou tu não és bem fadada?
«Eu a morte não a temo
Pois d'ella hei de morrer;
Temo só os meus filhinhos,
D'outra mãi podiam ser...
— Confessa-te, mulher minha,
Faze acto de contrição
Que te não tornas a vêr
Nos braços de frei João.

Celso de Magalhães allude aos seguintes romances que ouvira, *Dom Martinho de Avisado, Noiva roubada, Encantada, Alferes matador, Sylvana, Dom Pedro, Filha do Imperador de Roma, Dona Angela de Mexia, Casamento e Mortalha,* e a versão pernambucana da *Mulher do nosso mestre,* variante da *Dona Areria;* ha colligidas por elle *Dom Carlos de Montealbar, Flor do dia, Juliana* e *Branca Flor.*

A par do Maranhão está Sergipe na abundancia de cantos tradicionaes e populares; foi durante a ausencia d'esta provincia, sua terra natal, que Sylvio Roméro emprehendeu uma collecção de *Cantos e Contos do povo sergipano;* foi este o primeiro nucleo do trabalho que constitue os seus *Materiaes para a Historia da Litteratura brazileira.* O professor Sylvio Roméro começou pela necessidade de reagir contra a prolongação do romantismo sentimental e extemporaneo na sociedade brazileira, chamando os novos espiritos, tantas vezes devorados por um lyrismo anarchico tomado a serio,

para o campo saudavel das tradições populares; á medida que alargava a área das investigações em Pernambuco e Rio de Janeiro, ia achando as bases da disciplina critica tão necessaria no desenvolvimento de uma litteratura sem intuito. Sylvio Roméro comprehendeu que a Poesia popular do Brazil não seria bem conhecida na sua origem e desenvolvimento nacional sem o estudo dos seus elementos ethnicos; foi este o lado original dos seus estudos, pela primeira vez apresentados na *Revista brazileira*. Os tres elementos ethnicos do povo brazileiro, o *europeu* da primeira colonisação e das emigrações subsequentes, o *africano*, dos trabalhadores escravos, e o indigena ou *tupi* aproximado pela catechese cruzaram-se em proporções differentes produzindo uma mestiçagem com aptidões novas segundo a orientação de cada um dos elementos preponderantes. Os grandes antropologistas modernos chegaram á conclusão de que nenhuma das raças humanas tal como actualmente existem é pura; todas se conservaram nas suas difficeis acclimações por meio da mestiçagem. Foi este o processo natural e espontaneo com que os portuguezes se tornaram os mais tenazes colonisadores. Sylvio Roméro procurou na poesia popular do Brazil a expressão d'estes elementos; avaliando a situação especial em que se achava, escrevia: «Temos a *Africa* em nossas cozinhas, a *America* nas nossas selvas, e a *Europa* nos nossos salões...» De facto em algumas provincias definem-se com clareza estes elementos através da mestiçagem de

tres seculos; nos cantos da Bahia accentua-se a sentimentalidade do negro, como nas *Tayeras;* no Ceará prepondera o tupi, apresentando ali a poesia a fórma especial narrativa da vida sertaneja dos *Vaqueiros,* costumados ás grandes luctas e corridas para submetter os bois indomaveis. O *Rabicho da Geralda,* o *Boi Espacio* e a *Vacca do Burel* são rudimentos épicos que só serão apreciados conhecendo a situação particular d'aquella provincia. Este genero poetico primeiramente estudado por José de Alencar, tem sido mais largamente investigado por Araripe Junior. É d'estes varios elementos ethnicos que se compõe o povo brazileiro, entre o qual se transmittem as tradições poeticas; Sylvio Roméro distingue as suas diversas feições: « Os habitantes das matas são dados á lavoura e chamados *matutos* em Pernambuco, *tabareos* em Sergipe e Bahia, *caypiras* em Sam Paulo e Minas, e *mandiocas* em algumas partes do Rio de Janeiro. Tambem são em geral madraços, e elevam o seu ideal a possuir um cavallo, um *pequira,* como chamam. » É entre esta gente que se canta *A Mutuca,* (n.° 27) o *Redondo, sinhá,* (n.° 28) quer no trabalho dos campos, quer quando se reunem á lareira, ou quando dansam cantando *O senhor Pereira de Moraes.* (n.° 26) « Os homens das praias e margens dos grandes rios são dados ás pescas; raro é o individuo d'entre elles que não tem sua pequena canôa. Vivem de ordinario em palhoças, ora isoladas, ora formando verdadeiros aldeamentos. São chegados a rixas e amigos da pinga e

amantes da *viola*. Levam ás vezes semanas inteiras dansando e cantando em *chibas* ou *sambas*. Assim chamam umas funcções populares em que ao som da viola, do pandeiro, e de improvisos, ama-se, dansa-se e bebe-se. Quasi todo o praieiro possue o instrumento predilecto. » [1]

Os improvisos são as quadras octosyllabas a que se chama *Versos geraes*, formando por vezes pequenos grupos com retornellos e transitando assim para a fórma tão peculiar da *Modinha* ou cançoneta. Muitas das *quadrinhas* brazileiras são communs ás versões oraes portuguezas do continente e ilhas, o que facilmente se explica pela renovação dos immigrantes. Alguns costumes da lavoura, como as *bessadas* do Minho, persistem na agricultura do Brazil, sendo essa concorrencia cooperativa um pretexto para dansar e cantar; da mesma fórma, os costumes do Natal e Reis continuam o que nas cidades e populações ruraes se pratica em Portugal, com a differença que esses cantos são muitas vezes de origem individual, vulgarisando-se entre o povo, os *capadocios* ou *cafagestes* das cidades. As canções são a fórma predilecta das mulheres, e na provincia do Rio de Janeiro é que a *Modinha* encontrou o seu maior desenvolvimento na linguagem e na musica. Não discutimos agora a origem tradicional da *Modinha*, [2] cujo typo se conserva

[1] *Revista brazileira*, t. I, p. 198.

[2] Vid. *Questões de Litteratura e Arte portugueza*, pag. 61.

ainda entre o povo portuguez; [1] quando uma certa tendencia de individualismo nacional se ia manifestando na população brazileira, a *Modinha* recebe um relêvo litterario de tal ordem, que veiu no seculo XVIII renovar o lyrismo portuguez que se extinguia na insipidez das Arcadias. As *Lyras* de Gonzaga tornaram-se mais bellas com a triste realidade dos seus amores desgraçados; o *mulato* Caldas encantava a aristocracia lisbonense com os requebros melodicos das *Modinhas,* contra as quaes reagiam Filinto Elysio, que embirrava com os versos de redondilha menor, e Bocage que invejava a celebridade do padre mulato. A *Modinha* trazida do Brazil, deslumbrava em Lisboa esse pittoresco observador Beckford, Strafford e Kinsey, e perpetuava-se entre o povo. Ainda hoje se canta a *Marcia bella,* da qual diz o marquez de Rezende: « o surdissimo conde de Soure... casado com a excellente filha do marquez de Marialva D. Maria José dos Santos e Menezes, cuja engraçada formusura foi com o nome de *Marcia bella* celebrada nas primeiras *modinhas finas* portuguezas, que por esse tempo compoz e depois publicou sob o pseudonymo de Lereno o douto Caldas Barbosa. » [2] Uma igual assimilação popular se observa no Brazil; escreve Sylvio Roméro: « O poeta teve a consagração da popularidade. Não fallo d'essa que adquiriu em Lisboa, assistindo a festas e improvisando á

[1] Vid. *Annuario das Tradições portuguezas,* pag. 19 a 24.
[2] *Panorama,* tom. XII, pag. 212.

viola. Refiro-me a uma popularidade mais vasta e mai justa. Quasi todas as cantigas de Lereno correm na bo ca do povo, nas classes plebeias, truncadas ou ampliada Tenho d'esse facto uma prova directa. Quando em algu mas provincias do norte colligi grande cópia de canções populares, repetidas vezes recolhi cantigas de Calda Barbosa como anonymas, repetidas por analphabetos.»[1] O enthusiasmo pelas *Modinhas* brazileiras em Portugal no meado do seculo XVIII, além dos traços magistraes de Tolentino, acha-se alludido em um entremez de 1786 *A rabugem das velhas:* « Pois minha riquinha avó, est *modinha* nova que agora se inventou é um mimo; a to dos deve paixão.» A velha desespera-se e começa a exaltar o seu tempo passado: « não tornem outra vez a cantar *Cegos amores, Laços quebrados* e outras seme lhantes asneiras; parece-lhes que tem muita graça ma enganam-se. Valiam mais duas palavras das cantigas d meu tempo. Ah, mana... quando nós cantavamos o *Mi nuete das praias, Bellerma misera,* a engraçada *Filhot* e a modinha do *Senhor Francisco Bandalho!* isso é qu era deixar a todos com a bocca aberta; mas hoje não s ouve mais do que Amores e outras semelhantes nica que me aborrecem, e digo que não quero ouvil-as v. m cantar, tem-me percebido.» Tolentino allude á modinh do *Senhor Francisco Bandalho,* assim pelo estylo da c

[1] *Introducção á Historia da Litteratura brazileira,* pa 45.

or Pereira de Moraes dos bailes desenvoltos; em
utro entremez do *Figurão da Peraltice*, vem inter-
las duas estrophes da *Belerma misera*, com que as
as damas reagiam contra as modas novas de 1786:

Belerma misera
Suspira e sente
A ausencia dura
Do seu valente
Galhardo amor.

Se agora em cantico
No ár se apura
Vendo-te ausente,
Cysne cantando,
Venho acabar
A minha dôr.

) titulo d'estas modinhas revela-nos a fórma como
i hoje são conhecidos os grupos dos *Versos geraes*
razil; é o primeiro verso o que designa todo o gru-
e quadrinhas, como *Paixão de amor já te tive*, (n.°
Meu coração sabe tudo, (n.° 113) *Cravo rôxo de-
io*, (n.° 122) *Quem quer bem não tem vergonha*, (n.°
e outras que se vão destacando pelas melodias de
se tornam a letra exclusiva. O typo da *modinha*, a
ição tão graciosa dos retornellos como a preoccu-

pação de uma idéa constante, persiste nos processo rythmicos de todos os grandes lyricos brazileiros mo dernos, como Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Cas tro Alves, Fagundes Varella, que tiveram a intuição pro digiosa d'esta relação tradicional com o seu modo de sentir individual. A melodia das modinhas, que Strafford considerava como o elemento organico para a creação da Opera portugueza, foi tambem comprehendida pelo genio brazileiro, que tomou pósse d'essa nova fórma de arte.

Ha nos *Cantos populares do Brazil* documentos cu riosissimos que nos mostram como um povo no meio das suas festas inventa as fórmas dramaticas; na secção dos *Reinados* e *Chegança*s, são os Autos rudimentares: *Os Marujos,* (n.° 69) *Os Mouros,* (n.° 70) e o *Cavallo Mari nho e Bumba, meu boi.* (n.° 77) Em Portugal, nas festas e procissões das aldeias ainda se repetem Autos analo gos sobre os mesmos assumptos, como as *Mouriscadas* açorianas, infelizmente ainda não colligidos, a não ser o Auto de Santo Antonio, da ilha de S. Jorge. Ainda hoje se podem estudar na persistencia dos costumes popula res os elementos tradicionaes de que se serviu Gil Vi cente para a creação dos Autos, Farças e Tragicome dias. Os villancicos do Natal e cantigas das Janeiras e Reis serviram de primeiro modêlo ao creador do theatro portuguez, como se vê no seu monologo do *Vaqueiro*; os romances e cantigas populares eram intercalados nos seus Autos, da mesma fórma que na tradição brazileira ainda hoje o romance da *Não Catherineta* e a *Canção de*

marujo vem intercalados no auto rudimentar dos *Marujos*.

A importancia scientifica que adquire a tradição popular em todas as suas manifestações está constituindo hoje um corpo de documentos espantosos a que se dá o nome de *Folk-Lore*; ha ramos que só por si formam uma vasta sciencia subsidiaria, como a Novellistica popular sobre os processos comparativos de Benfey, de Kœhler e de outros espiritos eminentes, que seguem a decadencia dos mythos primitivos até ás simples facecias vulgares e parlendas infantis através das raças as mais afastadas e das civilisações as mais conscientes. O Brazil já se acha dignamente representado n'esta ordem de estudos, que tem por destino fornecerem á psychologia as manifestações mais francas da affectividade, á critica os elementos primarios e eternos das creações artisticas, e á pedagogia o vehiculo mais seguro para levar á alma da criança um interesse mental que lhe põe gradativamente em acção todas as suas faculdades. Para proseguir n'estes novos estudos importa comprehender o que se chama a poesia popular.

Esta designação de *poesia popular* é imperfeita, porque comprehende: 1.º a *tradição*, oral ou escripta, transmittida sem conhecimento da sua proveniencia; 2.º a *vulgarisação* ou popularidade de certos cantos individuaes; 3.º o *syncretismo* d'estes dous elementos: *a*) como *abreviação*, na expressão oral, *b*) ou como *ampliação* escripta pelos homens cultos, que communicam com o povo

ou se inspiram directamente do meio popular. Estas distincções de uma designação tão complexa não são speciosas, e foram estabelecidas com o desenvolvimento da critica; a Fernando Wolf cabe o ter explicado a differença intima que existe entre o que é *tradicional* e o que é *popular*, não sendo incompativeis entre si e nem sempre sendo homogeneos os dous productos. Walter Scott chegou a explicar o processo da formação da poesia popular pelos accidentes que determinavam a *abreviação* oral, da mesma fórma que algumas tradições carlingianas ou arturianas se *ampliaram* pelos troveiros nas Gestas francezas e novellas cavalheirescas. Assim como nas camadas inferiores da sociedade é que persiste o typo antropologico que se obliterou na mestiçagem historica, é tambem n'ellas que se conservam os dados da tradição primitiva, transmittidos através de todas as suas decadencias ou transformações; é n'este ponto que o que é *popular* tem quasi sempre o caracter *tradicional*, havendo tambem productos individuaes transmittidos na corrente da vulgarisação. Esta parte só nos interessa para revelar os modos de assimilação e como um certo numero de tradições deveria ter tido uma origem individual. Nos *Cantos populares do Brazil* ha uma parte tradicional, que se liga ao romanceiro e cancioneiro do occidente da Europa, cuja unidade foi já determinada por Nigra, Paul Meyer, Liebrecht; ha uma outra parte filha da improvisação individual e portanto *popularisada*. É esta, talvez, mais importante em quanto á re-

ão do genio de um novo producto ethnico que en-
. corrente historica. Dizia Gregorovius, que as insti-
ões separam, mas que as tradições unificam; isto vê-
com Portugal e o Brazil, separados pelas suas diver-
atividades e interesses politicos, mas irmãos perante
esmas tradições poeticas, e consequentemente orgãos
xpansão d'essa Civilisação occidental, cujas tradições
s e lyricas são communs á Hespanha, á França, á
. e á Grecia moderna.

THEOPHILO BRAGA.

CANTOS POPULARES DO BRAZIL

PRIMEIRA SERIE

Romances e Xacaras

ORIGENS: DO PORTUGUEZ E DO MESTIÇO; TRANSFORMAÇÕES PELO MESTIÇO

1

Dona Infanta

(Rio de Janeiro)

Estava Dona Infanta
No jardim a passear,
Com o pente d'ouro na mão
Seu cabello penteava;
Lançava os olhos no mar,
N'elle vinha uma armada.
Capitão que n'ella vinha
Muito bem a governava.

«O amor que Deus me deu,
Não virá na vossa armada?
— Não o vi, nem o conheço,
Nem a sina que levava.

« Ia n'um cavallo d'ouro
Com sua espada dourada,
Na ponta de sua lança
Um Christo d'ouro levava.
— Por signaes que vós me déstes
Lá ficou morto na guerra;
Debaixo d'uma oliveira
Sete facadas lhe déra.
« Quando fordes e vierdes
Chamai-me triste viuva,
Qu'eu aqui me considero
A mais infeliz sem ventura.
— Quanto me dareis, senhora,
Si vos eu trouxel-o aqui?
« O meu ouro e minha prata,
Que não tem conta nem fim.
— Eu não quero a tua prata,
Que me não pertence a mim;
Sou soldado, sirvo ao rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Si vol-o trouxer aqui?
« As telhas de meu telhado
Que são de ouro e marfim.
— Eu não quero as tuas telhas,
Que me não pertence' a mim;
Sou soldado, sirvo ao rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Si vol-o trouxer aqui?
« Tres filhas que Deus me deu
Todas te darei a ti,
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,

A mais linda d'ellas todas
Para comtigo casar.
— Eu não quero tuas filhas,
Que me não pertence' a mim;
Sou soldado, sirvo ao rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Si vos eu trouxel-o aqui?
« Nada tenho que vos dar
E vós nada que pedir.
— Muito tendes que me dar,
Eu muito que vos pedir:
Teu corpinho delicado
Para commigo dormir.
« Cavalleiro que tal pede
Merece fazer-se assim:
No rabo de meu cavallo
Puxal-o no meu jardim!
Vinde, todos meus criados,
Vinde fazer isto assim.
— Eu não temo os teus criados,
Teus criados são de mim.
« Si tu eras meu marido,
Porque zombavas de mim?
— Para vêr a lealdade
Que vossê me tinha a mim.

2

A noiva roubada

(Rio de Janeiro)

— Deus vos salve, minha tia,
Na sua roca a fiar!
« Si tu és o meu sobrinho,
Tres signaes has de me dar.
— Qu'éd'êl-o meu cavallo
Qu'eu aqui deixei ficar?
« O teu cavallo, sobrinho,
Está no campo a pastar.
— Qu'éd'el-a minha espada
Qu'eu aqui deixei ficar?
« A tua espada, sobrinho,
Está na guerra a batalhar.
— Qu'éd'el-a minha noiva
Qu'eu aqui deixei ficar?
« A tua noiva, sobrinho,
Está na igreja a se casar.
— Selle, selle o meu cavallo
Qu'eu quero ir até lá;
Eu andei por muitas terras
Sempre aprendi a fallar.

— Deus vos salve, senhora noiva,
N'este seu rico jantar.
« Si é servido da boda,
Apeie-se e venha manjar.

— Eu não quero a sua boda,
Nem tambem o seu jantar,
Só quero fallar com a noiva
Um certo particular.

3

O Bernal Francez

(Rio de Janeiro)

«Quem bate na minha porta,
Quem bate, quem está ahi?
— É Dom Bernaldo Francez,
A sua porta mande abrir.

No descer da minha cama
Me cahiu o meu chapim;
No abrir da minha porta
Apagou-se o meu *candil.*
Eu levei-lhe pelas mãos,
Levei-o *no* meu jardim;
Me puz a lavar a elle
Com agua de alecrim;
E eu como mais formosa
Na agua de Alexandria.
Eu *lhe* truxe pelas mãos,
Levei-o *na* minha cama.
Meia noite estava dando.
Era Dom Bernaldo Francez;
Nem sonava, nem movia,
Nem se virava p'ra mim.

« O que tendes, Dom Bernaldo,
O que tendes, que imaginas?
Si temes de meus irmãos,
Elles estão longe de ti;
Si temes de minha mãi,
Ella não faz mal a ti;
Si temes de meu marido,
Elle está na guerra civil.
— Não temo dos teus irmãos,
Qu'elles meus cunhados são;
Não temo de tua mãi,
Qu'ella minha sogra é;
Não temo de teu marido,
Qu'elle está a par comtigo.
« Matai-me, marido, matai-me,
Qu'eu a morte mereci;
Si tu eras meu marido
Não me dava a conhecer.
— Ámanhã *de p'ra manhã*
Eu te darei que vestir;
Te darei saia de ganga,
Sapato de berbatim;
Trago-te punhal de ouro
Para te tirar a vida...

.....
O tumulo que a levava
Era de ouro e marfim;
As tochas que acompanhavam
Eram cento e onze mil,
Não fallando de outras tantas
Que *ficou* atraz p'ra vir.

« Aonde vai, cavalleiro,

Tão apressado no andar?
— Eu vou vêr a minha dama
Que já ha dias não a vejo.
« Volta, volta, cavalleiro,
Que a tua dama já é morta,
É bem morta que eu bem vi,
Si não quereis acreditar
Vai na capella de São Gil.
— Abre-te, terra sagrada,
Quero me lançar em ti.
« Pára, pára, Dom Bernaldo,
Por mode ti já morri ».
— Mas eu quero ser frade
Da capella de São Gil;
As missas que eu disser
Todas serão para ti.
« Não quero missas, Bernaldo,
Que são fogo para mim:
Nas filhas que *vós tiver*
Botai nome como a mim;
Nos filhos que *vós tiver*
Botai nome como a ti.

4

D. Duarte e Donzilha

(Sergipe)

« Eu não procuro igreja,
Nem rosario p'ra rezar;
Só procuro o lugar
Onde Dom Duarte está.

«Deus vos salve, rainha,
Rainha em seu lugar.»
— Deus vos salve, princeza,
Princeza de Portugal.»
.....
.....
— O que me quereis, princeza,
Que novas quereis me dar?
«É o amor de Dom Duarte
Que inda espero lograr.
— Dom Duarte não está em casa,
Anda n'alçada real.
«Mandai levantar bandeira
Para dar um bom signal.

Palavras não eram ditas,
Dom Duarte na porta estava:

— O que me quereis, princeza,
Que novas quereis me dar?
«É o amor de Dom Duarte
Qu'inda espero lograr.
— No tempo que eu vos queria,
Me juravam a matar;
Mas hoje que sou casado
Tenho filhos a criar.
.....
— Dai-me licença, senhora,
Dai-me licença real
P'ra dar um beijo em Donzilha
Qu'ella finada já está.
«Dai-lhe quatro, dai-lhe cinco,
Dai-lhe quantos vós poder;

Não tendes mais que beijar
A quem já finada está.

A cova de Donzilha
Foi na porta principal;
A cova de Dom Duarte
Foi lá no pé do altar.
Na cova de Donzilha
Foi um pé de *sicupira* [1];
Na cova de Dom Duarte
Nasceu um pé de collar.
Foram crescendo, crescendo,
Cresciam ambos igual;
Lá em riba das galhinhas
Lá se foram abraçar.
A viuva que viu isto,
Logo mandou decotar;
Si haviam brotar leite,
Brotaram sangue real.

5

D. Maria e D. Arico

(Rio de Janeiro)

— O que é isto que aqui está
No pino da meia noite?
Si tu és alma em pena
Remedio te quero dar,

1 Ou sucopira, *Bovodichia major.*

Si és cousa d'outro mundo
Quero-te desconjurar.
« Eu não sou alma em pena
Para vós remedio me dar,
Nem sou cousa d'outro mundo
Para vós me desconjurar.
Lá de traz d'aquella esquina
Estão sete a vos esperar.
— Pelos sete que lá estão
Meu pé atraz não voltaria,
Dom Arico ha de cear
Em casa de Dona Maria.
Não jógo jogo de bala
Qu'é jogo de covardia,
Jógo com jogo de espada
Qu'é jogo de valentia.

Dom Arico matou seis;
Ficou um por mais somenos,
D'elle conta não fazia.
Este atirou-lhe uma bala
Da mais alta que havia,
A bala cahiu no peito
E o peito lhe feria,
Dom Arico foi cahir
Na porta de Dona Maria;
Pelos ais e os gemidos
Acordava quem dormia.

— O que não dirão agora?
Que mataram este coitado,
Que morreu de mal de amores,
Que é um mal desesperado!
Si me acharem aqui morto

Não me enterrem no sagrado;
Me enterrem em campo de rosas
Das quaes eu fui namorado.
Trazei papel, trazei tinta,
Trazei vossa escrevaninha,
Eu quero escrever saudades
No vosso peito, Maria.

6

O Conde Alberto

(Sergipe)

Soluçava Dona Sylvana
Por um corredor que tinha,
Que seu pai não a casava,
Nem esta conta fazia.

— Eu não vejo n'este reino
Com quem case filha minha;
Só si fôr com Conde Alberto [1].
Este tem mulher e filhos.
« Com este mesmo é que eu quero,
Com este mesmo eu queria:
Mandai vós, ó pai, chamal-o
Para vossa mesa um dia.
— Corre, corre, cavalleiro
Dos mais ligeiros que tenho,
Vai dizer ao Conde Olario
Que venha jantar commigo. »

1 Outros dizem *Conde Olario.*

— «Inda hontem vim da côrte
Que Dom Rei me fez chamar;
Não sei se será p'ra bem,
Ou si será p'ra meu mal.
.....
— P'ra matares a Condessa,
E casar com minha filha.»
— «Como isto póde ser,
Como isto nunca seria?
Descasar um bem casado
Cousa que Deus não faria?
— Instantes te dou de hora
Que reze uma Ave-Maria,
Que me mandes a cabeça
N'esta formosa bacia.
.....
= Contaes, marido, tristezas,
Como quem conta alegria!»
— «Não sei que vá vos contar
Que já é em demasia».
A mesa já estava posta,
Nem um, nem outro comia;
As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corria [1].

[1] Segue-se a despedida da Condessa aos filhos e a morte da fanta; a tradição não dá conta do resto do romance.

7

D. Carlos de Montealbar

(Sergipe)

« Deus vos salve, senhor Dom Carlos;
O senhor que fazia lá?
— Me arrumando, senhora,
Para comtigo brincar.

Quando estavam a brincar,
Um cavalleiro vêem passar;
Dom Carlos como ardiloso
Logo quiz o degolar.

— « Não me mate o cavalleiro,
Qu'é do reino de meu pai.
« Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pai não vai contar,
Qu'eu te darei ouro e prata
Quanto possas carregar.
— « Eu não quero ouro e prata
Que a senhora não m'os dá;
Brinquedos que vi aqui
A meu rei irei contar.
« Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pai não vai contar,
Qu'eu te darei minha sobrinha
Para comtigo casar.
— « Não quero sua sobrinha
Que a senhora não m'a dá;

Folguedos que vi aqui
A meu rei irei contar.
« Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pai não vai contar,
Te darei o meu palacio
Com todo o meu cabedal.
— « Não quero o seu cabedal,
Que a senhora não m'o dá,
Que isto que eu vou contar
Muito mais me ganhará.
. . . . . .
— « Novas vos trago, senhor,
Novas eu vos quero dar;
Eu topei a Claraninha
Com Dom Carlos a brincar;
Da cintura *para riba* [1]
Muitos beijos eu vi dar;
Da cintura para baixo
Não vos posso mais contar.
— Si me contasses occulto,
Meu reino te *havera* [2] dar;
Como contasse de publico,
Mandarei-te degolar.
Vão-me buscar a Dom Carlos,
Depressa, não devagar;
Carregado bem de ferros
Que não possa me fallar.
— Vão buscar meu tio bispo,
Qu'eu me quero confessar
Antes que chegue a hora
Que me venham degolar.

1 Para *cima*.
2 Por houvera.

— «Deus vos salve, meu sobrinho,
Qu'em sua prisão está;
Por amor de Claraninha
Lá te vão a ti matar;
Toda a vida eu te disse
Que tu deixasses de amar:
Claraninha era impedida,
Poderiam-te matar.
— Sáia-se d'aqui, meu tio,
Não me venha a enfadar;
Mais val eu morrer por ella
Do que deixal-a de amar.
Chiquitinho, Chiquitinho,
Que sempre me foi leal,
Vai dizer á Claraninha
Que já me vão me matar;
Si meus olhos vir os d'ella
Minha alma se salvará.

— «Deus vos salve, Claraninha,
Que no seu estrado está;
Dom Carlos manda dizer
Que já vai se degolar.
« Criadas, minhas criadas,
Si quereis me acompanhar,
Eu já me vou com o cabello
Faltando por entrançar.
Justiça, minha justiça,
Minha justiça real,
Por aquelle que está alli
Minha vida eu irei dar.
Deus vos salve, senhor Dom Carlos,
Não se dê a desmaiar;
Si a minha alma se perder,

A sua se salvará.
— Conselheiros, conselheiros,
Que conselhos quereis dar:
Qu'eu mate senhor Dom Carlos,
Ou que os mandarei casar?
= O conselho que vos damos
É para os mandar casar,
E pegai este arengueiro
E mandai-o degolar.
« Arengueiro, embusteiro,
O que ganhaste em contar?
— « Ganhei a forca, senhora;
D'ella vinde-me tirar.
« Si eu quizera, bem pudera,
Pois nas minhas mãos está;
Para te servir de emenda
Mandarei-te degolar.

8

D. Carlos de Montealbar

(Versão de Pajehú-de-Flores, apud Celso de Magalhães

« Linda cara tem o conde
Para commigo brincar.
— Mais linda tendes, senhora,
Para commigo casar.

Veiu o caçador e disse:
— « A el-rei irei contar
Que apanhei a Claralinda
Com Dom Carlos a brincar.

« Vem cá, meu caçador,
Caçadorzinho real,
Darei-te villas de França
Que não possas governar,
Darei-te prima carnal
Para comtigo casar.
— « Não quero villas de França,
Nem sua prima carnal;
Com ella não hei-de casar;
A el-rei irei contar,
Mais tem elle que me dar:
Apanhei a Claralinda
Com Dom Carlos a brincar.
De abraços e boquinhas
Não podiam desgarrar,
Da cintura para baixo
Não tenho que lhe contar.
= Si me dissesses occulto,
Posto te havia de dar,
Como dissestes ao publico
Vai-te já a degolar.
Ide guardas já prender
Dom Carlos de Montealbar,
De mulas acavalgadas
Que lhe pesem um quintal;
Dizei a seu tio bispo
Que o venha confessar.
— « Deus vos salve, Clarasinha,
Rainha de Portugal,
Dom Carlos manda dizer
Que o saias a mirar.
Inda que a alma d'elle pene
A sua não penará.
— Levanta-te, Claralinda,

Rainha de Portugal,
Ide defender Dom Carlos
Para não ir a enforcar.
« Que ganhaste, mexeriqueiro,
A meu pai em ir contar?
— « Ganhei a forca, senhora,
D'ella me queira livrar.

9

D. Branca

(Sergipe)

— O que tens, ó Dona Branca,
Que de côr estás mudada?
« Agua fria, senhor pai,
Que bebo de madrugada.
— Juro por esta espada,
Affirmo por meu punhal,
Que antes dos nove mezes
Dona Branca vai queimada.
« Eu não sinto de morrer,
Nem tambem de me queimar,
Sinto por esta criança
Que é de sangue real.
Si eu tivera o meu criado,
Que fôra ao meu mandado,
Escreveria uma carta
A Dom Duarte de Montealbar. »
— « Fazei a carta, senhora,
Que eu serei o mensageiro;
Viagem de quinze dias

Faço n'uma Ave-Maria.
Escreve, escreve, senhora,
Qu'eu serei o teu criado;
Viagem de quinze dias,
No jantar serei chegado.
« Abre, abre, crystallina
Janella de Portugal,
Quero entregar esta carta
A Dom Duarte de Montealbar.

Dom Duarte, que leu a carta,
Logo se pôz a chorar,
Dando saltinhos em terra,
Como baleia no mar.
.....
Dom Duarte se finge frade
P'ra princeza confessar:
Lá no sexto *mandamento*
Um beijo n'ella quiz dar.

« Bocca que Duarte beijava
Não é p'ra frade beijar!

N'isto então se descobria
E com ella já fugia,
E para a bôda a levou.

10

O casamento mallogrado [1]

(Sergipe)

Estava em minha janella
Casada com oito dias,
Entrou uma pombinha branca
Não sei que novas trazia.

«São novas ruins de chorar;
Teu marido está doente
Nas terras de Portugal;
Cahiu de um cavallo branco
No meio de um areial,
Arrebentou-se por dentro,
Corre o risco de finar.

11

A Nau Catherineta

(Sergipe)

Faz vinte e um annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho
Para de noite jantar.
A sola era tão dura,

[1] Anda como final do romance de *D. Branca*.

Que a não pudemos tragar,
Foi-se vendo pela sorte
Quem se havia de matar,
Logo foi cahir a sorte
No capitão-general.
« Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Vê si vês terras de França,
Areias de Portugal.
— Não vejo terras de França,
Areias de Portugal,
Vejo sete espadas finas
Todas para te matar.
« Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Olha p'ra estrella do norte
Para poder nos guiar.
— *Alvistas* [1], meu capitão,
Alvistas, meu general,
Avisto terras em França,
Areias em Portugal.
Tambem avistei tres moças
Debaixo d'um parreiral,
Duas cosendo setim,
Outra calçando o dedal.
« Todas tres são filhas minhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!
A mais bonita de todas
Para comtigo casar.
— Eu não quero suas filhas
Que lhe custou a crear,
Quero a *Nau Catherineta*

1 Alviçaras.

Para n'ella navegar.
« Desce, desce, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Já viste terras em França,
Areias em Portugal...

12

A Nau Catharineta

(Versão do Rio Grande do Sul, por Koseritz)

Ahi vem a *Nau Catharineta,*
Farta de navegar:
Sete annos e um dia
Sobre as ondas do mar.
Não tinham mais que comer,
Nem tão pouco que manjar;
Botaram sola de molho,
P'ra no domingo jantar.
A sola era tão dura
Que não podiam tragar;
Botaram sortes em branco
Ao qual havia de tocar.
A sorte cahiu em preto
No nosso capitão-general;
A maruja era tão boa
Que não o queria matar.

« Sóbe, sóbe, Chiquito,
N'aquelle tópe real,
Vê si vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

— Não vejo terras de Hespanha,
Nem areias de Portugal,
Vejo só tres espadas
Para comtigo batalhar.
« Sóbe, sóbe alli, marujo,
N'aquelle tópe real;
Vê si vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
— Alviçaras, meu capitão,
Alviçaras vos quero dar:.
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal;
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal.
« Todas tres são minhas filhas,
Todas tres vos dera a ti:
Uma para vos lavar,
Outra para vos engommar,
A mais bonita d'ellas todas,
Para comtigo casar.

Palavras não eram ditas,
Chiquito cahiu no mar.

13

Iria-a-Fidalga

(Rio de Janeiro)

Estava sentada
Na minha costura,
Passou um cavalleiro,

Pedindo pousada.
Si meu pai não dera
Muito me pezara.
Botou-se a mesa
Para o de jantar;
Muita comedia,
Pratas lavradas;
Si fez a cama
Com lençoes de renda,
Cobertas bordadas.
Lá p'ra meia noite
Elle alevantou-se,
Ninguem achou,
Só a mim levou.
A cabo de sete leguas
Elle me perguntou:
Na minha terra,
Como me chamava?
« Na minha terra
Iria — a fidalga,
Na terra estranha
Iria — a coitada.
Minha Santa Iria,
Meu amor primeiro...
Me degolaram
Que nem um carneiro ».

14

Flôr do Dia

(Versão do Recife, apud Celso de Magalhães)

« Alevanta, amor,
D'esse bom dormir,
Chame sua mãi
Para me acudir.

Levantou-se elle
Sem mais descanço,
Foi sellando logo
Seu cavallo branco.

— Deus vos salve, mãi,
No vosso estrado.
— « Deus vos salve, filho,
No vosso cavallo.
Apêa p'ra baixo
Jantar um bocado.
— Não quero jantar,
Que vim a chamado,
Que a Flôr do Dia
Lá ficou de parto.
— « De mim para ella:
Um filho varão,
De espora no pé,
E espada na mão,
Rebente por dentro
Pelo coração.

— Flôr do Dia
Faça por parir,
Minha mãi está doente
E não póde vir.
« Alevanta, amor,
D'esse bom dormir,
Chame minha mãi
Para me acudir,
Que ella mora longe,
Mas sempre ha de vir.
Grande dôr, marido,
É dôr de parir!

— Deus vos salve, sogra,
No vosso estrado.
= Deus vos salve, genro,
No vosso cavallo.
Apêa p'ra baixo
Jantar um bocado.
— Não quero jantar,
Que vim a chamado,
Que a Flôr do Dia
Lá ficou de parto.
= De mim para ella:
Um filho estimado,
Que eu veja no throno
Um bispo formado.
Espera lá, meu genro,
Deixa-me vestir,
Que ella mora longe,
Mas sempre hei de ir.

— Pastor de ovelhas,
Que signal é aquelle,

Que está dobrando?
= « É Dona Estrangeira
Que morreu de parto,
Sem haver parteira.
= Aquelle sino
Não cessa de dobrar,
Nem meus olhos
Tambem de chorar.
Adeus, minha filha
Do meu coração,
Que morreu de parto
Sem minha benção.
Adeus, minha filha,
Que eu vinha te vêr,
Quem não tem fortuna
Mais vale não nascer.

15

A Pastorinha

(Sergipe)

— Bella Pastorinha,
Que fazeis aqui?
« Pastorando o gado
Qu'eu aqui perdi.
— Tão gentil menina
Pastorando gado?!
« Já nasci, senhor,
Para este fado.
— Vamos cá, menina,

P'ra aquelle deserto,
Qu'eu pouco me importa
Que o gado se perca.
« Sae d'aqui, senhor,
Não me dê tormento;
Eu não quero vêl-o
Nem por pensamento.
.....
.....
Olhe, meu senhor,
Cá volte, correndo,
Que o amor é fogo,
Que me vai vencendo.
Olhem para elle
Como vem galante,
Com meias de sêda,
Calção de brilhante!
Si os manos vierem
Trazer a merenda?
— Elles não são bicho
Que a nós offenda.
« E si perguntarem
Em que me occupava?
— N'uma manga d'agua
Que a todos molhava.
« Bem sei que tu queres:
Que te dê um abraço;
É á sombra do mato,
Mas isto eu não faço.
— Eu me sento aqui
Não com má tenção;
Juro-te, menina,
Que seu teu irmão.
« Sae por um monte,

Qu'eu sáio por outro,
A ajuntar o gado
Que é nosso todo.

16

Florioso

(Sergipe)

— Entre pedras e peneiras,
Senhora, vamos a ver;
Menina que estaes na fonte,
Dai-me agua para beber.
«Com licença do Senhor,
E da Senhora da Guia,
Dizei-me, senhor mancebo,
Si vindes de companhia?
— A companhia que trago
Já vos digo na verdade;
Venho divertir o tempo,
Que é cousa da mocidade.
«É cousa da mocidade,
Bem já me parece ser;
Dizei-me, senhor mancebo,
Si sabeis ler e escrever?
— Eu não sei ler e escrever,
Nem mesmo tocar viola;
Agora quero aprender
Na vossa real escóla...
«Escóla tenho eu de minha,
Nange p'ra negro aprender;
Juizo te dê Deus,
Memoria para saber.

— N'estas mimosas esquinas
Faz-se ausencia muito mal;
Eu sempre pensei, senhora,
Que vós me querieis mal.
« Quanto a mim, eu não te quero
N'alma, nem no coração;
Até só te peço, negro,
Que não me toques na mão.
— Nas mãos eu não vos tóco,
Nem mesmo bulo comvosco;
Quero estar a par de vós,
Pois eu n'isto levo gosto.
« Si tu n'isto levas gosto,
Desgostas por vida tua;
Que esta casa que aqui está
É de outro e não é tua.
— Si é de outro e não é minha
Inda espero que ha-de ser;
Menina, diga a seu pai
Que me mande receber.
« Taes palavras eu não digo
Que inda sou muito escusada,
Pois eu sou menina e moça,
Não sou para ser casada.
— Inda mais moças que vós
Regem casa e tem marido;
Assim ha-de ser, menina,
Quando casardes commigo.
« Mas eu não hei-de casar,
Porque não hei-de querer;
Eu não me metto a perigos,
Quando vejo anoitecer...
— Nem eu quero cousa á força,
Sinão por muita vontade,

Eu quero gozar a vida,
Que é cousa da mocidade. —
.....
.....
« D'onde vem o Florioso
Das *melendias* penteadas? [1]
— Eu venho ser o vaqueiro
Das ovelhas mais das cabras.
« D'este mesmo gado eu cuido
Da mais fina geração;
— D'aquelle que veste luvas
De cinco dedos na mão.
« Já fui contar as estrellas,
— Eu já sei que estou no caso...
« Eu sei agora, mancebo,
Que tu só és o diabo...
— O diabo eu não sou;
Ai! Jesus, que feio nome!
Só peço ao Senhor da Cruz
Que este *diabo* vos tome. »

17

O Cego

(Sergipe)

— Sou um pobre cego,
Que ando sósinho,
Pedindo uma esmola
Sem errar o caminho:

[1] Melendias por *melénas*.

Aqui está um cego,
Pedindo uma esmola,
Devotos de Deus
E de Nossa Senhora.

« Minha mãi, acorde
Do seu bom dormir,
Que aqui está um cego
A cantar e a pedir.
— « Si elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o pobre cego
Seguir seu caminho.
— Não quero seu pão,
Nem tambem seu vinho;
Só quero que Anna
Me ensine o caminho.
— « Anna, larga a roca,
E tambem o linho;
Vae com o pobre cego,
Lh'ensina o caminho.
« Já larguei a roca
E tambem o linho;
Já me vou com o cego
Ensinar o caminho.

O caminho ahi vai
Mui bem direitinho,
Se fique ahi,
Vou fiar meu linho.
— Caminha, menina,
Mais um bocadinho;
Sou cego da vista,
Não vejo o caminho.

« Caminhe, senhor cego,
Que isto é bem tardar;
Quero ir-me embora,
Quero ir-me deitar.
— Aperta as passadas
Mais um bocadinho;
Sou cego da vista,
Não vejo o caminho.
« Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãi,
Que tão falsa me era.
— Adeus, minha patria,
Adeus, gente boa;
Adeus, minha mãi
Que me vou á tôa.
« Valha-me Deus
E Santa Maria,
Qu'eu nunca vi cego
De cavallaria.
— Si eu me fiz cego
Foi porque queria;
Sou filho de conde,
Tenho bizarria.
Cala-te, menina,
Deixa de chorar;
Tu inda não sabes
O que vaes gozár.

— « Deus lhe dê bom dia,
Senhora visinha,
Esta meia noite
Me fugiu Anninha.

« — Deus lhe dê o mesmo,
Senhora visinha
De cara mui feia,
Tres filhas que tenho
Vou pôl-as na peia.

18

Xacara do Cego

(Ceará, ap. Th. Braga)

— Sinhá da casa,
Venha vêr seu pobre;
Nem por vir pedir
Deixo de ser nobre.
« Não póde ser nobre
Quem vem cá pedir;
Não ha que lhe dar,
Já póde seguir.
— Não usaes commigo
Tanta ingratidão,
D'este pobre cego
Tende compaixão.
« Eu não sou dona,
Nem governo nada;
A dona da casa
Ainda está deitada.
— Se está deitada
Ide-a chamar;
Que o pobre do cego
Lhe quer fallar.

« Acordai, senhora,
Do doce dormir;
Vinde vêr o cego
Cantar e pedir.
— « Si elle canta e pede
Dai-lhe pão e vinho,
Para o pobre cego
Seguir seu caminho.
Larga, Anninha, a roca
E tambem o linho;
Vai ensinar o cego
Seguir seu caminho.

« Aqui fica a roca,
Acabou o linho;
Marchai adiante, cego,
Lá vai o caminho.
— Anda, anda, Anninha,
Mais um bocadinho;
Sou curto da vista,
Não enxergo o caminho.
« De conde e fidalgo
Me vi pretendida,
Hoje de um cego .
Me vejo rendida.
— Cala-te, condessa,
Prenda tão querida,
Eu sou este conde
Que te pretendia.
« Cala-te, conde,
Não digas mais nada;
Só quero saiamos
D'aqui d'esta estrada.

Infinitas graças
Vos dou, meu senhor,
Já ter vencido
Um cruel amor.

19

Juliana

(Colligido por Celso de Magalhães, em Pernambuco)

— Deus vos salve, Juliana,
No teu estrado assentada.
« Deus vos salve, rei Dom Jóca,
No teu cavallo montado.
Rei Dom Jóca, me contaram
Que tu estavas p'ra casar?
— Quem t'o disse, Juliana,
Fez bem em te desenganar.
« Rei Dom Jóca, se casaes
Tornai ao bem querer,
Poderás enviuvar
E tornar ao meu poder.
— Eu ainda que enviuve
E que torne enviuvar,
Acho mais facil morrer
Do que comtigo casar.
« Espera ahi, meu Dom Jóca,
Deixa subir meu sobrado,
Vou vêr um copo de vinho
Que p'ra ti tenho guardado.
— Juliana, eu te peço
Que não faças falsidade.

Vejaes que somos parentes,
Prima minha da minha alma.
Que me déste, Juliana,
N'este copinho de vinho,
Que estou com a rédea na mão,
Não conheço o meu caminho?
A minha mãi bem cuidava
Que tinha seu filho vivo.
«A minha tambem cuidava
Que tu casavas commigo.
— Ó meu pai, senhora mãi,
Me bote sua benção,
Abrace bem apertado
O meu maninho João.
Meu pai, senhora mãi,
Me bote a sua benção;
Lembranças á Dona Maria,
Tambem á Dona Cellerencia.
A minha alma entrego a Deus,
O corpo á terra fria,
A fazenda e o dinheiro
Entregue a Dona Maria.
— « Cale a bocca, meu Dom Jóca,
Ponde o coração em Deus,
Que este copo de veneno
Quem te ha de vingar sou eu.
— Já acabou-se, já acabou-se,
Ó flôr de Alexandria!
Com quem casará agora
Aquella moça Maria?
Já acabou-se, já acabou-se,
Já acabou-se, já deu fim.
Nossa Senhora da Guia
Queira se lembrar de mim.

20

Xacara de Dom Jorge

(Ceará, ap. Th. Braga)

Dom Jorge se namorava
D'uma mocinha mui bella;
Pois que apanhando servido
Ousou logo de ausentar-se
Em procura d'outra moça
Para com ella casar.
Juliana que d'isto soube,
Pegou logo a chorar,
A mãi lhe perguntou:

— De que choras, minha filha?
« É Dom Jorge, minha mãi,
Que com outra vai casar.
— Bem te disse, Juliana,
Que em homens não te fiasses;
Não era dos primeiros
Que as mulheres enganasse.

— « Deus te salve, Juliana,
No teu sobrado assentada!
« Deus te salve, rei Dom Jorge,
No teu cavallo montado.
Ouvi dizer, rei Dom Jorge,
Que estavas para casar?
— « É verdade, Juliana,
Já te vinha desenganar.

« Esperai, rei Dom Jorge,
Deixa eu subir a sobrado;
Deixa buscar um copinho
Que tenho p'ra ti guardado.
— « Eu lhe peço, Juliana,
Que não haja falsidade;
Olhe que somos parentes,
Prima minha da minha alma.
« Eu lhe juro por minha mãi,
Pelo Deus que nos creou,
Que rei Dom Jorge não logra
Esse seu novo amor.
— « Que me deitas, Juliana,
N'este seu copo de vinho?
Estou com as rédeas nas mãos,
Não enxergo meu rucinho?
Ai, que é do meu paisinho,
Por elle pergunto eu?
Eu morro, é de veneno
Que Juliana me deu.
— Morra, morra o meu filhinho,
Morra contrito com Deus,
Que a morte que te fizeram
Ella quem vinga sou eu.
— « Valha-me Deus do céo,
Que estou com uma grande dôr;
A maior pena que levo
É não vêr meu novo amor.

21

A flôr de Alexandria

(Sergipe)

Adeus, centro da firmeza,
Adeus, flôr de Alexandria,
Si a fortuna me ajudar
Te buscarei algum dia.
Não sei se mais te verei;
Qual será a minha sorte?
D'eu te amar até á morte,
Como d'antes eu te amei?
Meu coração já te dei,
A outro não posso dar:
Só a ti posso affirmar,
Que d'outro não ha-de ser.
Guarda pois esta firmeza,
Nunca te esqueças de mim;
Si a fortuna me ajudar,
Esta ausencia terá fim.
Adeus, jasmim de alegria,
Espelho aonde me via;
Rompe o sol e rompe a aurora,
Adeus, clara luz do dia.

22

Branca-Flôr

(Versão do Recife, apud Celso de Magalhães)

«Si fôra na minha terra,
Filha, te baptisaria:
O nome que eu te botava
Rosa flôr de Alexandria,
Que assim se chamava
Uma irmã que eu tinha,
Que os mouros carregaram
Desde pequenina.
— Si tu visses essa irmã,
Tu a conhecerieis?
Que signal me davas d'ella?
«Um signal de carne tinha,
Em cima do peito trazia,
Que ella assim se chamava
Rosa flôr de Alexandria.

23

Xacara de Flôres-Bella

(Versão do Ceará, apud Th. Braga)

— Mouro, si fôres ás guerras
Trazei-me uma captiva,
Que não seja das mais nobres,
Nem tambem da villa minha;

Seja das escolhidas
Que em Castelhana havia.

Sahiu o conde Flôres
Fazer essa romaria:
A condessa, como nobre,
Foi em sua companhia.
Matam o conde Flôres,
Captivaram Lixandria,
E trouxeram de presente
Á rainha de Turquia.

«—Vem cá, vem cá, minha moura,
Aqui está vossa captiva;
Já vou entregar as chaves,
As chaves da minha cozinha.
«Entregai, entregai, senhora,
Que a desgraça foi minha;
Ainda hontem ser senhora,
Hoje escrava de cozinha.

Ao cabo de nove mezes
Tiveram os filhos n'um dia:
A moura teve um filho,
A captiva uma filha.
Levantou-se a moura
Com tres dias de parida,
Foi á cama da escrava:
—Como estaes, escrava minha?
«Como hei de estar, senhora?
Sempre na vossa cozinha.

Foi olhando para a criança,
Foi achando muito linda:

— Si estivesses em tua terra
Que nome tu botarias?
« Botaria Flôrés-Bella,
Como uma mana que tinha,
Que os mouros carregaram,
Sendo ella pequenina.
— Si tu a visses hoje
Tu a conhecerias?
« Pelo signal que tinha
Só assim a conhecia.
— Que tinha um lirio rôxo
Que todo peito cobria!
« Pelo signal que me daes,
Bem parece mana minha.
— Vem cá, vem cá, minha moura,
Que te dizes tua captiva.
« Eu já estou bem agastada,
E já me vou arrojar.
Tu mandaste lá buscar,
O teu cunhado matar.
— Si eu matei meu cunhado,
Outro melhor te hei de dar.
« — Farei tua irmã senhora
Da minha monarchia!
« Eu não quero ser senhora
Da tua monarchia,
Quero ir para a minha terra
Onde eu assistia.
« — Apromptai, apromptai a nau,
Mais depressa em demasia,
Para levar Lixandria
Ella e sua filhinha.
« Adeus, adeus, Flôres-Bella!
Vai-te embora Lixandria.

E dai lá muitas lembranças
Á nossa parentaria;
Que eu fico como moura
Entre tanta mouraria.

24

A Lima

(Sergipe)

A lima que vossê mandou
No meu peito se acabou;
Quando a lima era tão doce,
Quanto mais quem a mandou!
Vossê manda e eu recebo,
Vidinha, por derradeiro
Um cravo que eu achei
Aberto no seu craveiro.
Não será de cheiro igual
A lima que me mandou?
As casquinhas eu guardei
Até sua vista primeira.
Quem no seu jardim plantou
Tão rico pé de limeira,
Que de doce já enfara,
Que p'ra mim só se compara
A um beijo de sua bocca?
Só um caroço não tinha...
Pago bem a quem me trouxe,
Que o cheiro não acabou-se;
Certo é que muito cheira
A lima que me mandou.

Pegue na sua liminha
Enterre lá no jardim;
Que lima para cheirar
Nunca vi cousinha assim...
A lima verde é cheirosa!...
Deixa-me, fructa amorosa,
O teu pé é o espinheiro?
Pois me chamam derroteiro
No centro dos namorados...
Lima verde tem bom cheiro;
O amor não é por dinheiro;
Mas p'ra onde elle pendeu...

25

O Genipapo

(Sergipe)

— Meu genipapo doce,
Allivio de toda a tarde,
Bem podéra me levar
Para allivio de meus males.
« Fique-se com Deus, meu bem,
Meu genipapo gostoso;
Que no tempo que eu lhe amava,
Por vossê me desvelava,
É porque sempre cuidava
Que vossê firme seria;
Mas já que chegou o dia
De vossê de mim se esquecer,
Procurando a quem foi seu,
Póde viver na certeza
Que p'ra mim vossê morreu.

26

Senhor Pereira de Moraes

(Sergipe e Rio de Janeiro)

Onde vai, senhor Pereira de Moraes?
Vossê vai, não vem cá mais;
As mulatinhas ficam dando ais,
Fallando baixo,
Para metter palavriados...
Qu'é d'êl-o pente
Para abrir liberdade? [1]
Qu'é d'êl-o perú azul?
Qu'é d'êl-a banha do teyú? [2]
Dois amantes vão dizendo -
«Venda a roupa e fique nú...»
Mulatinhas renegadas,
Mais as suas camaradas,
Me comeram o dinheiro,
Me deixaram esmolambado;
Ajuntaram-se ellas todas
Me fizeram galhofadas...
Ora, meu Deus,
Ora, meu Deus,
Estas mulatinhas
São peccados meus...

[1] Chama-se assim o repartimento do cabello pelo meio da cabeça, *a estrada real*, como dizem.
[2] *P. toguixin.*

27

A Mutuca

(Sergipe)

Hoje eu fui por um caminho
E topei um gavião
Com a mutuca no chapeu,
Moriçoca no calção.
Encontrei um persevejo
Montado n'um caranguejo,
Caranguejo de barrete,
Moriçoca de balão.
Homem velho sem ceroulas
Não se trepe em bananeira;
Mulher velha alcoviteira,
Toda gosta de funcção.
Arrepia sapucaia,
Sambambaia;
Manoel Pereira
Macacheira,
Manipeira. [1]
O teu pai era ferreiro,
O meu não era;
Tua mãi toca folles,
Meu amor,
Para tocar alvorada
Na porta do trovador.
.....
.....

1 Macacheira é o aypim, *Manihot-aypi;* a manipeira é o caldo da mandioca depois de extrahida d'elle a tapioca ou polvilho.

28

Redondo, sinhá

(Sergipe)

Oh! sinhá, minha sinhá,
Oh! sinhá de meu abrigo,
Estou cantando o meu redondo,
Ninguem se importe commigo.
Redondo, sinhá.
Certa velha intentou
Urinar n'uma ladeira,
Encheu rios e riachos,
E a lagôa da Ribeira.
Redondo, sinhá.
E sete engenhos moeram,
Sete frades se afogou,
E a maldita d'esta velha
Inda diz que não mijou...
Redondo, sinhá.
Este velha intentou
Vestir panno de fustão,
Precisou quinhentos covados
P'ra fazer um *cabeção*.
Redondo, sinhá.
Depois do panno cortado
Não sahiu de seu agrado;
Precisou d'outros quinhentos
Para fazer os *quadrados*. [1]
Redondo, sinhá.

1 Partes da camisa da mulher que ficam sob os braços; oppõem-se ás *hombreiras*.

Esta velha intentou
Tirar um dente queixal,
Procurou quinhentos bois
E com cordas de laçar.
Redondo, sinhá.
Não sou pinto de vintem,
Não sou frango de tostão;
A maldita d'esta velha
Quer fazer de mim capão.
Redondo, sinhá.
Eu caso comtigo, velha,
Ha de ser com condição
D'eu dormir na boa cama,
E tu, velha, no fogão.
Redondo, sinhá.
Eu casei comtigo, velha,
P'ra livrar da filharada...
Quando entrou em nove mezes
Pariu cem de uma ninhada!
Redondo, sinhá.
Trinta e um meio de sola
Na praça se *rematou,*
P'ra fazer seu sapatinho...
Assim mesmo não chegou.
Redondo, sinhá.
A velha quando morreu,
Eu mandei-a enterrar;
Como não coube na terra
Mandei-a lançar no mar.
Redondo, sinhá.

29

Ah! Redondo, sinhá!

(Rio de Janeiro)

Ah! redondo, sinhá,
Senhora de meu favor,
Estou cantando o meu redondo,
Que me importa, meu amor?
Redondo, sinhá.
O cabello d'esta velha,
É caso de admirar;
Um fio de seu cabello
Dá *prima* para tocar...
Redondo, sinhá.
Esta velha já mijou
Lá detraz de uma gambôa;
Alagou uma canôa,
Isto é cousa boa...
Redondo, sinhá.
O dentinho d'esta velha,
É caso de admirar,
Uma junta de bois
Não arredou do lugar...
Redondo, sinhá.

30

Manoel do Ó Bernardo

(Ceará)

Indo eu para a novena
Na villa da Floresta,
O major Antonio Lucas
Convidou me para a festa.
« *Seu* major Antonio Lucas,
Como é que eu hei de ir?
Quem anda por terra alheia
Não tem roupa p'ra vestir.
— Dou-te cavallo de sella,
E roupa p'ra te vestir,
Dinheiro para comeres,
Escravo p'ra te servir. —
Estava jantando em casa
Um dia bem descansado,
Quando dei fé que chegava
Um cavallo fino sellado:
« Seu major manda dizer
Que é já tempo do chamado! »
Quando sahi de casa
Logo peguei a encontrar,
Era homens e mulheres...
— « Vai cantar com Rio-Preto?
É melhor que não vá lá!...»
Porque se importa esta gente
Da desgraça que commetto?
Hão de ter logo noticia
Que fim levou Rio-Preto.

Quando ganhei lá por dentro
N'aquelle campo mais largo,
O povo que eu encontrava
De mim ficava pasmado:
« Queira Deus este não seja
Manoel do Ó Bernardo! »
Distante bem quinze leguas
De mim tiveram noticias;
Ao major Antonio Lucas
Foram pedir as *alviças.*
Era gente p'ra me vêr
Como a doutor na justiça,
E o povo de Rio-Preto
Era urubú na carniça.
Seu major Antonio Lucas,
Quando elle me enxergou,
Botou *oclo de arcance:*
« Lá vem o meu cantador! »
Quando fui chegando em casa,
Na entrada do terreiro,
Antes de lhe dizer *adeus,*
Deu-me um abraço primeiro:
—Ora vem cá, ó Bernardo,
Filho de Deus verdadeiro.
« Seu major Antonio Lucas,
Me mande dar de cear;
Quero vêr si Rio-Preto
Inda é forte no lugar. »
Elle puxou pelo braço
E mandou botar a ceia;
Eu fiquei agradecido,
Pois estava em terra alheia
Ao levantar a toalha,
Puz as mãos para rezar,

Quando chegou um aviso
Que já vinham me chamar.
Eu sahi logo á fresca,
Rio-Preto me fallou.
Não te afastes, Rio-Preto,
A resposta já te dou.
« — Manoel do Ó Bernardo,
Olha que já estou previsto,
Segura o botão da calça,
Aqui tens homem na vista.
« Rio Preto, tu vigia,
Olha que bom não sou, não,
Aperta o botão da calça,
Segura o cós do calção.
« — A onça não faz carniça
Que não lhe coma a cabeça,
Nunca vi a cantador
Que por fóra não conheça.
« Apois manda fazer uma
Com seis braças de fundura;
Como é bicho de represa,
Tanto lava como fura.
Quando vim da minha terra
Truce ferro cavador
Para tapar Rio-Preto,
Deixal-o sem sangrador.
« — Si tapares o meu rio,
Não tapas o meu riacho,
Que eu represo nove leguas,
Botando a parede abaixo.
« Rio-Preto, si tu vires
Eu passear em gangorras,
Si tu vires, não te assustes,
Si te assustares, não corras;

Si correres, não te assombres;
Si te assombrares, não morras.
Rio-Preto, não me vexo
Para subir a ladeira,
Subo de cócra e de banda,
Subo de toda a maneira;
Até mostro preferencia
Em subil-a na carreira.
« — Manoel do Ó Bernardo,
Olha, já me vou d'aqui;
Já estou certificado
Que tens o major por ti.
« O *fama* do Rio-Preto,
Um *cabra* tão cantador,
Descobriu por bocca propria
Que era atraiçoador.
« — Manoel do Ó Bernardo,
Reza o acto de contrição,
Que viemos te matar,
Não ficas mais vivo, não.
A madrinha da noiva
Foi quem te mandou matar,
Para de outra donzella
Te não ires mais gabar.
« A madrinha do noivado,
Por ser moça de acção,
Por um elogio tirado
Deu-me a mim um patacão;
Deu quatro para o meu bolso,
E quatro p'ra minha mão.
« — Nós viemos te matar,
Ganhando trinta mil reis,
Mas por causa do *despacho*
Cada um te damos dez.

31

A Moura

(Pernambuco)

Estava a moura
Em seu lugar,
Foi a mosca
Lhe fazer mal;
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava a mosca
Em seu lugar,
Foi a aranha
Lhe fazer mal;
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava a aranha
Em seu lugar,
Foi o rato
Lhe fazer mal;
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,

A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o rato
Em seu lugar,
Foi o gato
Lhe fazer mal;
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o gato
Em seu lugar,
Foi o cachorro
Lhe fazer mal;
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o cachorro
Em seu lugar,

Foi o pau
Lhe fazer mal;
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o pau
No seu lugar,
Foi o fogo
Lhe fazer mal;
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o fogo
Em seu lugar,
Foi a agua
Lhe fazer mal;
A agua no fogo,

O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava a agua
Em seu lugar,
Foi o boi
Lhe fazer mal;
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o boi
Em seu lugar,
Foi a faca
Lhe fazer mal;

A faca no boi,
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava a faca
Em seu lugar,
Foi o homem
Lhe fazer mal;
O homem na faca,
A faca no boi,
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o homem
Em seu lugar,
Foi a morte
Lhe fazer mal;
A morte no homem,
O homem na faca,
A faca no boi,
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

32

A Ribeira Velha

(Sergipe)

Ribeira Velha,
Porto de mar,
Aonde as barquinhas
Vão calafetar...
Peguem na ferragem,
Lancem lá no mar

P'ra fazer uma nau,
Uma nau bem galante,
Para navegar
Pelas partes da India...
Aquelle menino
É da banda miuda.
Cambrainhas finas
Não são p'ra vossê;
P'ra gente, sinhá,
Que me faz a mercê,
Que deita na cama,
Não tem que dizer.
Felix do Retiro [1]
Mandou-me chamar,
Eu mandei dizer
Que não ia lá...
Arengas com frade
Não quero tomar.
Conversas de dia
Acabam de noite
Em prantos de choros
De Manoel João,
Que anda na rua
Com seu pé no chão,
Balindo com mulatinhas,
Balindo com crioulinhas.
Lá no Mundo Novo
Tem uma casinha;
Dentro d'ella mora
Certa mulatinha.
.....
.....

1 O *Retiro* é um lugar perto da Villa do Lagarto, em Sergipe.

33

O Jaburú

(Sergipe)

Quando eu vim do Jaburú
Fui á noite passear,
Encontrei com cirysinho
Carregado de araçá;
E fallei para comprar
Para dar á mãi Thereza.
Como foi maracareza
Engordar o meu vintem...
As meninas do Bugio
Não comem sinão feijão?
Meus senhores e senhoras,
Desculpai a minha acção.
.....
.....

34

A Mulatinha

(Sergipe)

— Estava de noite
Na porta da rua,
'*Proveitando* a fresca
Da noite de lua,

Quando vi passar
Certa mulatinha,
Camisa gommada,
Cabello entrançadinho.
Peguei o capote,
Sahi atraz d'ella,
No virar do becco
Encontrei com ella.
Ella foi dizendo:
« Senhor, o que quer?
Eu já não posso
Estar mais em pé.

Olhei-lhe p'r'as orelhas,
Vi-lhe uns brincos finos,
Na restea da lua
Estavam reluzindo.
Olhei p'r'o pescoço,
Vi um bello collar;
Estava a mulatinha
Boa de se amar.
Olhei-lhe p'r'os olhos,
Vi bem foi ramela;
De cada um torno
Bem dava uma vela.
Olhei-lhe p'r'a cara,
Não lhe vi nariz;
No meio do rosto
Tinha um chafariz.
Olhei-lhe p'r'a bocca
Não vi-lhe um só dente;
Parecia o diabo
Em figura de gente.

Olhei-lhe p'r'os peitos,
Eram de marmota;
Pareciam bem
Peitos de uma porca.
Olhei-lhe p'r'as pernas,
Eram de vaqueta;
Comidas de lepra,
E cheias de greta.
Olhei-lhe p'r'os pés,
Benzi-me de medo;
Tinha cem bichos
Em cada um dedo.

35

Os cócós de cordão

(Sergipe)

«A minha mana Luiza
É moça de opinião;
Passou a mão na tesoura,
Deu com o cócó no chão.

Sete canadas de azeite,
Banha de camaleão
É pouco p'ra fazer banha
P'ra estes cócós de cordão.

O sebo está muito caro,
'Stá valendo um dinheirão;
Quero vêr com que se acocham
Estes cócós de cordão.

Os caixeiros da Estancia [1]
Levam grande repellão,
Para não venderem sebo
P'r'a estes cócós de cordão.

Deus permitta que não chova,
P'ra não haver algodão;
Quero vêr com que se amarram
Estes cócós de cordão.

Na fonte da gamelleira
Não se lava com sabão;
Se lavam com folhas verdes
Estes cócós de cordão.

As negras de taboleiro
Não comem mais carne, não;
Só comem sebo de tripa
D'estes cócós de cordão.

O moço que é *brazileiro,*
Que conserva opinião,
Não deita na sua rêde
D'estes cócós de cordão.

Ajuntem-se as moças todas
Em redor d'este pilão,
Qu'é p'ra pizarem o sebo
P'ra estes cócós de cordão.

1 Cidade de Sergipe.

Ajuntem-se as velhas todas
Em roda do violão,
Qu'é p'ra dançarem o *samba* [1]
D'estes cócós de cordão.

36

A Moqueca

(Sergipe e Bahia)

Minha moqueca está feita,
Meu bem;
Vamos nós todos jantar:
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca de côco,
Molho de fubá;
Tudo bem feitinho
Por mão de yayá;
Tudo mexidinho
Por mão de sinhá!...
Qual será o ladrão
Que não gostará?!...
Qual será o demonio
Que não comerá?!...

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
Só falta azeite dendê;
Bravos os dêngos

[1] Dança popular; synonymo de *chiba, caterêtê, bahiano, fandango, candomblé,* etc.

Da minha yayá;
Moqueca de côco,
Molho de fubá, etc.

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
O que lhe falta é limão:
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca de côco,
Molho de fubá,
Tudo bem feitinho
Por mão de yayá, etc.

37

O ladrão do Padresinho

(Sergipe)

«O ladrão do padresinho
Deu agora em namorador;
Padre, vossê vá-se embora,
Que eu não quero o seu amor.
— O amor não é seu
É de Raphael;
Raphael quando fôr
É de quem quizer...
Vou criar as minhas raivas
Com meus calundús, [1]
P'ra fazer as cousinhas
Que eu bem quizer...

1 Zangas, aborrecimentos, effeitos do *flato*, como dizem.

Ai! me largue o babado!
Ai! me largue, *diacho!* [1]
Que diacho de padre,
Ai, meu Deus!
Que diacho de padre,
Meu Santo Antonio!...

O padre já estava orando,
Quando a *mulata* chegou;
Veiu dizer lá de dentro:
— Eu sou seu venerador:
O amor não é seu,
É de Raphael;
Raphael quando fôr, etc.

O padre foi dizer missa
Lá na torre de Belem;
Em vez de dizer *Oremus,*
Chamou Maricas — *Meu bem!*...
O amor não é seu,
É de Raphael,
Raphael quando fôr, etc.

Eu perguntei ao padre:
Porque deu em meu irmão?
— Com saudades das *morenas,*
Não quero ser padre, não.
O amor não é seu,
É de Raphael,
Raphael quando fôr, etc.

[1] Transformação de diabo.

38

Quero bem á mulatinha...

(Sergipe)

Quero bem á mulatinha
Por ser muito de meu gosto;
Si os parentes se anojarem,
Um valente topa outro.
Pelo feixe da espingarda,
Pelo cano que ella tem,
Pelo fio de minha espada
Que não engeito a ninguem.
Si puxar por minha espada
Na beirinha da lagôa,
Si acaso fico perdido,
Seja por cousinha boa.
Rompo chuvàs e trovões,
Coriscos, e criminoso
Ando no mundo, queixoso
Sem de mim se fallar nada!...
Hei-de amar a mulatinha
Pelo feixe da espingarda.

Viva Sant'Anna e Maria,
E Sam Joaquim n'este dia;
Deus quando subiu p'ra guia
Deixou por valimento
O testemunho da gente.
Para amparo dos christãos
Viva Sant'Anna e Maria.

39

Chula

(Pernambuco)

Eu nasci dentro da lima,
Do caroço fiz encosto;
Ai, amor!
Quem geme
É que sente a dôr...
Ai, meu bem,
Divirta-se e passe bem!
Ai, minha vida,
Minha saia,
Minha joia,
Minha pitingoia!
Ai, amor!
Quem geme
É que sente a dôr...
Ai, meu bem,
Divirta-se, e passe bem!

40

Fragmento do Cabelleira

(Estrophes colligidas em Pernambuco pelo snr. Franklin Tavora)

— Fecha a porta, gente,
Cabelleira ahi vem,

Matando mulheres,
Meninos tambem.
Corram, minha gente,
Cabelleira ahi vem,
Elle não vem só,
Vem meu pai tambem.
« Meu pai me pediu
Por sua benção
Que eu não fosse molle,
Fosse valentão.
Lá na minha terra,
Lá em Santo Antão,
Encontrei um homem
Feito um guaribão,
Puz-lhe o bacamarte,
Foi *pá, pi,* no chão.
Minha mãi me deu
Contas p'ra rezar,
Meu pai deu-me faca
Para eu matar.
Quem tiver seus filhos
Saiba-os ensinar;
Vejo o Cabelleira
Que vai a enforcar.
.....
« Meu pai me chamou:
— Zé Gomes, vem cá;
Como tens passado
No *cannavial?*
« Mortinho de fome,
Sequinho de sêde,
Só me sustentava
Em canninhas verdes.

— Vem cá, José Gomes,
Anda-me contar
Como te prenderam
No cannavial?
« Eu me vi cercado
De cabos, tenentes,
Cada pé de canna
Era um pé de gente.

41

O Rabicho da Geralda

(Colligido pelo snr. José de Alencar, no Cea

I

Eu fui o liso Rabicho,
Boi de fama conhecido;
Nunca houve n'este mundo
Outro boi tão destemido.
Minha fama era tão grande
Que enchia todo o sertão,
Vinham de longe vaqueiros
P'ra me botarem no chão.
Ainda eu era bezerro
Quando fugi do curral
E ganhei o mundo grande
Correndo no bamburral.
Onze annos eu andei
Pelas catingas fugido;
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido.

Morava em cima da serra
Onde ninguem me avistava,
Só sabiam que era vivo
Pelo rasto que eu deixava.
Sahi um dia a pastar
Pela malhada do Chisto,
Onde por minha desgraça
D'um caboclinho fui visto.
Partiu elle de carreira
E foi por alli aos topes
Dar novas de me ter visto
Ao vaqueiro José Lopes.
José Lopes que isso ouviu,
Foi gritando ao filho João:
— Vai-me vêr o Barbadinho,
E o cavallo Tropelão.
Dá um pulo no compadre,
Que venha com o seu ferrão,
Para irmos ao Rabicho,
Qu'ha-de ser um carreirão.»

Foi montando o José Lopes
E deu linha ao Barbadinho,
Tirando inculcas de mim
Pela gente do caminho.
Encontrou Thomé da Silva
Que era velho topador:
— Dá-me novas do Rabicho
Da Geralda, meu senhor?
= Homem, eu não o vi;
Se o visse, do mesmo geito
Ia andando o meu caminho
Que era lida sem proveito.

«Pois então saiba o senhor,
A cousa foi conversada,
A minha ama já me disse
Que d'esse boi não quer nada.
Uma banda e mais o couro
Ficará para o mortorio,
A outra será p'ra missas
Ás almas do purgatorio.

Despediu-se o José Lopes
E metteu-se n'um carrasco;
Dando n'um rasto de boi
Conheceu logo o meu casco.
Todos tres muito contentes
Trataram de me seguir,
Consummiram todo o dia,
E á noite foram dormir.
No fim de uma semana
Voltaram mortos de fome,
Dizendo: «O bicho, senhores,
Não é boi; é lobishome.»

II

Outro dia que eu malhei
Perto d'uma ribanceira,
Ao longe vi o Cherem
Com seu amigo Moreira.
Arranquei logo d'ahi
Em procura de um fechado;
Juntou atraz o Moreira
Correndo como um damnado.
Mas logo adiante esbarrei
Escutando um zoadão;

Moreira se despenhou
No fundo de um barrocão:

« Corre, corre, boi malvado,
Não quero saber de ti,
Já me basta a minha faca
E a espora que perdi.

Alevantou-se o Moreira
Juntando todo o seu trem,
E gritou que lhe acudisse
Ao seu amigo Cherem.
Corre a elle o Cherem
Com muita resolução:
— « Não se engane, sô Moreira,
Que o Rabicho é tormentão.
« Ora deixe-me, Cherem;
Vou mais quente que uma braza.
Seguiram pela vereda
E lá foram ter a casa.

III

Resolveram-se a chamar
De Pajeú um vaqueiro;
D'entre todos que lá tinha
Era o maior catingueiro.
Chamava-se Ignacio Gomes,
Era um cabra coriboca,
De nariz achamurrado,
Tinha cara de pipoca.
Antes que de lá sahisse
Amolou o seu ferrão:

« Onde encontrar o Rabicho
D'um tope o boto no chão.

Quando esse cabra chegou
Na fazenda da Gruixaba,
Foi todo o mundo dizendo:
Agora o Rabicho acaba.
« Senhores, eu aqui estou,
Mas não conheço dos pastos:
Só quero me dêem um guia
Que venha mostrar-me os rastos.
Que eu não preciso de o vêr
Para pegar o seu boi;
Basta-me só vêr-lhe o rasto
De tres dias que se foi. »

IV

De manhã logo mui cedo
Fui á malhada do Chisto,
Em antes que visse o cabra
Já elle me tinha visto.
Encontrei-me cara a cara
Com o cabra topetudo;
Não sei como n'esse dia
Alli não se acabou tudo.
Foi uma carreira feia
Para a Serra da Chapada,
Quando eu cuidei, era tarde,
Tinha o cabra na rabada.
« Corra, corra, camarada,
Puxe bem pela memoria;
Quando eu vim da minha terra
Não foi p'ra contar historia. »

Tinha adiante um pau cahido
Na descida de um riacho;
O cabra saltou por cima,
O ruço passou por baixo.
« Puxe bem pela memoria,
Corra, corra, camarada;
Quando eu vim de minha terra
Não vim cá dar barrigada. »
O guia da contra-banda
Ia gritando tambem:
« Veja que eu não sou Moreira,
Nem seu amigo Cherem. »

Apertei mais a carreira,
Fui passar no boqueirão.
O ruço rolou no fundo,
O cabra pulou no chão.
N'esta passagem dei linha,
Descancei meu coração,
Que não era d'esta feita
Que o Rabicho ia ao moirão.

O cabra desfigurado
Lá foi ter ao carrapicho:
— Seja bem apparecido,
Dá-me novas do Rabicho?
« Senhores, o boi eu vi,
O mesmo foi que não vêr,
Pois como este excommungado
Nunca vi um boi correr. »
Tornou-lhe o Goes n'este tom:
— Desengane-se co'o bicho;
Pelos olhos se conhece
Quem dá volta no Rabicho.

Esse boi, é escusado,
Não ha quem lhe tire o fel;
Ou elle morre de velho,
Ou de cobra cascavel.

V

Veiu aquella grande sêcca
De todos tão conhecida;
E logo vi que era o caso
De despedir-me da vida.
Seccaram-se os olhos d'agua
Onde eu sempre ia beber,
Botei-me no mundo grande,
Logo disposto a morrer.
Segui por uma vereda
Até dar n'um cacimbão,
Matei a sede que tinha,
Refresquei o coração.
Quando quiz tomar assumpto
Tinham fechado a porteira;
Achei-me n'uma gangorra
Onde não vale carreira.
Corrigi os quatro cantos;
Tornei a voltar atraz,
Mas toda a minha derrota
Foi o diabo do rapaz.

Correu logo para casa
E gritou aforçurado:
«Gentes, venham depressa
Que o Rabicho está pegado.»
Trouxeram tres bacamartes,
Cada qual mais desalmado;

Os tres tiros que me deram
De todos fui trespassado.
Só assim saltaram dentro,
Eram vinte p'ra me matar,
Sete nos pés, dez nos chifres,
E mais tres p'ra me sangrar.
Disse então o José Lopes
Ao compadre da Mafalda:
«Só assim nós comeriamos
Do Rabicho da Geralda.»

VI

Acabou-se o boi de fama,
O corredor famanaz,
Outro boi como o Rabicho
Não haverá nunca mais.

42

O Boi-Espacio

(Sergipe)

Eu tinha meu *Boi-Espacio,* [1]
Qu'era meu boi cortelleiro, [2]
Que comia em tres sertão, [3]
Bebia na cajazeira, [4]
Malhava [5] lá no oiteiro,

[1] de pontas largas.
[2] manso, que vem sempre ao curral, por opposição ao boi que é o amontado.
[3] povo não guarda os pluraes, quando assim o exige a rima.
[4] ar proximo á villa do Lagarto, em Sergipe.
[5] povo ordinariamente diz: *maiára, maiadó, maiá,* em logar ra, malhador, malhar.

Descançava em Riachão. [1]
Eu tinha meu *Boi-Espacio,*
Meu boi preto caraúna;
Por ter a ponta mui fina,
Sempre fui, botei-lhe a unha.
Estava na minha casa,
Na minha porta assentado;
Chegou seu Antonio Ferreira, [2]
Montado no seu rução,
Com o irmão de Damião,
Montado no seu lazão, [3]
Dizendo de coração:
— Botai-me este boi no chão.
Gritei pelo meu cachorro,
Meu cachorro Tubarão:
«Agora, meu boi, agora,
Faz acto de contrição!
Êcô, meu cachorro, êcô!...»
No curral da Piedade
Eu dei com meu boi no chão.
Ao depois do boi no chão,
Chegou o moleque João,
Se arrastando pelo chão,
Fazendo as vezes de cão, [4]
Pedindo o sebo do boi
P'ra temperar seu feijão.
A morte d'este meu boi
A todos fizera pena;
Ao depois d'este boi morto,
Cabou-se [5] meu boi, morena.

1 Villa da provincia de Sergipe.
2 Antonio Ferreira, e Damião, vaqueiros celebres.
3 Lazão por *alazão.*
4 O diabo, o demonio.
5 Por *acabou-se.*

«No anno em que eu nasci,
No outro que me criei,
No outro que fui bezerro,
No outro que fui mamote, [1]
No outro que fui garrote,
No outro que me caparam
Andei bem perto da morte.
«Minha mãi era uma vacca,
Vaquinha de opinião;
Ella tinha o ubre grande
Que arrastava pelo chão.
Minha mãi era uma vacca,
Vaquinha de opinião;
Emquanto fui barbatão
Nunca entrei em curralão.
Estava no meu descanço
Debaixo da cajazeira,
Botei os olhos na estrada,
Lá vinha seu Antonio Ferreira...
Estando n'uma malhada
Já na sombra recolhido,
Logo que vi o Ferreira
Alli achei-me perdido.
Foi-me tudo ao contrario,
E sempre fui perseguido;
Já me conhecem o rasto,
O *Boi-Espacio* está perdido.
Não tem a culpa o Ferreira,
Que não me pôde avistar,
Foi o caboclo damnado
Que parte de mim foi dar.

[1] erro grande.

O seu Antonio Ferreira
Tem tres cavallos damnados:
O primeiro é o ruço,
O segundo é o lazão,
O terceiro é o Piaba...
Tres cavallo endiabrados! [1]
Mas eu não temo cavallo,
Que se chama o Deixa-fama;
Tambem não temo o vaqueiro
Que derrubei lá na lama.
Me metteram no curral,
Me trancaram de alçapão;
E bati n'um canto e n'outro,
Não pude sahir mais não!
Adeus, fonte onde eu bebia,
Adeus, pasto onde comia,
Malhador onde eu malhava;
Adeus, ribeira corrente,
Adeus, caraíba verde,
Descanço de tanta gente!...

O couro do *Boi-Espacio*
Deu cem pares de surrão,
Para carregar farinha
Da praia de Maranhão.
O fato do *Boi-Espacio*
Cem pessoas a tratar,
Outras cem para virar...
O resto p'ra urubusada.
O cebo do *Boi-Espacio*
D'elle fizeram sabão

[1] Por *cavallos endiabrados;* ha muito d'isto nos cantos quando o exige o metro.

Para se lavar a roupa
Da gente lá do sertão. [1]
A lingua do *Boi-Espacio,*
D'ella fizeram fritada;
Comeu a cidade inteira,
Não foi mentira, nem nada.
Os miolos do *Boi-Espacio,*
D'elles fez-se panellada;
Comeu a cidade inteira,
O resto p'ra cachorrada.
Os cascos do *Boi-Espacio,*
D'elles fizeram canôa,
Para se passar Marôtos [2]
Do Brazil para Lisboa.
Os chifres do *Boi-Espacio,*
D'elles fizeram colhér
Para temperar banquetes
Das moças de Patamuté. [3]
Os olhos do *Boi-Espacio,*
D'elles fizeram botão
Para pregar nas casacas
Dos moços lá do sertão.
Costellas do *Boi-Espacio,*
D'ellas se fez cavador
Para se cavar cacimbas;
De duras não se quebrou. [4]
O sangue do *Boi-Espacio*
Era de tanta excepção

As rhapsodias sergipanas tratam com certo desdem aos homens tão, a gente *lá de cima,* como chamam.
Isto indica que esta parte, pelo menos, do *Boi-Espacio,* é contranea, senão posterior, ás luctas da Independencia.
Sertão da provincia da Bahia.
É o caso já notado.

Que afogou a tres vaqueiros,
Todos tres de opinião.
Canellas do *Boi-Espacio,*
D'ellas se fizera mão
Para se pizar o milho
Da gente lá do sertão.
E da pá do *Boi-Espacio,*
D'ella se fez tamborete
Para mandar de presente
A nosso amigo Cadete.
Do rabo do *Boi-Espacio,*
D'elle fizeram bastão
Para as velhas lá de cima
Andar com elle na mão.

43

O Boi Espacio

(Variante do Ceará)

Foi garrote, foi capado
No curral da Piedade;
Nunca temeu a vaqueiro,
Nem a vara de ferrão,
Nem o mesmo José de Castro
No cavallo *Riachão.*
Do chifre do Boi-Espacio
D'elle fez-se uma canôa,
Para embarcar a gente
Do Recife p'ra Lisboa.
Dos olhos do Boi-Espacio
D'elles fez-se uma vidraça

Para espiar as moças
Quando passeiam na praça.
Da cabeça do Boi-Espacio
D'ella se fez um banqueiro
Para retalhar a carne
Da gente do Saboeiro.
O couro do Boi-Espacio,
Tirado por minha mão,
Deu trinta jogos de malas,
Nove pares de surrão.
A rabada do Boi-Espacio,
Tirada por minha mão,
Deu trinta laços de corda,
Nove pares de surrão.
A carne do Boi-Espacio
Botada no estaleiro,
Comeram vinte famílias
De janeiro a janeiro.
O corredor do Boi-Espacio
Deu tamanha corredeira,
Que todo o povo do Crato
Ficou-se de caganeira.
As tripas do Boi-Espacio
Tiradas por minha mão,
Deu dez cargas de linguiça,
Onze arrobas de sabão.
Do debulho do Boi-Espacio
D'elle se fez barrella,
Para se lavar a roupa
Da gente da Manoela.
Da unha do Boi-Espacio
Quatro obras se formou,
Uma jangada, uma lancha,
Um palacio e um vapor.

Das orelhas do Boi-Espacio
Quatro obras se formou,
Um abano, uma esteira,
Uma maca, um tambor.
Este meu Boi-Espacio
Morava em dois sertãos,
Comia nos Cipoaes,
Bebia nos Caldeirão.
Matei o meu Boi Espacio
Em uma tarde serena,
Toda a gente da ribeira,
Que não chorou, teve pena.

44

A Vacca do Burel

(Pernambuco)

Na fazenda do Burel,
Nos verdes onde pastei,
Muitos vaqueiros de fama,
Nos carrascos [1] eu deixei.
O afamado Ventania,
Montado no Tempestada,
Foi quem primeiro espantou-me
Estando eu n'uma *maiada* [2].
Mais adiante encontrei
Com o vaqueiro João
No seu cavallo *lazão*,
Já vinha correndo em vão.

[1] *Carrasco*, matto ralo e baixo.
[2] Por *malhada*.

Logo me fiz ao carrasco,
Fui-me abarbar com o Velloso;
No atravessar o riacho
Só lhe deixei o rasto
Por ser elle tão teimoso!
Ouvi grande tropellada
Que zunia no sertão;
Era o afamado Grinalda
Com o Ferreira Leão.
Que dois vaqueiros de fama
Encontrei no bebedor!...
Logo me fiz ao carrasco,
E elles mal me enxergou.
Mais adiante ouço gritar:
— Nem do rasto dou noticia,
Em que carrasco escondeu-se
A encantada *lagartixa!?* —
Eu no tempo de bezerra
A muitos vaqueiros logrei;
Na fazenda fiz *sueira* [1],
Muitas porteiras pulei.
Abarbada me vejo
Com o vaqueiro Miguel,
No seu cavallo Festejo
Na fazenda do Burel.
Que dois vaqueiros temiveis,
João Bernardo e Miguel!...
Perto do curral os logrei,
Quasi que os deixei de pé.

— « Só se eu morrer ámanhã,
Ou não me chamar Miguel,

ar trabalho, fazer *suar*.

Só assim deixas de entrar
No teu curral do Burel.
Eu te juro, *lagartixa,*
Que não me has-de escapar;
Nem que corras como vento
Tu has-de entrar no curral.
Corre, corre, *lagartixa,*
Quero vêr a tua fama;
Que no curral do Burel
Quero fazer tua cama.
Toda a minha vontade
É no teu rasto acertar;
Tu verás como se tranca
A *lagartixa* no curral.
Cerca, Velloso, na gróta,
Faz esteira no baixio;
Aperta para o meu lado,
Lá vem como um corropio.
Oh! que vaquinha damnada!
Ella não corre, ella vôa...
Meu cavallo já cançou,
É que a coisa não está boa.
Tenho corrido muito gado,
Novilhote e barbatão,
Nos carrascos e restinga;
Agora fiquei logrado
No centro d'este sertão.
Bota o cavallo, Velloso,
Quero vêr como se espicha,
Si ainda torna a escapar
A malvada *lagartixa.*»

Logo ao chegar ao riacho
A *lagartixa* os cegou;

Como a noite era escura
Miguel e Velloso voltou.
Encontram Miguel e Velloso
Com o tal do João Bernardo:
Pergunta pela *lagartixa;*
Responderam: — Estou logrado! —
O João Bernardo e Miguel,
O Grinalda e o Leão,
Ventania e o Velloso
Tomaram para o boqueirão. [1]
Logo ao entrar a gurgeia
Encontram Pedro Preguiça,
E já lhe vão perguntando
Si não vira a *lagartixa.*

« Encontrei n'uma *maiada*
Tres rezes brancas, uma lavrada,
Tres castanhas requeimadas,
E uma rouxinol disfarçada.
O signal d'esta vaquinha?
— Cara branca punaré, [2]
Traz o ferro do Burel,
Não tem cauda, é coché. [3]
É cega, só tem um chifre,
Muito esperta e arisca;
São estes todos signaes
Da afamada *lagartixa.*
« Ora si é esta a famanaz
Que tanto susurro tem feito!

[1] aixa ou valle profundo.
[2] ranco amarellado.
[3] lanca.

Para pegar esta vaquinha
É bastante o meu Mosquete. [1]
Ora, vamos todos sete
Lá mais perto da *maiada;*
Quando passei o campestre
Vi uma vez lá deitada.
Afroxa a rédea, caboclo,
Encosta a espora, Preguiça,
Quero vêr a tua fama
Com a tyranna *lagartixa.*
Corre, corre, *lagartixa,*
Vae tomando mais alento;
Que o meu *rucilho* não corre,
Já me vôa como vento.
Todo o gado adiante corre,
Não a quero perder de vista;
Hei-de mostrar meu talento
Á vaqueirada de crista.
João Bernardo não sabe
Que meu cavallo é de cubiça;
Como eu posso ser logrado
Por esta pobre *lagartixa?*
— Aqui mesmo no carrasco
Muitas famas tem ficado;
No atravessar o riacho
Has-de ficar arriado.
Não has-de ter o prazer
De entrar eu na Boa-Vista
Com peia e laço e canzil
Só pelo Pedro-Preguiça.
Não ha vaqueiro de fama
Que do carrasco me tire,

1 Cavallo pequeno e corredor.

Nem que deixe sua trama,
De dentro p'ra fóra se vire.

Mais adiante da *maiada*
Perdeu o Pedro-Preguiça
Chapeu, espora e chicote
No rasto da *lagartixa*.

« Antes de o sol sahir
Vou-te esperar na *maithé;*
Has-de entrar com o laço
Na fazenda do Burel.
— No riacho da Alegria
Foi a minha perdição,
Quando vi o Ventania
Mais o Ferreira Leão.
Os destemidos vaqueiros,
Velloso e o tal Grinalda,
Bem montado' ás estribeiras
Traziam sua *guilhada*.
Grita o Ferreira Leão,
Logo respondeu o Grinalda:

— Si não podem botar no chão,
Eu metto a minha *guilhada*.
Já respondeu o Velloso:
« O Ventania é cabra zarro,
Bate com o chapeu na perna,
Bota no chão, que eu amarro.
O Ventania é decidido,
Passou transes nos carrascos;
Mostrou sempre á *lagartixa*
Que elle é cabra macho. »

Desde que eu sou nascida
Nunca contei com vaqueiro;
Póde contar gravidade
O Ventania o primeiro.
Adeus, fazenda, adeus, pasto,
Adeus, *maiada* e bebedór,
Adeus, restinga e carrasco,
Serrote do Logrador. [1]
Adeus, vasante de baixo,
Adeus, serra do Coité,
Acabou-se a famanaz
Da fazenda do Burel.

45

A B C do Lavrador

(Ceará)

Agora quero tratar,
Segundo tenho patente,
A vida de lavrador
No passado e no presente.

Bem queria ter sciencia,
Dizer por linhas direitas,
Para agora explicar
Uma idéa bem perfeita.

[1] Logar fresco e reservado para se botar o gado em certas cas do anno.

Cuidados tenho de noite,
De madrugada levanto,
De manhã vou para a roça,
A correr todos os cantos.

Domingos e dias santos
Todos vão espairecer,
Eu me acho tão moido,
Que não me posso mexer.

Estando d'esta sorte
Não é possivel calçar,
Os pés inchados de espinhos,
E de todo o dia andar.

Feliz de quem não tem
Esta vida laboriosa,
Não vive tão fatigado,
Como eu me acho agora.

Grande tristeza padece
Todo aquelle lavrador,
Quando perde o legume todo
Porque o inverno escasseou.

He possivel aturar
Até a idade de cincoenta,
Quando se chega aos quarenta,
Já parece ter oitenta.

Lavradores briosos
Consideram no futuro,
Não tomam dinheiro sem vêr
Os seus legumes seguros.

*M*uitos não tem recursos,
Não sabem o que hão de fazer,
Não temem a percentage,
Querem achar quem dê.

*N*ão queira ser lavrador
Quem tiver outra profissão,
É a vida mais amarga
Deus deixou aos filhos de Adão.

*P*ois quando se colhe
Os legumes de um anno,
Ainda se não acaba,
Nova roça começando.

*Q*uasi sempre os lavradores
De canna, café, cacau,
Tem feitores de campo
Para não passar tão mal.

*R*azão elles tem
Para ter contentamento,
Quem trabalha no campo
É quem padece o tormento.

*S*ouberam as camaras crear
Ministros p'ra proteger,
N'esta terra não tem um banco
A ella possa favorecer.

*T*erra pobre como esta
Ninguem póde dar impulso,
Sem banco, sem protecção,
Fóra de todo o recurso!

Vive sempre isolado
Mettido nas espessuras
Com a memoria no passado,
O futuro sem venturas.

Xoram todos a sua sorte,
Faz pena vêr os lamentos,
De pedir dinheiro a rebate,
Por não acharem por centos.

Zombem, façam cassoada
Da vida do lavrador,
Considerem no futuro,
A sorte a Parca cortou.

O *til* por ser do fim,
Sempre dá uma esperança,
Na consolação dos affectos,
Até chegar a bonança.

46

C do Vaqueiro em tempo de sêcca

(Colligido por Araripe Junior, no Ceará)

Agora triste começo
A manifestar o meu fado,
Os meus grandes *aveixames,*
A vida de um desgraçado.

Bem queria nunca ser
Vaqueiro n'este sertão,
Para fim de não me vêr
Em tamanha confusão.

*C*om cuidado levo o dia
E a noite a *maginar,*
De manhã tirar o leite,
Ir ao campo campear.

*D*omingos e dias santos
Sempre tenho que fazer,
Ou bezerros com bicheira,
Ou cavallos p'ra ir vêr.

*E*m quanto Deus não dá chuva
Logo tudo desanima,
Sómente *mode* o trabalho
Das malvadas das cacimbas.

*F*açam a todo o vaqueiro
Viver aqui sobre si,
Que entrando n'esta vida
Diga: — Já me arrependi!

*G*rande é a tyrannia
De um dono de fazenda,
Que de pobre de um vaqueiro
Não tem compaixão nem pena.

*H*omem que tiver vergonha
Vaqueiro não queira ser,
Que as fazendas de agora
Nem dão bem para comer.

I no tempo que nós estamos
Ninguem tem opinião;
Para um dono de fazenda
Todo vaqueiro é ladrão.

*L*abora um pobre vaqueiro
Em tormentos tão compridos,
Quando é *no remate de contas*
Sempre é mal correspondido.

*M*andam como a seu negro,
Uns tantos já se matando;
Ainda bem não tem chegado,
Já seus donos estão ralhando.

*N*ão posso com esta lida,
Me causa grande desgosto,
Só por vêr como vai
O suor d'este meu rosto.

O bom Deus de piedade
A mim me queira livrar,
Em quanto vida tiver
E bens alheios tratar.

*P*ara o mez de Sam João
Vou vêr o que estou ganhando,
Quero pagar o que devo,
Inda lhe fico restando.

*Q*uerendo ter alguma cousa,
Não ha de vestir camisa,
Visto isto que eu digo
O mesmo tempo me avisa.

*R*alham contra os vaqueiros,
Nada se faz a seu gosto;
Si acaso morre um bezerro,
Na serra se toma outro.

*S*aibam todos os vaqueiros
Tratados bem de seus amos,
Si elles não tem consciencia,
Logo nós todos furtamos.

*T*udo isto que se vê
Inda não disse a metade,
Por causa do leite de vacca
Se quebra muita amizade.

*V*ou dar fim ao *A, B, C,*
Eu não quero mais fallar,
Si fosse eu a dizer tudo
São capazes de me matar.

*X*orem e chorarão
Com grande pena e pezar,
Sómente *mode* um *mumbica* [1]
Que dão para se matar.

*Z*elo, zeloso,
Todos sabem zelar,
Que de um pobre vaqueiro
Sempre tem que fallar.

47

O Boi Surubim

(Ceará, colligido Araripe Junior)

Nasceu um bezerro macho
No curral da Independencia,
Filho de uma vacca mansa
Por nome de Paciencia.

1 Garrotinho de anno, magro, enfezado.

Quando o Surubim nasceu
D'ahi a um mez se ferrou,
Na porteira do curral
Cinco touros enxotou.
Na porteira do curral
Onde o Surubim cavou
Ficou o barreiro tal
Que nunca mais se aterrou.
Na praça da cacimba
Onde o Surubim pisou
Ficou a terra acanhada,
Nunca mais capim creou.
Um rêlho de duas braças,
Que o Surubim amarrou,
Botou-se n'uma balança,
Duas arrobas pesou.
Fui passando n'um sobrado,
Uma moça me chamou:

— Quer vender o Surubim?
Um conto de reis eu dou.
« Guarde o seu dinheiro, dôna,
O Surubim não vendo, não.
— Dou um barco de fazenda,
De chita e madapolão.
« Este meu boi Surubim
É um corredor de fama,
Tanto elle corre no duro,
Como nas vargens de lama.
Corre dentro, corre fóra,
Corre dentro na catinga;
Corre quatro, cinco leguas
Com o suor nunca pinga.

*

418862

Quando o Surubim morreu,
Silveira poz-se a chorar;
Boi bonito como este
No sertão não nascerá;
Eu chamava, elle vinha:
— O-lé, ô-lô, ô-lá...

48

A B C do Boi-Prata

(Ceará, colligido por Araripe Junior)

A dois de agosto de quarenta e quatro
Nasci no Sacco da Ema;
Bebi na lagôa grande,
E malhei lá na Jurêma.

*B*ebia bem assustado
Com o medo de meu dono,
Passava noites a andar
Sem saber o que era somno.

*C*omo desenganou-se o meu dono
De acompanhar a carreira,
Foi chamar o João de Sousa
Da fazenda da Ladeira.

*D*eu este sua carreira
Em cima do *melado,*
Mais adiante um pouco,
Gritou: — Estou enganado.

*E*lle disse bem vexado
E todo se tremendo:
— Aqui sumiu-se o garrote,
O rasto não estou mais vendo.

*F*oi voltando para traz
Bastante desconcertado,
Por ter perdido a carreira
No seu cavallo *melado*.

*G*rande pena a de meu dono
Do Sousa vendo a chegada;
Perguntou com muita pressa:
Cadê os seus camaradas? —

*H*indo este um pouco calado
Sem poder contar a historia,
Disse com fé o meu dono:
— Espero ainda a victoria.

I fizeram nova entrada;
Zé de Souza no *pedrezão;*
João de Souza foi gritando:
— Lá está o *barbatão*.

*J*oão de Sousa por esperto
Cavalgava no *melado;*
José disse com soberba:
— Elle agora vai pegado.

*L*á no poço do Pereira
João botou-me no matto;
Logo chegou Zé de Sousa,
Foram-me ganhar o rasto.

*M*e seguiram legoa e meia,
Voltaram desconsolados,
Por haver anoitecido
E não terem-me alcançado.

— *N*ão peguei o barbatão,
Disse logo João de Sousa.
Quando chegaram em casa:
— Corre o bicho até que *zóa*.

*O*h! meu irmão Francisco,
Eu estou desenganado;
Não pego o barbatão
N'esse cavallo melado,

— *P*orque o José de Sousa
Em cima do *pedrezão*
Está tambem desenganado
Que não pega o barbatão.

— *Q*ueira tomar um conselho:
Venda ao Manoel Teixeira;
Elle se atreve a pegar,
Por ser grande na carreira.

— *R*eceba de Manoel Teixeira
O dinheiro todo completo;
Não o podemos pegar,
Só elle, por ser esperto.

*S*im, senhor, eu vou vender
Por doze mil reis contados,
Porque quero ficar livre
D'aquelle bicho malvado.

— *T*odo descançado fiquei,
Nunca mais vi a poeira
De João de Sousa Leal,
Zé de Sousa da Ladeira.

— *U*ma queda não me deram,
Nem me puzeram a mão;
Muitas vezes eu vi elles
Rolar na poeira do chão.

*V*oltavam sempre p'ra traz,
Contando muitas historias;
Porém sempre fui eu
Que tive toda a victoria.

*X*egada d'elles em casa
Muitos queriam ver;
Vinham chegando de tarde
Antes de anoitecer.

*Z*elo commigo, garrote,
Sou teu dono — Teixeira,
Porque não sou de raça
De não te pegar na carreira.

49

O Filgueiras

(Ceará, colligido por Araripe Junior)

— O que tens, Joaquim Jgnacio,
Que de côres vens mudado?
« Meu cunhado Gonçalinho
Foi preso para o Escalado.

O Filgueira assim que soube,
Mandou chegar seu cavallo,
E correu á rédea solta
Em busca do Cantagallo.
Foi chegando e foi dizendo
Com a sua mansidão:

— « Quero o meu sobrinho solto
Que o vejo na prisão. »

Responde o cabo da tropa,
Por ser homem malcriado:

« Seu sobrinho ha-de ser solto
Depois de eu morto e picado! »

Respondeu Joaquim Ignacio
Com a sua opinião:

« Meu tio, peça favor
A gente, a tapuio não! »

Puzeram uma pistola
Nos peitos de Joaquim Ignacio;
A bala entrou pela frente
Foi sahir no espinhaço.
Filgueira com esta acção
Ficou muito estomagado,
Passou mão ao bacamarte
P'ra derrubar o Escalado.
O mulato João de Brito,
Mulato de estimação,
Nos galhos das marmeleiras
Lá deixou seu mandrião.

« O que tens, José Luiz,
Que de trajes vens mudado? »
— Com o repuxo do Filgueira
Sahi todo escangalhado.

50

ersa politica entre um corcunda e um patriota

(Ceará, colligida por Araripe Junior)

— Deus lhe guarde, meu senhor,
— Venha com Deus, cavalleiro,
Venha, logo me dizendo
Si é corcunda ou brazileiro.
Vejo-lhe divisado
Na cabeça um grande galho,
Bem me parece ser
Da vasante o espantalho.
— Sim senhor, eu sou corcunda
E morro pelo meu rei;
Esta divisa que trago
É da sua real lei.
Si o senhor é patriota,
Provisorio cidadão,
Si falla contra o meu rei,
É judeu, não é christão.
E com isto já me vou,
Não quero mais esperar;
O senhor é jacobino
Pelo modo de fallar.

P. — Dê-me attenção, senhor,
Não se faça esforicido;
Um homem apaixonado
Não dá prova de entendido.
Eu conheço o seu caracter,
Não é de tolo e vario,
Mostra ser de pensante,
Ou de um escripturario.
Faça-me a honra apeiar,
Venha-me dar um clarão;
Só o senhor póde dizer-me
O que é a Constituição,
E tambem da Independencia
De Dom Pedro Imperador;
Tudo me explique agora,
Eu lhe peço por favor.
C. — Si o senhor falla-me sério,
Si não é adulação,
Eu lhe direi de que consta
A nova *Constituição.*
P. — O senhor, creia em mim,
Muito sério lhe fallo;
Eu sou um homem nescio,
Não sei onde canta o gallo.
C. — Estes malvados pedreiros,
Carbonarios da nação,
Que por serem *carvalhistas*
Detestam serem christãos,
Não querem ter rei, nem roque,
E menos religião,
Por isso desprezaram
O nosso rei Dom João.
A lei d'elles é anarchia
Da tal Constituição,

Captivando deshumanos
Sem ter quem lhes vá á mão;
Não querem saber de missa,
Menos de sacramento,
Mofam de tudo o que diz
O Novo-Testamento.
Veja, pois, por que rigor
Chamam a nós *marinheiros*,
Arrocham de pau e peia;
Morram todos ao chumbeiro.
Uns homens nobres em tudo,
No sangue e no proceder,
De familias illustradas,
Muitos d'elles vem a ser
Filhos de duques, marquezes,
De condes e de morgados.
Dos infames *patriotas*
Tem sido desfeitiados...
Estas feras d'ora ávante
Só em si maldade encerra;
Desprezam o nosso rei,
Que Deus nos deu na terra;
Um homem santo e pio,
Um refugio e esperança,
O nosso Dom João Sexto,
Filho da real Bragança.
Esta familia illustrada,
Que o mesmo Deus destinou
P'ra seus filhos governarem,
Serem de nós *supriô*...
Mas agora estou contente
De vêr tudo acabado,
Uns mortos e outros presos,
Outros tantos enforcados.

Adeus, tenha saude,
Creia n'isso que lhe digo,
Fuja dos patriotas,
Que são nossos inimigos;
Já estão-se acabando
As malditas rebelliões,
Ficando só no Brazil
A fé pura de christãos.

P. — Tratemos da *Independencia.*

C. — Isso é um passo muito errante;
Dom Pedro no Brazil
Não póde ser *imperante.*

P. — Porque? Elle não é Bragança?

C. — Si o rei ainda é vivo
Não póde haver uma herança.

P. — Já não posso, seu corcunda,
Suas loucuras calar,
Quer por gosto, quer por força,
Ouça-me agora fallar.
Diga-me, homem sem brio,
Amante do captiveiro,
Somos terras, somos gados
Que Dom Pedro seja herdeiro?
Quando Deus formou o mundo
Qual foi o rei que deixou?
Não deixou um só Adão,
De todos progenitor?
D'este mesmo Adão não fez
Deus no ceu para seu mando
Uma mulher para elle
Produzir o genero humano?
D'esses pobres camponezes
Produziu todas nações,
Algum dia elles tiveram

Fidalguia ou brazões?
Onde foi Bragança haver
Esse sangue illustrado?
Só si foi por outro Adão,
Que por Deus não foi deixado.
Só d'essa descendencia
De gentes que Deus não fez,
Sahiu toda a jerarchia,
Condes, duques e marquez.
Abre os olhos, homem tolo,
Adora o Deus verdadeiro,
Aquelle que por nós morreu
Como innocente cordeiro.
Si um rei é tão real,
Como adulas a Dom João;
É baixeza no morrer
Se formar em podridão;
Resuscitar aos tres dias,
Assim como resuscitou
O rei filho de Maria.
. — Eu cá sigo o rei David
Que o mesmo Deus consagrou.
. — Isto lá eu não duvido,
E tambem por isto estou;
Mas quem era o rei David?
Era um pobre coitado,
Era um simples partorsinho
Do rebanho de seu gado.
Que é do nosso rei David?
Agora só ha tyrannos
Dissolutos, incivis,
De vaidade profanos.
. — Já é tarde, vou andando;
Tenha mão, *seu* papagaio,

Vossê diz cadê as tropas
Do coitado do Pinheiro;
É certo que lá andei,
E que d'elle sou soldado...
P. — Perseguiste os teus patricios
Como lobos defamados;
Nas casas que cercaste
Tambem foste carniceiro.
Ajudaste a tirar
Vida, honra e dinheiro;
Ajudaste a matar
Teus irmãos, mansos cordeiros,
Que desgraça, *seu* corcunda!
Entre os mesmos brazileiros!...
Desprezar os seus irmãos
Como lobos carniceiros.
Esta injustiça, seu corcunda,
Reclamam os ceus inteiros...
C. — Meu amigo, estou certo
Do quanto me tem narrado,
Já me peza de ter sido
Dos meus irmãos o malvado.
Roto o véo do engano,
Nova vida eu terei,
Constante patriota serei;
Podem contar commigo:
Defender a nossa patria
E morra o nosso inimigo!

51

A alforria do cachorro

(Pernambuco)

No tempo em que o rei francez
Regia os seus naturaes,
Houve uma guerra civil
Entre os brutos e animaes.
N'este tempo era o cachorro
Captivo por natureza;
Vivia sem liberdade
Na sua infeliz baixeza.
Chamava-se o dito senhor
Dom Fernando de Turquia;
E foi o tal cão passando
De villeza á fidalguia.
E d'ahi a poucos annos
Cresceu tanto em pundonor,
Que os cães o chamaram logo
De Castella imperador.
Veiu o herdeiro do tal
Dom Fernando de Turquia;
Veiu a certos negocios
Na cidade da Bahia.
Chegou dentro da cidade,
Foi á casa de um tal gato;
E este o recebeu
Com muito grande apparato.
Fez entrega de uma carta,
E elle a recebeu;

Recolheu-se ao escriptorio,
Abriu a carta e leu.
E então dizia a carta:

«Illustrissimo Senhor
Mauricio — Violento — Sodré —
Ligeiro — Gonçalves — Cunha —
Subtil — Maior — Ponte-Pé;
Dou-lhe, amigo, agora a parte
De que me acho augmentado,
Que estou de governador
N'esta cidade acclamado.
Remetto-lhe esta patente
De governador lavrada;
Pela minha propria lettra
Foi a dita confirmada.»
Ora o gato, na verdade,
Como bom procurador,
Na gaveta do telhado
Pegou na carta e guardou.
O rato, como malvado,
Assim que escureceu,
Foi á gaveta do gato,
Abriu a carta e leu.
Vendo que era a alforria
Do cachorro, por judeu,
Por ser de má consciencia,
Pegou na carta e roeu.
Roeu-a de ponta a ponta,
E pôl-a em mil pedacinhos,
E depois as suas tiras
Repartiu-as pelos ninhos.
O gato, por occupado
Lá na sua Relação,

Não se lembrava da carta
Pela grande occupação.
E depois se foi lembrando,
Foi caçal-a e não achou,
E por ser maravilhoso
D'isto muito se importou.
. . . . . .

52

O Lucas da Feira

(Sergipe)

Adeus, terra do limão,
Terra onde fui nascido;
Vou prêso para a Bahia, [1]
Levo saudades commigo.
Eu vou preso p'ra Bahia,
Eu vou preso, não vou só,
Só levo um pezar commigo:
É da filha do major.
Eu vou preso p'ra Bahia.
Levo guarda e sentinellas,
Para saber quanto custa
Honra de moças donzellas.
Estes socios meus amigos
De mim não têm que dizer;
Que por eu me vêr perdido
Não boto outra a perder.

[1] o é prova de como a Bahia, a antiga capital da colonia, e a or muito tempo a mais notavel e commercial do paiz, ficou na imaginação pópular como a terra suprema, a nossa *Ro-* o nosso *Chanaan*.

Estes socios meus amigos
A mim fizeram traição;
Ganharam o seu dinheiro,
Me entregaram á prisão.
Meus amigos me diziam
Que deixasse de funcção,
Que o Casumba por dinheiro
Fazia as vezes do cão.
Vindo eu de lá da festa
De Sam Gonçalo dos Campos,
Com o susto do Casumba
Cahiu-me a espada da mão.
Já me quebraram o braço,
Já me vou a enforcar;
Como sei que a morte é certa
Vou morrendo devagar.
Quando na Bahia entrei
Vi muita cara faceira;
Brancos e pretos gritando:
— La vem o Lucas da Feira!
Quando eu no Rio entrei
Cahiu-me a cara no chão;
A rainha veiu dizendo:
— Lá vem a cara do cão.

53

O Calango

(Sergipe)

Calango fez um sobrado
De vinte e cinco janellas
Para botar moças brancas,
Mulatas côr de canella.

Calango matou um boi,
D'elle não deu a ninguem;
Lagartixa respondeu:
— Calango fez muito bem.
O calango foi á feira
Em traje de gente rica;
Lagartixa respondeu:
— Calango, vossê lá fica.
O calango foi á festa
Montado n'uma leitôa;
Lagartixa respondeu:
— Calango não é pessoa.
Calango estava deitado
Na prôa do seu navio;
Lagartixa respondeu:
— Calango, tu és vadio.
Calango sahiu á rua
Montado n'uma perúa;
Lagartixa respondeu:
— Vejo que a tola está núa.
Calango foi convidado
Para ser juiz de paz;
Lagartixa respondeu:
— Calango, veja o que faz.
Calango foi á Bahia
Com seu barco de feijão;
Lagartixa respondeu:
— Cada bage é um tostão.
O calango é bicho porco,
N'um folguedo quiz entrar;
Lagartixa respondeu:
— Calango, vai-te lavar.
Calango foi convidado
Para ser um presidente;

Lagartixa respondeu:
—Calango, me traz um pente.
Minha gente, venha vêr
Cousa de fazer horror:
Lagartixa de chinelas,
Calango de paletô.

54

O Sapo do Cariri

(Sergipe)

No sertão do Cariri [1]
Havia um sapo casado;
Na sécca de oitenta e quatro [2]
Quasi que morre torrado.
Determinou a mudar-se,
Levando comsigo a Gia,
De cabeça para baixo
Em procura da Bahia.
Segurando a sua trouxa,
Seguiu por Caruarú;
Logo alli á tardesinha
Deu na casa do teyú.
Sapo: Deus vos salve, meu senhor,
Dá-me um rancho, por favor?
Teyú: Um rancho não posso dar,
Que o senhor não vem só;

[1] Sertão do Ceará, chamado tambem *Cariris Velhos*, por oposição aos *Cariris Novos*, na Parabyba do Norte.
[2] Uma das seccas notaveis do Ceará no seculo passado.

Traz em sua companhia
A sua tataravó.
Sapo: A minha tataravó
Ha muito que já morreu;
Trago em minha companhia
A mulher que Deus me deu.
E venho muito vexado,
Dona Gia está pejada;
'Stou vendo que dão-lhe as dôres
Antes que chegue ao riacho.
Teyú: Visto isto, meu senhor,
Entremos cá para dentro;
Eis aqui está um quarto,
Faça ahi seu aposento.»

Logo alli á madrugada
Deu a dôr em Dona Gia;
Descendo escadas abaixo,
Pariu um sapinho macho. [1]

55

A velha Bizunga

(Versão de Maricá, Rio de Janeiro)

Velha bizunga,
Casai vossa filha,
P'ra termos um dia
De grande alegria.

[1] Não nos foi possivel conseguir a continuação da viagem do Sapo do Cariri até á Bahia; temos memoria de tel-a ouvido em creança. As pessoas que agora nol-a repetiram sabiam-na até ahi.

« Eu, minha filha,
Não quero casar;
Pois não tenho dote
Para a dotar.
Sahiu a *Preguiça*, [1]
De barriga lisa:
— Case a menina,
Que eu dou a camisa.
« Quem dê a camisa
De certo nós temos;
Mas a saia branca,
D'onde a haveremos?
Sahiu a *Cabrita*
Do matto manca:
— Case a menina,
Darei a saia branca.
« Quem dê saia branca
De certo nós temos;
Mas o vestido,
D'onde o haveremos?
Sahiu o *Veado*
Do matto corrido:
— Case a menina,
Que eu dou o vestido.
« Quem dê o vestido
De certo nós temos;
Mas os brincos,
D'onde os haveremos?
Sahiu o *Cabrito*
Dando dous trincos:
— Case a menina,
Eu darei os brincos.

[1] Animal.

« Quem dê os brincos
De certo nós temos;
Mas falta o ouro,
D'onde o haveremos?
Sahiu do matto
Roncando o *Bezouro:*
— Case a menina,
Qu'eu darei o ouro.
« Quem nos dê o ouro
De certo nós temos;
Mas a cozinheira,
D'onde a haveremos?
Sahiu a *Cachorra*
Descendo a ladeira:
— Casai a menina,
Serei cozinheira.
« Quem seja a cozinheira
É certo já temos;
Porém a mucama,
D'onde a haveremos?
Sahiu a *Trahira* [1]
De baixo da lama;
— Casai a menina,
Serei a mucama.
« Quem seja a mucama
De certo nós temos;
Porém o toucado,
D'onde o haveremos?
Sahiu o *Coelho*
Todo embandeirado:
— Casai a menina,
Darei o toucado.

1 Pequeno peixe.

« Quem dê o toucado
É certo que temos;
Porem o cavallo,
D'onde o haveremos?
Sahiu do poleiro
Muito teso o *Gallo:*
— Casai a menina,
Que eu dou o cavallo.
« Quem dê o cavallo
De certo nós temos;
Mas o sellim,
D'onde o haveremos?
Sahiu um burro
Comendo capim:
— Casai a menina,
Eu darei o sellim.
« Quem dê o sellim
É certo que temos;
Porém falta o freio,
D'onde o haveremos?
Sahiu uma *Vacca,*
Pintada pelo meio:
Casai a menina,
Eu darei o freio.
« Quem nos dê o freio
Sim, senhores, temos;
Porém a manta,
D'onde a haveremos?
Sahiu a *Onça,*
Co'a bocca que espanta:
— Casai a menina,
Qu'eu darei a manta.
« Quem nos dê a manta,
É verdade, temos;

Mas quem será o noivo?
D'onde o haveremos?
Sahiu o *Tatú*
Com o seu casco goivo:
— Casai a menina,
Que eu serei o noivo.
« O noivo tratado
De certo nós temos;
Porém o padrinho,
D'onde o haveremos?
Sahiu o *Ratinho*
Todo encolhidinho:
— Casai a menina,
Eu serei o padrinho.
« Quem seja o padrinho
De certo nós temos;
Porém a madrinha,
D'onde a teremos?
Sahiu a *Cobrinha,*
Toda pintadinha:
— Casai a menina,
Eu serei a madrinha.
« Quem seja a madrinha
De certo nós temos;
Mas quem pague o padre,
D'onde o haveremos?
Sahiu a *Cobrinha,*
Que era a comadre:
— Casai a menina,
Eu pagarei ao padre.

Cada um dando o que pôde
Todos se arrumaram:

Chamado o padre,
Logo se casaram.
Cahindo o sereno
Por cima da gramma,
Debaixo da pedra
Fizeram a cama,
Se divertiram,
Cantaram, dançaram;
E diz o *Lagarto*
Que tambem tocaram.
Si é verdade ou não,
Isso lá não sei;
O que me foi contado
Eu tambem contei.
O que sei só é
Que tanto brincaram,
Que todos tambem
Se embebedaram.
Até eu tambem
Me achei na *funcção*,
E p'ra casa *truce*
De dôce um *buião*. [1]

56

Balaio

(Rio Grande do Sul; colligido por Koseritz)

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio do coração;
Moça que não tem balaio
Bota a costura no chão.

1 Este romance devemol-o ao snr. dr. Macedo Soares, q ligiu em Maricá, e nol-o enviou.

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio do presidente;
Por causa d'este balaio
Já mataram tanta gente!...
Balaio, meu bem, balaio,
Balaio de tapeti;
Por causa d'este balaio
Me degradaram d'aqui.

57

A B C de Amores

(Colligido por Carlos Miller, no Rio Grande do Sul)

*A*qui te mando, bemzinho,
Um *A B C* de amores,
Para que n'elle tu vejas
Os meus suspiros e dores.

Anda cá, meu doce bem,
Anda vêr, prenda querida,
As queixas que tu me fórmas
Nos passos da minha vida.

*B*em conheço, prenda minha,
Que a vida me deixaste,
Por sentires grande falta
D'um coração que me roubaste.

*C*adeias foram teus olhos,
Grilhões os teus carinhos,
Que prenderam meus affectos
Entre os mais duros espinhos.

*D*e cada vez que te vejo,
Se me dobram as prisões;
Eu juro me teres roubado
Duzentos mil corações.

*E*mpenhei-me a experimentar
A dureza do teu peito;
Nasci forro, sou captivo,
Sou leal e até sujeito.

*F*eriste meu coração
Para n'elle seres ouvido;
Ficaste sendo senhora,
Eu fiquei sendo captivo.

*G*loria dos tempos passados,
Que tão depressa fugistes!
Que te faziam meus olhos,
Que vos fazem andar tristes?

*H*e bem que chorem meus olhos
De uma dôr que os atormenta;
Um sensivel coração
Pelos olhos arrebenta.

*I*de, meus olhos, nadando
N'estas aguas que choraes;
Amor de meu coração,
Quando nos veremos mais?

*L*agrimas, cahi, cahi,
Relatai a minha dôr;
Pois um triste coração
Não tem outro portador.

Mais me valia morrer
Quando em ti puz o sentido;
Não pensei que tantas maguas
Me tivessem combatido.

Não abatas tanto, ingrata,
Um triste, afflicto queixoso;
Pois seja da minha vida
Fim, tormento rigoroso.

O rouxinol quando canta
Fórmas queixas de sentido;
Eu tambem me queixarei
Por ser mal correspondido.

Peço-te, bemzinho amado,
Que me faças um carinho,
Que vivas na esperança
Qu'inda hei-de ser teu bemzinho.

Quem vir a enchente no mar,
Não lhe cause confusão;
Que são aguas dos meus olhos,
Fontes do meu coração.

Rebenta, minh'alma afflicta,
Que está ferido o meu peito,
Pelo muito que eu padeço,
Menina, por teu respeito.

Suspenderei os meus prantos,
Cessarei já de chorar,
Já que me coube por sorte
Querer bem e não lucrar.

Tenho tão pouca ventura
Na sorte de te querer,
Que te peço por esmola
Sim me deixes padecer.

Vivo tão pensionado,
Que não sei de meus cuidados,
Si padeço ou si suspiro,
Si choro de maguado.

Xorando só de continuo
Por viver tão retirado,
Na tua ausencia, vidinha,
N'este triste, afflicto fado.

Zombem embora de meu pranto,
Pois a mim fizeste guerra,
Outro não acharás
Em todos os bens da terra.

O *til* por ser pequenino
Tambem goza estimação;
Estou esperando a resposta
Que venha da tua mão.

58

Chula a tres vozes

(Ceará, apud Theophilo Braga)

Lá nos campos de Cendrêa,
Meu corpo vi maltratado!
Tudo isto experimentei
Só por ser seu bem amado.

Vem aos meus braços,
Meu bem amado,
Vem consolar
Um desgraçado.
Si eu não te quero bem
Deus do céo me não escute;
As estrellas me não vejam,
A terra me não sepulte.
Vem aos meus braços,
Meu bem amado,
Vem consolar
Um desgraçado.
N'aquelle primeiro amor
Que no mundo teve a gente,
O amor cravado n'alma
É lembrado eternamente.
Vem aos meus braços,
Meu bem amado,
Vem consolar
Um desgraçado.

59

Sarabanda

(Ceará, apud Theophilo Braga)

— Aqui estou, minha senhora,
Com dôr no meu coração,
Bem contra a minha vontade
Fazer-lhe esta citação.
« Tambem tenho minha casa
Mui da minha estimação;

Tudo darei á penhora,
Porém as cadeiras não.
« Tambem tenho minha cama
Coberta de camelão,
A barra de setim nobre,
O forro de camelão;
Tudo darei á penhora,
Porém as cadeiras não.
« Tambem tenho cinco escravos,
Tres negros e dois mulatos,
Mui da minha estimação;
Tudo darei á penhora,
Perém as cadeiras não.
— Venha cá, minha senhora,
Deixe-se de tantas besteiras,
Que no mundo não falta ourives
Que lhe faça outras *cadeiras.*

60

Meu bemzinho, diga, diga...

(Sergipe)

— Meu bemzinho, diga, diga,
Por sua bocca confesse
Si vossê nunca já teve
Quem tanto bem lhe quizesse.
« Si eu nunca tive
Quem tanto bem me quizesse,
Tambem nunca tive
Quem tantos trabalhos me désse.
— Os trabalhos qu'eu te dei,
Vossê mesmo os procurou;

Que da casa de meu pae,
De lá vossê me tirou.
— Si de lá eu te tirei
Foi por me vêr perseguido;
Quantas e quantas vezes
Não me tenho arrependido!
« De que te arrependes, amor?
D'este teu genio tão forte?
Não prometteste ser firme
Até na hora da morte?
Até na hora da morte
Sentirei ingratidão,
Sendo eu a dona
Roubada d'este ladrão!...
Nuńca comi de ladrão,
Nem pretendo comer;
Poderei comer agora
Debaixo de seu poder.
— Debaixo de meu poder
Tu terás grande valia;
Sahindo d'elle p'ra fóra,
Não terás mais fidalguia.
« Esta fidalguia minha
Nunca ha-de se acabar;
Qu'eu com gente mais somenos
Nunca hei de me pegar.
— Pega, então, meu amor,
Procurando opinião;
Que estas meninas de agora
Não procuram estimação.
« Não procura estimação
Só aquella que é pobre;
Uma dôna, como eu,
Só procura gente nobre.

— Goza, meu bem, da vida,
Qu'eu, á noite, vou-te vêr,
Dando suspiros e ais
P'ra não te vêr padecer.

61

Variante do Rio Grande

(Recolhida por C. Miller)

— Meu bemzinho, diga, diga,
Por tua boca confessa
Si algum dia tu tiveste
Amor que mais eu quizesse.
Mas confesso que não tive
Quem mais trabalho me desse.
« Si mais trabalho lhe dei,
Por tua mão procuraste,
Que de casa de meus paes
Bem raivosa me tiraste.
Si raivosa te tirei,
Por me vêr perseguido,
Quantas e quantas vezes
Bem me tenho arrependido!
— Porque te arrependes, ingrata,
Tendo eu um genio doce?
Prouvéra que eu fosse amoroso,
Não andavas tão desgostosa.
Que desgostosa vossê vive,
Vivendo d'esta sorte;
Te prometto lealdade,
Lealdade até á morte.

« Pois eu sinto e sentirei,
Sinto mil ingratidões;
Sinto ser uma dôna
E roubada dos ladrões.
Eu dos ladrões nunca fui,
E de juro de não ser,
Emquanto viver sujeita
Debaixo de seu poder.
— Debaixo de meu poder
Foi que tiveste valia;
Que sahindo para fóra
Acabaes a fidalguia.
« Fidalguia sempre tive,
Que d'isto me hei de gabar,
Que com gente d'outra esphera
Não me hei-de misturar.
— Misturar hei-de por força,
Que isto vem de geração;
Que as meninas d'estes tempos
Não se dão á estimação.
« Estimação não se dão
Aquellas que são pobres;
Que uma rica como eu
Só procura gente nobre.
— Gente nobre hei-de por força,
Que isto vem por festejar;
Que o peor é dar-lhe um couce,
E o melhor vem a ficar.
« .....
Já sei que queres dizer...
Queres dominar o meu corpo,
Isto me daes a entender.

62

O Sapo Cururú

(Sergipe)

— Ó sapo cururú
Da beira do rio!
« Não me bote n'agua,
Qu'eu morro de frio.
Bum...
— Sapo cururú
De Dona Thereza!
« Me corte o cabello,
Me deixe a belleza.
Bum...
— Sapo cururú,
Que fazes lá dentro?
« 'Stou calçando as meias
P'ra meu casamento.
Bum...
— Sapo cururú
Diz que quer casar?
« P'ra ter minha mulher
P'ra me regalar.
Bum... [1]

[1] Estes versinhos creio que são cantados e dançac precedidos d'estes :

Sapateiro novo,
Me faz um sapato
De sola bem fina
P'ra dançar o sapo.

63

O ABC da Moça queimada

(Ceará)

A trinta do mez de outubro
Do anno de trinta e um,
Ardi em chammas de fogo
Sem haver remedio algum.

*A*i! de mim, triste coitada,
Que truce tão cruel sina
De passar pela desgraça
N'este mundo tão menina!

*B*em conheço de certeza
Que foi por Deus esta morte;
Assim quiz o creador,
Permittiu a minha sorte.

*C*uando no mundo nasci
Foi para morrer queimada;
De Deus a sina no mundo
Não póde ser revogada.

*D*eus como de piedade
Tenha de mim compaixão;
Foi tal a minha desgraça
Que morro sem confissão.

*E*u conheço de certeza
Que só por Deus poderia
Eu acabar d'esta sorte,
Morrer com tanta agonia.

*F*azendo eu umas papas
Para um menino comer,
Oh! que caso tão cruel
A mim veiu acontecer!

*G*ritei por todos de casa
No estado em que me puz,
Pedindo que me acudissem
Pelas chagas de Jesus.

*H*oje por me vêr assim
Desenganada da vida
Já desejo que a minha alma
De Deus seja recebida.

*J*á me dispuz a morrer,
Para mim a morte é nada;
Tendo a gloria, me não peza
De ter morrido queimada.

*L*agrimas por mim não botem
Que remedio me não dão,
Antes me recommendem
Á Virgem da Conceição.

*M*orrendo estou satisfeita,
Ninguem de mim tenha dó;
Tendo eu a salvação
Lá no céo estou melhor.

*N*ão tenho mais que pedir,
Que já mais fallar não posso;
Quem n'este *A B C* pegar
Reze-me um Padre-Nosso.

*O*h bom Deus de piedade,
Jesus Christo Redemptor,
Tende compaixão de mim
Por vosso divino amor!

*P*elos meus grandes peccados
No mundo fui desgraçada,
Mas pelo amor de Maria
Serei nos céos perdoada.

*Q*ue dores! que agonias
Por me vêr n'esta figura!
N'aquella matriz do Icó
Foi a minha sepultura.

*R*olando na minha cama
Com ancias e agonias
Sem poder ter um allivio
No espaço de oito dias.

*S*oberano rei da gloria,
Filho da Virgem Maria,
No meu ultimo suspiro
Queiraes ser a minha guia.

*T*enho a certeza, Senhor,
Que me não hei-de perder;
Vos peço que não deixeis
A minha alma padecer.

*V*ou dar fim ao *A B C*
Que não posso mais fallar;
Me ajudem a morrer
Que me quero retirar.

Xorando ficarão todos,
Eu me vou bem consolada
Na esperança que a minha alma
Na gloria terá entrada.

Zangada já estou do mundo,
Eu não quero mais viver,
No artigo em que me acho
Só com Deus me quero vêr.

O *til* é letra do fim;
Findo em pedir tambem
A Deus que me dê a gloria
Para todo o sempre. Amen.

64

O A B C do Araujo

(Ceará)

*A*h! mundo falso, enganoso,
Em ti não ha que fiar;
O que fôr mais exaltado
Maior queda fazes dar.

*B*em se viu, melhor se vê;
Quem viver melhor verá
As voltas que o mundo deu
E as que tem para dar.

*C*uide cada um em si,
Não queira ao alto voar,
Que o fogo da soberba
As azas lhe ha-de queimar.

*D*o que fui e do que sou
Bem me desejo esquecer,
Ao lembrar-me do que fui
E do que virei a ser.

*E*mbarquei com vento á pôpa
Para no mar navegar;
Sem levar agulha e prumo
Pelos baixos vim a dar.

*F*ui solteiro e sou casado,
Vivi com muita alegria,
Por se me trocar a sorte
'Stou posto sem serventia.

*G*astei a minha fazenda
Na furia da mocidade
Servindo a bens communs
E a uma Magestade.

*H*omem grande.....
De um grande governar
Si não tiver direcção
Sem respeito ha-de acabar.

*L*embrando-me do que fui,
Muito differente estou;
Fui alegre, hoje sou triste;
A sorte se me mudou.

*M*orto já me considero,
Ter vida mais não queria;
Só si eu tivera vista
Algum tempo ou algum dia.

*N*ão são lembrados os males
Na primavera dos annos;
Só se me lembram delictos,
Não se me esquecem os damnos.

*Q*uem se viu como eu me vi
Tão respeitado e querido!
Hoje de poucos lembrado,
E de muitos esquecido!

*R*espeito, honra, justiça
No dinheiro é que se encerra;
Quem tem isto já tem tudo,
Porém tudo isto é terra.

*S*uspiros que vem de longe
Só servem de maltratar;
Olhos que de vêr não servem
Que sirvam para chorar.

*T*u me viste, e tu me vês
No estado em que estou;
Isto te sirva de exemplo,
Que quem eu fui já não sou.

*V*anglorias e passatempos,
Tudo n'este mundo passa;
Descem uns e sobem outros
Conforme a sua desgraça.

*Z*ombe pois de mim o mundo,
Que eu d'elle não quiz zombar,
Adquirindo paixões
Para com ellas cegar.

O *til* não fique de fóra,
Entre já sem dilação;
Venham vêr o Araujo
Que já teve, e hoje não.

65

A B C de um homem solteiro

(Ceará)

*A*cho-me com vinte annos
Sem tenção de me casar;
Faço este *A B C*
Para n'elle me explicar.

*B*em vontade que eu tenho;
Ólho norte, e vejo sul;
Bem casado que eu ando
Co'as molestias que possúo.

*C*asarei-me com certeza
Si vossê me sustentar
De carne, farinha e peixe,
E do mais que precisar.

*D*e ir a bailes e comedias
Descance o seu coração,
Que de casa me não sae
Nem que venha um seu irmão.

*E*u á missa e á egreja
Sempre lhe hei de levar,
Quer de pé, quer de cavallo,
Como Deus nos ajudar.

*F*aço-lhe tudo a saber
Emquanto remedio ha;
Si ha-de chorar sem remedio,
Melhor será não casar.

. . . . . .

*H*omem que falle a verdade
Vossê não ha-de encontrar;
Todos querem passatempo,
E vão atraz de enganar.

. . . . . .

*N*as sextas e nos sabbados
Nós havemos de guardar,
E nos dias de preceito
Nós havemos jejuar.

. . . . . .

*R*êde sempre me ha-de dar
Si quizer ter boa fama,
Que sou um homem doente,
Não posso dormir em cama.

*S*aia sempre lhe hei-de dar,
Isto não lhe dê cuidado;
Não serão quatro nem cinco,
Que não sou tão abonado.

66

O cão e o urubú

(Ceará)

Guarde-o Deus, seu urubú,
E a sua nobre pessoa,
Que viva co'o papo cheio
Passando uma vida boa.
Certamente vou passando
Uma vida mais suave;
Ultimamente lhe digo
Já vi anno favorave.
Mas já estou aqui temendo
Quando chegar a invernada;
Cahindo a chuva na terra,
A fartura está acabada.
Não me dirás, urubú,
Como acham vossês rez morta
Nem que esteja escondida
Lá por dentro de uma grota?
Eu te direi, cachorro,
Do modo que nós achamos,
Avoando pelos ares
De lá com a vista bispamos.
Depois de termos bispado
Fazemos uns peneirados,
Fechamos de lá as azas,
Traz! na carniça sentados.
.....
.....
Urubú tu te agastaste?

U. — Certamente me agastei,
Pois sou um passaro brioso;
Si eu sou esfomeado,
Tu és um bicho guloso.

67

As lagartixas

(Gamella da Barra Grande — Alagôas)

Eu vi uma lagartixa
Tocando n'uma viola;
O calangro respondeu:
— Oh! que cabrita paixola!
Eu vi outra lagartixa
Atrepada n'um sobrado,
Repimpada na cadeira
Com seu rabo pendurado.
Eu vi outra lagartixa
Na feira da Macahyba,
Botando torrões abaixo,
Botando cargas arriba.
Eu vi outra lagartixa
Atrepada no coqueiro,
Botando côcos abaixo
Para quem fosse primeiro.

68

Decima grande da Obra do Firman

(Rio de Janeiro)

Quando o Senhor formou
A obra do firmamento,

Obra de tanto talento
E juizo;
Formou tambem um paraiso,
De arvores e flores composto,
Tudo de summo gosto
E perfeição.
E para guarda fez Adão,
E de sua cósta a mulher;
E Deus depois lh' arefere
Assim:
— Fica-te n'este jardim,
De delicias guarnecido,
E olha bem que és o marido
De Eva. —
Adão todo se enleva
Por se vêr acompanhado;
Logo foi aconselhado.
Pelo Senhor:
— Tudo fica a teu dispôr,
Tudo te ha-de ter respeito,
Porém, guarda o preceito,
E escuta:
Comerás de toda a fruta,
Sem que haja prejuizo;
Mas agora é bem preciso
Que te explique,
Para que em tua memoria fique,
E gozes com *previnencia:*
Só da arvore da sciencia
Do bem e mal;
Olha que é culpa mortal
Se te tal acontecer...
Olha que has-de morrer
Na verdade. —

A serpente com maldade
Eva foi logo atentar,
E ella facil foi pegar
No pomo;
E do qual partiu um gomo
E ao seu marido offereceu;
E Adão da fructa comeu
Tambem.
Ambos igual culpa teem,
Eva e o seu consorte;
Ficaram sujeitos á morte
Chorando.
Apparece o Senhor bradando:
— Adão! onde estás metido? —
« Senhor, estou escondido
Com vergonha.
— Oh! que terrivel, medonha,
Foi tua culpa commettida!
Acabou-se a boa vida
Que tivestes.
« Senhor, a mulher que me déstes
Cá me veiu enganar...
— Vem cá, oh Eva, explicar
De repente.
— « Senhor, a maldita serpente
De certo me enganou! » —
E o Senhor por ella bradou
Devéras:
— Oh maldita entre as feras!
Eu te deito a maldição...
Andarás tu pelo chão
De rastos,
Comendo hervas e pastos,
E a terra para alimento;

Ella será teu sustento,
Malvada!
Tu, Adão, com tua enxada
A terra cultivarás;
E tu, Eva, parirás
Com dôr.
Nada fica ao teu favor,
Já que a vontade fizeste;
Assim perdeste o celeste
Agasalho.
Tu, Adão, com teu trabalho
Ganharás para comer,
E Eva te ha-de obedecer,
A rasão direita.
Aqui ficarás sujeita;
Tu, Adão, a dominarás,
E te multiplicarás
Com ella.—
Perderam, pois, a capella
Que o Senhor lhe houve guardado,
Tudo causa do peccado
Horrendo.
Alli ficaram vivendo
E o seu peccado chorando,
Ambos supplicando
Perdão.
Aqui abateram então.
Logo Eva concebeu,
Foi quando o Senhor lhe deu
Caim.
Este foi um filho ruim,
Muito tyranno e cruel;
Ao depois lhe deu Abel,
Pastor.

Este foi um resplendor
De voto e de castidade;
Porém Caim com falsidade
O matou.
E o Senhor p'ra elle olhou,
Depois que elle fez o mal,
Pondo-lhe logo um signal
De preto.
Portanto, ficou sujeito
A eterna escuridão,
Negro como um tição
De lume.
Acabou-se-lhe o ciume
Que tinha com seu irmão;
E augmentou-se a geração
Dos peccadores.
E já isto, meus senhores,
Tem durado de tal sorte
Que só finda quando a Morte
Vem.
Ella não respeita a ninguem,
Leva a todos por parelha,
Nós temos bem o espelho
Á vista.
Não ha pessoa que resista
Nem o mesmo padre santo,
Que ella leva a quanto
Tópa.
Todos que estão na Europa,
As mesmas pessoas reaes,
Os bispos e cardeaes
Vai levando.
E tambem de quando em quando
Reis, principes e monarchas;

Até mesmo os patriarchas
Levou.
Pois um Deus que nos creou
Quiz pela morte passar,
Como havemos de escapar
Á espada?
Ella é certa e pouco esp'rada,
Da morte tudo se esquece;
Mas por fim tudo padece
Este lance.
Todos passamos o transe
Da morte com afflicções,
Que os mais santos corações
Padeceram.
Aquelles perfeitos morreram:
Em vizo de santidade,
Um Lamé, um na verdade
Que é:
O pai do grande Noé,
Um Abrahão glorioso,
Seu filho prodigioso
Isaac;
Os habitantes de Israc,
Paes e irmãos de Ludim,
Aquelle Labal Caim
Trabalhador;
Um Nabucodonosor,
Mais aquelle santo Job,
Um admiravel Jacob
De Israel;
Adão, seu filho Ijabel,
O grande Melchisedeque,
E aquelle bom Ab-Meleque
Rei!

E eu isto tudo direi,
Certifico e assim é:
Lá tambem morreu José
No Egypto.
Tudo isto está escripto;
E nada póde faltar:
Tambem morreu Putifar
Sacerdote.
Morreu aquelle justo Loth,
E tudo que era egyptano,
Morreu o rei soberano
Pharaó.
E não foram esses só:
Tambem morreu Batuel,
Agar, mais Ismael
Seu filho.
De nada eu me maravilho:
Tambem morreu Izacar,
E o seu filho Soar
Tambem;
Filhos, irmãos de Rubem,
Os moradores de Babel,
E os fundadores de Batel
Passaram.
Nenhuns do transe escaparam
Da vil morte com destreza...
Ella vem com subtileza
E mata.
Segundo a Escriptura relata,
De certo que a ninguem perdôa:
Leva o sceptro e leva a corôa,
E tudo mais.
Não respeita cabedaes,
Tudo leva por igual,

Tambem leva o general
E o brigadeiro.
E morre quem tem dinheiro,
P'r'a morte não ha penhor;
Tambem morre o governador
Na praça.
Morre tudo quanto passa
Esta vida com rigores;
Morrem padres, confessores,
Que estão
Lá em sua religião
Orando a Sam Miguel;
Tambem morre o coronel
Do regimento;
Morrem alferes, sargento,
O soldado e o capitão;
Morrem aquelles que estão
Na enxovia.
Morre toda a fidalguia;
Morre o pobre e o abonado,
E o ser muito endinheirado
Não faz;
Morre o velho e o rapaz;
Morre tudo sem remissão;
Tambem morre o guardião
No convento.
Morrem no acampamento
Tambores e mais soldados;
Morre nos mares salgados
Marinheiro;
Tambem morre o escudeiro,
O medico e o *surgião;*
Tambem morre o escrivão
E o juiz.

Segundo a Escriptura diz,
Só dois foram escapados,
Elias e Enoc chamados
De certo.
Tem morrido no deserto
Aquelles santos levitas,
E o povo dos israelistas
Fallece.
A morte ninguem conhece:
Morreu o sabio Salomão
E o valoroso Samsão
Gigante;
Morre o leigo e o estudante,
Tambem morre o embaixador;
Morre aquelle lavrador
Que anda
De uma para outra banda
A sua vida girando,
De modo que vá ganhando
P'ra passar,
Sem a morte lhe lembrar,
E ella já batendo á porta,
Que de repente lhe bota
A mão.
Muitos leva sem confissão,
Pois isto me faz tremer,
Vendo podermos morrer
Sem sacramento,
Nem signaes de arrependimento,
Sendo a morte de repente...
Pois valei-me o omnipotente
Deus.
Tudo são peccados meus
De que eu tenho de dar conta

A Deus, e sempre com prompta
Vontade.
Pois Deus é de piedade;
Aquelle doce Jesus,
Está c'os braços na cruz
Pregados!
Tudo por nossos peccados
Padeceu morte e paixão!
E nós com ingratidão
O tratamos!
Assim é que lhe pagamos
Todo o bem que elle nos faz;
Mas, lá no *Val de Josaphaz*
Veremos
As contas que cada um demos,
Lá no dia universal,
Quando o Senhor der a final
Sentença.
Os bons com gloria immensa,
E os máos sentenciados,
Para serem abrazados
No inferno!
Eu peço ao Padre Eterno...
Valha-me todo o christão
N'esse dia de afflicção
E amarguras.
Abriram-se as sepulturas
C'os corpos resuscitados,
Sendo de novo formados
Como d'antes!
E as boas obras brilhantes
Na presença do Salvador;
E os máos serão com rigor
Tratados.

Ali darão, Senhor, brados,
Bradando só por Elias,
Segundo as prophecias
Rezam.
Ali veremos como prezam
Boas obras que fizemos,
E os peccados que commettemos
N'esta vida.
Mas oh! que terrivel lida!
Oh! que cegueira fatal!
Sendo este mundo um val
De enganos?!
Vive um homem tantos annos
N'esta vida engolfado,
Muitas vezes só obrigado
Se confessa.
Não se lhe dá que se esqueça
D'aquella santa doutrina,
Que a egreja sempre ensina
Aos fieis.
São os homens tão crueis...
Só se enlevam em modiças...
Só ouvem algumas missas
Por comprazer.
Ás vezes vão lá p'ra vêr
Moças da sua affeição,
Se levam trajo ou não
A seu gosto.
Se levam lenço bem posto,
Boa meia e bom sapato,
Se tem capote e mais fato
Á moda.
E outros mettem-se na roda,
Que estão de quando em quando,

E vão sempre murmurando
Dos mais.
Vão os filhos com os paes
Beber vinho a uma adega,
Se o dinheiro lhes não chega
Pedem fiados.
'Stando os paes embebedados
Dizem, a cambalear,
Aos filhos: — Vamos jogar
Ao vento.
Oh! que máo *educamento!*
Oh! que triste creação!
Eis porque os filhos são
Malcreados.
Mas se estes são casados,
Teem filhos p'ra governar,
Teem-lhes por certo a faltar
Co'o sustento.
Tudo serve de tormento
Ás mulheres, se são honradas,
Muitas vezes já cançadas
De bradar.
Apparece para o jantar,
Sabe Deus quando Deus quer,
Uma côdea p'r'a mulher,
Se lh'a dão.
Os maridos, sem discrição,
As levam aos encontrões,
Quando não lhes dão bofetões
Pela cara.
Amigo do jogo, repara,
Mette a mão n'este painel,
E recolhe-te ao quartel
Da saude.

E pede a Deus que te mude
Essa terrivel cegueira,
Que é saude p'r'a algibeira
Do cobre.
Tudo que a mão descobre,
E esse vicio infernal,
Fazem perder o signal
Do céo.
Isto vae de déu em déu,
E assim domingos passemos,
De modo que sempre busquemos
Divertimentos.
Vai-se tempo e sentimentos
Nos dias santificados,
Que Deus deixou destinados
P'r'o descanço.
P'ra adorar o cordeiro manso
Na sua santa egreja;
Mas a ira de Deus peleja
Com razão
Contra a pouca devoção
Que tem á casa sagrada;
Tanto monta como nada
Rezar.
Não póde a Deus agradar
Esta pouca *desciencia:*
Devemos com reverencia
Adoral-o.
Devemos todos abraçal-o
E a seus santos mandamentos,
P'ra livrar-nos dos tormentos
Que passou.
P'lo sangue que derramou
Pela rua da amargura,

Tudo para a creatura
Remir.
Devemos todos pedir
Á virgem Nossa Senhora
Seja a nossa protectora
Em morrendo;
Em quanto formos vivendo
N'este mundo desgraçado,
Tenha sempre o seu cuidado
Em nós.
Pois ouvi, Senhor, a voz
D'este vosso filho ingrato,
Cuja ingratidão relato
Agora!
Valei-me n'aquella hora
Da morte que ha-de chegar,
Valei-me em quanto viver,
Valei-me depois de morrer,
E esta vida findar.

69

Os Marujos

(Sergipe)

Entrada

os: Entremos por esta nobre casa
Alegres louvores cantando,
Louvores á Virgem Pura,
Graças a Deus Soberano.
re: Olhem como vem brilhando
Esta nobre infantaria!
Saltemos do mar p'ra terra,
Ai, ai!... festejar este dia.
o: Seu Contra-mestre,
Nosso leme está quebrado;
E a prôa d'esta náo
Já está toda arrebentada.
e: Senhor Piloto,
Aqui venho me queixar
Que o seu gageiro grande
Botou-me a agulha no mar.

Piloto: Sem mais demora,
Meu gageiro preso já,
Para elle me dar conta
Da agulha de marear.
Gageiro: Senhor Piloto,
Se promette me soltar,
Já eu lhe darei conta
Da agulha de marear.
Piloto: Sem mais demora
Meu gageiro solto já,
Qu'elle já me deu conta
Da agulha de marear.
Gageiro: Graças aos céos
Dè todo meu coração,
Qu'estou livre dos ferros,
Bailando n'este cordão.
Contra-mestre: Senhor Piloto,
Para onde está mandando?
Já pelo seu respeito
Estamos todos chorando...
Piloto: Seu Contra-mestre,
Não me venha indignar;
Veja bem qu'estou olhando
P'ra agulha de marear.
Contra-mestre: Senhor Piloto,
Onde está o seu sentido,
Que pelo seu respeito
Estamos todos perdidos?
Piloto: Esta resinga
Não se ha-de se acabar
Sem no fio d'esta espada
Nos havermos de embraçar.

(*Segue-se a briga ao mesmo tempo em que toda a marujada cascando o pamo e cantando.*)

Todos: « Triste vida é do marujo;
Qual d'ellas é mais cançada?...
Que pela triste soldada
Passa tormentos,
Passa trabalhos...
Dom dom...
« Antes me quizera vêr
Na porta de um botequim,
Do que agora vêr o fim
Da minha vida,
Da minha vida...
Dom dom...»

Contra-mestre: Virar, virar, camaradas,
Virar com grande alegria,
Para vêr se alcançamos
A cidade da Bahia.

Capitão: Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real;
Olha p'ra estrella do norte,
Oh! tolina,
Para poder-nos guiar.

Gageiro: — Alvistas, [1] meu capitão,
Alvistas, meu general,
Avistei terras em França,
Oh! tolina,
Areias em Portugal...
Tambem avistei tres moças
Debaixo de um parreiral;
Duas cosendo setim,
Oh! tolina,
Outra calçando o didal.

1 Por alviçaras.

Fazem vint'annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho,
Oh! tolina,
Para de noite jantar.

Capitão: Desce, desce, meu gageiro,
Meu gageirinho real;
Olha p'ra estrella do norte,
Oh! tolina,
Para nos poder guiar.

(*Tudo isto é cantado e representado ao vivo. Depois que desce, a multidão dos marujos vai sahindo, e cantando á de*

Todos: Ora, adeus, ora, adeus,
Que me vou a embarcar;
Si a fortuna permittir
Algum dia hei-de voltar.
Ora adeus, bellas meninas,
Que de Lisboa cheguei;
Ai! pensavam que eu não vinha
Para nunca mais as vêr!...
Todos filhos da fortuna
Que quizerem se embarcar,
A catraia está no porto,
A maré está baixa-mar.
Quando Deus formou o navio
Com seu traquete de lona,
Tambem formou o marujo
Lá no páo da bijarrona.
Quando Deus formou o navio
Com seu letreiro na pôpa,
Tambem formou o marujo
Com seu charuto na bocca.
Quando me fôr d'esta terra
Tres cousas quero pedir:

Uma é um mal de amores
P'ra quando tornar a vir.

-se, e, pela rua, de uma casa para outra, vão cantando o este, que podemos colher:

No jardim das ricas flôres
Vi uma rôla cantando;
A rolinha abria o bico
O perfume arrespirando...

70

Os Mouros

(Sergipe)

a: Atraca, atraca, atraca,
Atraca com chibança;
Olhem que os inimigos
Andam comnosco em lembrança.
ão: Álerta! que gente é esta?
N'esta bulha não posso dormir!...
Estava lá no meu quarto,
Lá me foram consummir.
os: Olhem que grande peleja
Temos nós que pelejar,
Si fôr o Rei da Turquia,
Si não quizer se entregar!
Trabalharemos com gosto
P'ra nossa espada amolar;
Si fôr o rei da Turquia
Si não quizer se entregar.

: mouros e são intimados para renderem-se.

Mar e Guerra: Entreguem-se, mouros,
Á santa religião,
Que dentro d'esta náo,
Temos ferros no porão.

Rei mouro: Eu não me entrego, nem pretendo
No meio de tanta gente;
Somos filhos da Turquia,
Temos fama de valentes.

Mar e Guerra: Entreguem-se, mouros,
Não se ponham a brigar,
Que no fio d'esta espada
Todos hão-de se acabar.

Rei mouro: Eu não me entrego, nem pretendo
No meio de tanta gente;
Somos filhos da Turquia,
Temos fama de valentes.

Trava-se a lucta mais forte; os mouros são derrotados, seu preso; elles entregam-se.

Mouros: Olhem, olhem que desgraça
Nos havia de chegar!
Que nós sendo tão valentes,
Sempre nos ter de entregar!

Segue-se o baptismo dos mouros.

Capellão: Eu vos baptiso, mouros,
Na santa religião,
Fazendo de vós brutos,
Fazendo de vós christãos.

Depois da victoria, os nossos vão á terra, onde o piloto se em com o patrão, e este o fere. É chamado o capellão para confessar o ribando, que era seu proprio filho.

Piloto: Olhem que estocada
Me deu o mestre patrão!
Com esta sua bengala
Traspassou meu coração!

Mandem chamar o capellão
Que me venha confessar;
Que a ferida é mortal,
D'esta não hei-de escapar.

Capellão: O que tendes, meu rico filho,
Filho do meu coração?
Dai-me um par de pistolas
Qu'eu a vida irei vingar-te...

Todos: Senhor padre capellão,
Outro modo de viver;
Não se fie nas orações,
Que tambem ha-de morrer.

Capellão: Eu não me fio n'ellas,
Nem d'ellas eu faço conta;
Dai-me um par de pistolas
Que a vida te irei vingar.

Retira-se o capellão.

Piloto: Mandem chamar o surjão, [1]
Que venha me curar,
Que a ferida é mortal,
D'esta não hei de escapar.

Cirurgião: Desgraça minha
Hoje aqui n'este logar;
Se a vida eu não te der
Nos ferros quero acabar.
Mas eu não faço cura
Sem o meu chefe não vêr;
Qu'esta tua ferida
Corpo-delicto ha-de ter.

O cirurgião em quanto não chegam o Mar e Guerra e outros para tomarem conhecimento do crime, manda buscar os medicamentos.

[1] Transformação popular de *cirurgião*.

Cirurgião: Vem cá, Laurindo,
Vai depressa na botica,
Vai com todo o cuidado,
Traz de lá a medicina.
Laurindo: Aqui tem, meu rico amo,
E tambem bello senhor,
Aqui tem a medicina,
Sahiu toda a seu favor.
Cirurgião: Unguento novo
Boto na tua ferida,
Balsamo cheiroso
É com que darei-te a vida.

O piloto vai melhorando e se restabelece.

Piloto: Graças aos céos
De todo meu coração,
Que já estou livre da morte
Bailando n'este cordão.

Por este tempo vem o Mar e Guerra e os seus adjuntos, e mandam prender o patrão.

Patrão: P'la pureza de Maria,
Pelos santos do altar,
Que hoje é dia de festejo,
Não costumam castigar.

O patrão, não sendo attendido, foi-se valendo de todos os circumstantes, um por um, para o soltarem. Ninguem o attendendo ainda, elle valeu-se de toda a marujada, que se prostrou aos pés do Mar e Guerra, que, afinal o mandou soltar.

Patrão: Graças aos céos
De todo meu coração,
Que já estou livre dos ferros,
Bailando n'este cordão.

Acabado o que, todos vão se retirando de casa, fingindo ser a marujada que vai á terra vender contrabando.

Marujos: Cheguem, senhores mercantes,
O seu preço venham dar;
Que a fazenda é mui fina,
Para os senhores trajar.
Mercantes: Dou-lhe vinte e um cruzados
Pela fazenda real;
Si não me quizer vender,
Vou dar parte ao general:
« Saberá vossa excellencia,
E tambem meu general,
Que os seus dous guardas marinhas
Fazem negocio p'ra mal. »

Tomam a rua, onde vão cantando improvisos e versos populares.

71

O José do Valle

(Sergipe)

— Minha mãi, assuba,
Falle como gente;
Assuba a palacio,
Falle ao presidente.
Pegue na cabocla,
Dê-lhe com bordão,
Qu'ella foi a causa
Da minha prisão.
A minha prisão
Foi ao meio dia,
Nas casas extranhas
Com grande agonia.

Morto á fome,
Morto á sêde,
Só me sustentava
Em caninha verde.
— « Dona, por aqui?
Grande novidade...
« Vim soltar um preso
Cá n'esta cidade...
Senhor presidente,
Que dinheiro vale?
Tenho duzentos contos
Por José do Valle.
— « Dona, vá-se embora,
Qu'eu não solto, não;
Que seu filho é mau,
Tem ruim coração;
Matou muita gente
Lá n'esse sertão;
Da minha justiça
Não faz conta, não.
« Tenho meu lacaio
De minha estimação,
P'ra seu presidente
Não tem preço, não.
Senhor presidente,
Pelo incontinente
Solte Zé do Valle,
Pelo Sacramento!
Senhor Presidente,
Não abra a porta, não;
Si eu cahir na rua,
Faço escalação... [1]

1 Desordem com resistencia, ferimentos.

—Minha mãi, vá-se embora,
Deixe de cegueira,
Qu'eu hei de ser solto
No Rio de Janeiro.
Quem tiver seu filho
Dê-lhe ensinação,
P'ra nunca passar
Dôr de coração;
Quem tiver seu filho
Dê-lhe todo o dia,
Ao depois não passe
Dôres de agonia.
Adeus, minha mãisinha,
Mãi do coração;
Dê lembrança á Anninha,
E a meu mano João;
Mana, vá-se embora,
Guarde o seu dinheiro,
Qu'eu vou me soltar
No Rio de Janeiro.

72

O Bumba, meu Boi

(Sergipe)

Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, entra p'ra dentro,
Meu boi *marruá!* [1]

[1] Touro valente e robusto, o primeiro da boiada.

Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
O dono da casa
Tu vaes festejar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, sae da catinga, [1]
Meu boi malabar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, espalha este povo,
Meu boi marruá.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, dá no vaqueiro,
Meu boi guadimar.
.....

73

Versos das Tayêras e Congos

(Sergipe)

Virgem do Rosario,
Oh! Senhora do mundo,
Dá-me um côco d'agua,
Si não vou ao fundo.
«Indêré, rê, rê, rê,
Ai Jesus de Nazareth...

[1] *Cãa-tinga*, matto ralo. (Mart.).

— Minha mãi, vá-se embora,
Oh! Sennora do ..
Dá-me um côco d'agua
Si não vou ao pote.
Indêré, rê, rê, rê,
Ai Jesus de Nazareth!...
Virgem do Rosario,
Soberana Maria,
Hoje este dia
É de nossa alegria.

. . . . . .

*

Meu Sam Benedicto,
É santo de preto;
Elle bebe garapa,
Elle ronca no peito.

. . . . . .

Meu Sam Benedicto
Não tem mais corôa;
Tem uma toalha
Vinda de Lisboa.

. . . . . .

Meu Sam Benedicto,
Venho lhe pedir
Pelo amor de Deus
Para tocar *cucumbi*. [1]
Meu Sam Benedicto,
Foi do mar que vieste;
Domingo chegaste,
Que milagre fizeste!
Fogo de terra,
Fogo do mar;

1 Instrumento africano.

Morto á fome,
Morto á [illegible];
Ora, ao dono da casa
Tu vaes festejar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, sae da catinga, [1]
Meu boi malabar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, espalha este povo,
Meu boi marruá.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, dá no vaqueiro,
Meu boi guadimar.
.....

73

Versos das Tayêras e Congos

(Sergipe)

Virgem do Rosario,
Oh! Senhora do mundo,
Dá-me um côco d'agua,
Si não vou ao fundo.
«Indêré, rê, rê, rê,
Ai Jesus de Nazareth...

1 *Cãa-tinga*, matto ralo. (Mart.).

—Minha mãi, vá-se embora,
Oh! Sennora do ...
Dá-me úm côco d'agua
Si não vou ao pote.
Indêré, rê, rê, rê,
Ai Jesus de Nazareth!...
Virgem do Rosario,
Soberana Maria,
Hoje este dia
É de nossa alegria.

. . . . . .

*

Meu Sam Benedicto,
É santo de preto;
Elle bebe garapa,
Elle ronca no peito.

. . . . . .

Meu Sam Benedicto
Não tem mais corôa;
Tem uma toalha
Vinda de Lisboa.

. . . . . .

Meu Sam Benedicto,
Venho lhe pedir
Pelo amor de Deus
Para tocar *cucumbi*. [1]
Meu Sam Benedicto,
Foi do mar que vieste;
Domingo chegaste,
Que milagre fizeste!
Fogo de terra,
Fogo do mar;

1 Instrumento africano.

Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, ao dono da casa
Tu vaes festejar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, sae da catinga, [1]
Meu boi malabar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, espalha este povo,
Meu boi marruá.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, dá no vaqueiro,
Meu boi guadimar.
.....

73

Versos das Tayêras e Congos

(Sergipe)

Virgem do Rosario,
Oh! Senhora do mundo,
Dá-me um côco d'agua,
Si não vou ao fundo.
«Indêré, rê, rê, rê,
Ai Jesus de Nazareth...

1 *Cãa-tinga,* matto ralo. (Mart.).

Virgem do Rosario,
Oh! Senhora do norte,
Dá-me um côco d'agua
Si não vou ao pote.
Indêré, rê, rê, rê,
Ai Jesus de Nazareth!...
Virgem do Rosario,
Soberana Maria,
Hoje este dia
É de nossa alegria.

. . . . . .

*

Meu Sam Benedicto,
É santo de preto;
Elle bebe garapa,
Elle ronca no peito.

. . . . . .

Meu Sam Benedicto
Não tem mais corôa;
Tem uma toalha
Vinda de Lisboa.

. . . . . .

Meu Sam Benedicto,
Venho lhe pedir
Pelo amor de Deus
Para tocar *cucumbi*. [1]
Meu Sam Benedicto,
Foi do mar que vieste;
Domingo chegaste,
Que milagre fizeste!
Fogo de terra,
Fogo do mar;

1 Instrumento africano.

Que a nossa Rainha [1]
Nos ha-de ajudar.

. . . . . .

Arriba, arriba,
Tabaqueiro,
Que a nossa Rainha
Tem muito dinheiro...

74

O Antonio Geraldo

(Sergipe)

Seu Antonho Geraldo, [2]
Assim mêm'é; [3]
O seu boi morreu,
Assim mêm'ê;
Qu'ha de se fazer?
Assim mêm'é;
É tirar o couro
Assim mêm'é;
P'ra siá [4] Michaela,
Assim mêm'é...
E Brisda [5] Amarella;
Assim mêm'é. [6]

1 Chama-se *Rainha* a uma negra preparada e de corôa, que ac panha, no meio de mais duas outras, a procissão de Sam Benedi no Lagarto. Chama-se tambem *Rainha mestra*, por opposição ás ou duas que tambem recebem o nome de rainhas.

2 Por *Senhor Antonio Geraldo*, homem inculto da cidade da tancia (em Sergipe) que é o heroe d'esta rhapsodia.

3 Mesmo é.

4 Por Sinhá ou Senhora.

5 Por Brigida.

6 A cada verso repete-se sempre este estribilho.

Vou fazer um peso
Para amigos meus,
Para Wenceslau
E José Matheus.
Nosso corredor
É do professor,
Saiba repartir
Com *seu* promotor.
Eu peguei nos rins,
Me esqueci da banha!
São p'ra Manoel Ivo
E Chico Piranha.
A *chan* de dentro
É de *seu* João Bento,
A *chan* de fóra
De Domingos da Hora.
Mocotó da mão
É de Manoel Romão;
Mocotó do pé
É do padre José;
A passarinha [1]
É de *sió* Nauzinha,
Saiba repartir
Com Tia Anna Pibinha.
O *figo* [2] do Boi
Foi p'ra *sarandage*, [3]
O resto que ficou
Foi p'ra priquitage. [4]

1 O baço.
2 Figado.
3 A canalha.
4 Chama-se assim a familia de uns ferreiros que existem no Lato, especies de ciganos, de que depois os filhos vão herdando o smo officio. Seu maioral nos ultimos cincoenta annos é o *Evaristo*, varão popular n'aquellas paragens.

Siá Nenên abra a porta
Com sentido nos pratos,
Que a gente é muita
P'ra comprar o fato.
A tripa gaiteira
É de Maria Vieira,
A tripa mais grossa
De Chico da Rocha.
O menino Esculapio
É menino sabido;
P'ra elle e Caetano
Só ficou o ouvido. [1]

75

Versos de Chiba

(Rio de Janeiro)

Minha gente, folguem, folguem,
Que uma noite não é nada;
Si não dormires agora
Dormirás de madrugada.
O senhor dono da casa
Mande vir a aguardente,
Que sinão eu vou-me embora,
Levo toda a minha gente.
Minha gente não *inore*
Este meu cantar baixão,
Que estou co'o peito serrado
Do malvado catarrhão.

[1] N'este gosto vai-se dividindo o boi, e dando a cada pedaço, tudo isto debaixo de muita pilheria e gargalhadas.

Senhóra, minha senhóra
Da minha veneração,
Cachaça custa dinheiro,
Agua tem no ribeirão.
Tenho minha viola nova
Feita de pau de colhér
Para *mim* dançar com ella,
Já que não tenho mulher.
Esta viola não é minha,
Si eu a quizer minha será;
Si eu fizer intento n'ella,
Meu dinheiro a pagará!
Tenho minha viola nova
Com seu buraco no meio;
P'r' amô' d'este buraco
Mataram meu companheiro.
Na Villa de Pracatú
A mulher matou o marido,
Cuidando que era tatú.
Na Villa de Sabará
A mulher matou o marido
Pensando que era gambá.
Chicolate, café, birimbau,
Uma correia na ponta de um páo
Nas suas cadeiras não era máo!

76

Os marujos

(Pernambuco)

Que triste vida
Que é a do marujo!

Quando não está bebado
Anda rôto e sujo.
De bordo a bombordo
Ê, ê, ê, ê...
Na borda do mar. (*bis*)
Arreia o bote
E vai á taverna,
Pede ao patrão
Que lh'encha a lanterna...
De bordo a bombordo
Ê, ê, ê, ê...
Na borda do mar. (*bis*)
Depois do gornopio
Chupa a laranja,
Cae d'uma vez
E perde a fragranja...
De bordo a bombordo
Ê, ê, ê, ê...
Na borda do mar. (*bis*)
De prôa á pôpa
Correndo se vê
Um pobre marujo
Implorando mercê...
De bordo a bombordo
Ê, ê, ê, ê...
Na borda do mar. (*bis*)

77

Pastorinhas do Natal

(Fragmento de Pernambuco)

Vinde, pastorinhas,
Vamos a Belem,

A vêr si é nascido
Jesus, nosso bem.
Capellinha de melão
É de Sam João;
É de cravos, é de rosas,
É de manjaricão.
Adeus, pastorinhas,
Adeus, que eu me vou;
Até para o anno,
Si nós vivos fôr...

78

Chiba do Boi

(Rio de Janeiro)

Levanta-te, meu boi,
Vamo-nos embora,
Que a viagem é longa,
D'aqui para fóra.
O meu boi de Minas,
Como boi primeiro,
Com a festa do povo
Dança de pandeiro.
O meu boi de Minas
Era um valentão,
Chegando ao *Capinha*
Derrubou no chão.
O meu boi valente
É de coração;
Dança no escuro
Sem um lampeão.
Aqui estou esperando
Bem de coração

A sua resposta,
Oh! *seu* capitão.

77

Auto popular do Cavallo-marinho e Bumba, meu boi

(Pernambuco)

SCENA I

O Cavallo marinho, a dançar, e o Côro

Côro — Cavallo-marinho
Vem se apresentar,
A pedir licença
Para dançar.
Cavallo-marinho,
Por tua tenção,
Faz uma mesura
A *seu* capitão.
Cavallo-marinho
Dança muito bem;
Póde-se chamar
Maricas meu bem.
Cavallo-marinho
Dança bem *bahiano;*
Bem parece ser
Um pernambucano.
Cavallo-marinho
Vai para a escóla
Aprender a lêr
E a tocar viola.

Cavallo-marinho
Sabe conviver;
Dança o teu balanço
Que eu quero vêr.
Cavallo-marinho,
Dança no terreiro;
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Cavallo-marinho,
Dança na calçada;
Que o dono da casa
Tem gallinha assada.
Cavallo-marinho,
Vossê já dançou;
Mas porém. lá vai,
Tome que eu lhe dou.
Cavallo-marinho,
Vamo-nos embora;
Faze uma mesura
Á tua senhora.
Cavallo-marinho,
Por tua mercê,
Manda vir o boi
Para o povo vêr.

SCENA II

(...) Amo, o Arlequim, o Matheus, o Boi, o Côro, o Sebastião e o Fidelis.

Amo — Ó arlequim,
Ó peccados meus,
Vai chamar Fidelis,
E tambem Matheus.
Ó meu arlequim,
Vai chamar Matheus,

Venha com o boi
E os companheiros seus.

Arlequim — Ó Matheus, vem cá,
Sinhô está chamando;
Traze o teu boi,
E venhas dançando.
Só achei o Matheus,
Não achei Fidelis;
Bem se diz que negro
Não tem dó da pelle.

Amo — Ó Matheus, cadê o boi?

Matheus — Ólá, ólá, ólá,
Boio tá p'ra cá,
Boio tá p'ra cá...
Si minha boio chegou
Eu tá aqui;
E que foi esse
Pur aqui?
Ó meu xinhô,
Cadêl-o Bastião,
Cadêl-o Fidére?
Para onde fôro?
Venham cá vossês (*para o Côro*)
E tambem o boio.

Entra o Boi.

Côro — Vem, meu boi lavrado,
Vem fazer bravura,
Vem dançar bonito,
Vem fazer mesura.
Vem fazer mysterios,
Vem fazer belleza;
Vem mostrar o que sabes
Pela natureza.

Vem dançar, meu boi,
Brinca no terreiro;
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Este boi bonito
Não deve morrer;
Porque só nasceu
Para conviver.
Matheus — Ó boio, dare de banda,
Xipaia esse gente,
Dare p'ra trage,
E dare p'r'a frente...
Vem mai p'ra baxo,
Roxando no chão
E dá no pai Fidére,
Xipanta Bastião...
Vem p'ra meu banda
Bem difacarina,
Vai mettendo a testa
No Cavallo-marina.
Ô, ô, meu boio,
Desce d'essa casa,
Dança bem bonito
No meio da praça...
Toca esse viola,
Pondo bem miudo;
Minha boio sabe
Dançá bem graudo.
Côro — Toca bem esta viola
No bahiano gemedô,
Que o Matheus e o Fidelis
São dois cabras dançadô.
No passo da jurity,
Tico-tico, rouxinô,

Si Fidelis dança bem,
O Matheus dança milhó.
O tocadô da viola
Tem os olhos muito esperto,
O som da sua viola
Parece-me um céo aberto.
Eu quero boa viola
Para fazer toda a festa,
O bom pandeiro concerta
O samba na floresta.
Eu fui dos que nasci
Na maré dos caranguejo,
Quanto mais carinhos faço,
Mais desprezado me vejo.
Como sou filho de povo,
Tenho o dom da natureza;
Não sou feliz, mas bem passo
Com toda a minha pobreza.
Dança o boi, dança Matheus,
Dançam todos os vaqueiro;
Dançam que hoje nós temos
Grande festa no terreiro.

Matheus — Pára, pára, pára!
Quero dizê um recado:
— Boio dançou, dançou,
Mai agóra tá deitado!

Sebastião — Ah! pracêro meu,
Bôio de sinhô morreu...

Matheus — A t'embóra, bôbo,
O boio divertiu muito,
Agora ficou cançado;
Toca bico do ferrão,
P'ra tu vê como arrevira
E tę dá no chão.

SCENA III

Os mesmos, o Doutor, Capitão do matto, D. Frigideira, Catharina, e o Padre; cahido o Boi, foge Fidelis, chama-se um Capitão ao campo para o prender, e um Doutor para curar o Boi; apparece um Padre para fazer o casamento de Catharina.

Matheus — Minha bôio morreu!
Que será de mim?
Manda buscá outro
Lá no Piauhy.
Amo — Ó Matheus, cadê o boi?
Matheus — Sinhô, o boio morreu...

Sae o Matheus espancado pelo amo

Amo — Ó Matheus, vá chamar
O doutor para curar
O meu rico boi:
Quer saber do Fidelis
Para onde foi.
Ó Sebastião, vá a toda a pressa,
Chame o Capitão do matto,
Dê as providencia,
Que traga o Fidelis
Na minha presencia.

Chegando o Doutor, ajusta com o Amo a cura do Boi; chegam D. Frigideira e Catharina, e Sebastião quer casar com esta; apparece o Padre para este fim.

Padre — Quem me vêr estar dançando
Não julgue que estou louco;
Não sou padre, não sou nada;
Singular sou como os outros.
Côro — Ó gente, que quer dizer
Um padre n'esta funcção?
É signal de casamento,
Ou d'alguma confissão.
Padre — Bula bem na prima,
Bata no bordão;

Leva arriba a funcção,
Não se acabe não.

Doutor para *Matheus* — Ô negro, teu desaforo
Já chegou aonde foi;
Quando tu me chamares
É p'ra gente e não p'ra boi.

Matheus — Ah! uê, ah! uê!
Trôco miudo
Tu vai recebê.

O Capitão do campo dá com o Fidelis e vai prendel-o.

Capitão — Eu te atiro, negro,
Eu te amarro, ladrão,
Eu te acabo, cão.

O Fidelis vai sobre o Capitão e o amarra.

Côro — Capitão de campo,
Veja que o mundo virou,
Foi ao matto pegar negro
Mas o negro lhe amarrou.

Capitão — Sou valente afamado,
Como eu póde não haver;
Qualquer susto que me fazem
Logo me ponho a correr.

Finda-se aqui a funcção, sahindo todos a cantar.

78

Quadras de Chiba

(Rio de Janeiro)

Fui no matto tirar côco,
Tirei côco de yndayá
Para quebrar no dentinho
De minha amante yayá.

Não quero ser conde d'Arcos,
Nem tenente-general;
Só quero me vêr nos braços
De minha amante yayá.

Seja muito bem chegada
A senhora archiduqueza;
Inda o céo me deixou vivo
P'ra gozar d'esta belleza.

Novos ares, novos climas
Bem longe vou respirar;
Lá mesmo serei ditoso,
Si meu bem nunca mudar.

Esta noite, meia noite
Vi cantar um gavião,
Parecia que dizia:
— Vinde cá, meu coração.

Oh! que moça tão bonita,
Que parece meu amor,
Com seu corpinho de penna,
Seu ramilhete te flôr.

Canna verde, canna secca,
Canna do cannavial,
Tenho pena de te vêr,
Pena de não te gozar.

Maria, minha Maria,
Minha flôr de melancia,
Um suspiro que eu te dou
Te sustenta todo o dia.

Já lá vem amanhecendo,
As folhas tremem com o vento;
Meu amor que já não vem
É que está fechado dentro.

Minha Maria, o tempo corre
Perguntando á natureza,
A nossa paixão gozemos,
Que o tempo murcha a belleza.

Quem possue um bem que adora
Não tem mais que desejar;
Si elle cumpre o juramento,
Não tem mais que suspirar.

Aprendei a temperar
Que o tocar não tem sciencia;
A sciencia do amor
É fazer a diligencia.

TERCEIRA SERIE

Versos geraes

ORIGENS: DO PORTUGUEZ E DO MESTIÇO; TRANSFORMAÇÕES PELO MESTIÇO

79

Jurejure

(Sergipe)

Jurejure fez seu ninho
Na fulor [1] do matapastó. [2]
Co'o bico pediu um beijo,
Co'as azinhas um abraço.

De que me serve um abraço?
Boquinha que gosto tem?
São affectos de quem ama,
Carinhos de quem quer bem.

80

A flor da murta

(Sergipe)

Eu fui a *fulô* da murta,
D'aquella que cae no chão;
Quantos mais carinhos faço,
Mais desenganos me dão.

1 *Fulor, fulô,* flor.
2 *Cassia sericea.*

De que me serve dizer
A dôr de meu coração?
—A quem descubro este peito,
Não me dá consolo, não.

81

Sol posto

(Sergipe)

Quando rompe o claro dia,
Magino [1] na triste tarde;
Lembro [2] de quem anda ausente,
Redobra maior saudade.

Cresce o dia, o sol aponta,
Põe-se em pino e vae-se a aurora;
Eu certifico a lembrança,
Magino em quem foi-se embora.

Sol posto que vive ausente,
Amor do meu coração,
Leva-me longe da vista,
Porém do sentido [3] não.

Sol posto, que vive ausente,
Teu amor não se acabou;
Inda agora está mais firme
Do que quando começou.

1 Imagino, penso.
2 Lembro-me.
3 Ideia.

Tudo quanto é verde sécca,
Agua corrente se acaba;
Amor firme não se deixa,
Quem ama nunca se enfada.

82

Veja com quem quer ficar

(Sergipe)

N'uma arvore apanhei um verde,
No olho [1] uma folha secca;
Pelos desmanchos de amores
Não falta quem não se metta.

Arvore solemne e copuda, [2]
Amparo de um bem querer,
Procurei a tua sombra,
Não me deixes padecer.

Maço de verde e maduro,
Qu'é verdura todo o anno,
Eu vivo n'uma esperança,
Não me dês o desengano.

Coração que a dois ama,
E que a dois quer agradar,
Não ande enganando os outros,
Veja com quem quer ficar.

1 Bróto é extremidade das plantas.
2 Copada.

83

Vae-te, carta absoluta

(Sergipe)

Vae-te, carta absoluta,
Vêr que [1] a fortuna te acode,
Vae visitar a meu bem,
Já que meu corpo não póde.

Vae-te, carta amorosa,
Aos pés d'aquelle jasmim;
Ajoelha, pede licença,
Dá-lhe um abraço por mim.

Meu coração já é teu,
E o teu de quem será?
Só desejava saber
Para direito te amar.

Quando vae chegando a tarde
E meus olhos não te vê,
Só me pede o coração
Qu'eu chore até morrer.

Passando eu pelas ruas
Teu nome não posso ouvir;
Tenho ciume das flores
Que nos teus pés vejo abrir.

1 Por *si*.

Ha tres dias que não como,
Ha quatro que não almóço;
Por falta de teus carinhos
Quero comer, mas não posso.

84

Meu cravo, meu diamante

(Sergipe)

Meu cravo, meu diamante,
Meu relogio, meu cordão,
Tu foste a primeira chave
Que abriu meu coração.

Alecrim verde é firmeza,
Que de meu peito nasceu;
Achará muito quem te ame,
Mas não firme como eu.

Alecrim verde se chama
Uma esperança perdida;
Quem não logra o que deseja,
Antes morrer, não ter vida.

85

Lá no céo tem uma estrella

(Sergipe)

Lá no céo tem uma estrella
Com relogio d'ouro dentro,
Muito custa a se achar
Amor firme n'este tempo.

Quando passares por mim
Bota a vista pelo chão;
Mode [1] nós andar de amores
O mundo dizer que não.

Quando passares na rua,
Escarra e cospe no chão,
Qu'estou lá dentro cosendo,
Não sei se passas ou não.

Quando passares por mim
Fazei o semblante triste,
Nega, feliz da minh'alma,
Nega que nunca me viste.

86

Raios do sol

(Sergipe)

Bemzinho, si eu pudesse
Fazia o dia maior;
Dava um nó na fita verde,
Prendia os raios do sol.

Prendia os raios do sol
Com uma fita encarnada;
Quem souber do meu amor,
Cale-se e não diga nada.

[1] *Para;* tambem, ás vezes, *por causa;* resto da locução *por amo*

O sol quando nasce é rei,
Ao meio dia morgado;
Á tarde é esfallecido, [1]
E á noite é sepultado.

Bemzinho, si te contáras
A magua que me consomme,
Sómente de maginar
Que vossê é de outro nome!...

O sol prometteu á lua
De dar-lhe um ramo de flor;
Quando o sol promette prendas,
Quanto mais quem tem amor!

87

Á tarde

(Sergipe)

Si vires a tarde triste
E o ár a querer chover,
Dize que são os meus olhos
Que choram por não te vêr.

N'aquella noite saudosa
Quando de ti me apartei,
Cem passos não eram dados
Quando sem alma fiquei.

1 Fallecido.

88

O cravo

(Sergipe)

Lagrimas são qu'eu almóço,
Janto suspiros e dôr;
Á tarde merendo ais,
De noite ausencias de amor.

Cravo, eu não sei como vivo,
Como trago o sentido;
Em maginar tua ausencia
Trago o juizo perdido.

Adeus, querido das flores,
Adeus das flores querido,
Não te trato pelo nome
Para não ser conhecido.

89

A flor da lima

(Sergipe)

A *fulor* da lima é branca,
É branca e mui cheirosa;
Eu te amo por despique
P'ra matar as invejosas.

A *fulor* da lima exprime
Todo o affecto d'um semblante ;
Quando eu a tenho entre os dedos
Julgo abraçar meu amante.

90

O cravo branco

(Sergipe)

Cravo branco, luz do dia,
Jasmim de minha alegria,
Quem me dera morar perto
Para te vêr todo o dia.

Cravo do meu craveiro
Quando me vê esmorece;
Quem de meu corpo não trata
De meu amor não carece.

Quem tem cravo na janella
É certo que quer vender;
Quem tem seu amor defronte
A cada passo quer vêr.

Botei o cravo na têlha
Para Maria cheirar;
Maria foi tão ingrata...
Deixou o cravo murchar.

Botei terra na algibeira
Para plantar cravo roxo
Para nunca me esquecer
Das feições d'este teu rosto.

O meu pé de craveiro
Bota cravos differentes;
Não te mostro mais agrado,
Mode a lingua d'esta gente.

91

O Cravo e a Rosa

(Sergipe)

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma,
Anda o cravo em demanda
Porque a rosa tem mais uma.

O cravo brigou co'a rosa
Debaixo de uma sacada;
O cravo sahiu ferido,
E a rosa espinicada.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva o palacio do rei;
Viva o primeiro amor
Que n'esta terra tomei!

O cravo cahiu doente,
A rosa o foi visitar;
O cravo deu um desmaio,
A rosa pôz-se a chorar.

92

A folhinha da Pimenta

(Sergipe)

A folhinha da pimenta
Bole-a o sol, e bole-a o vento;
Meu amor, que não vem vêr-me,
Ou não póde, ou não tem tempo.

Si elle me quizesse bem
Na raiz do coração,
Bem podia vir me vêr,
Que as noites bem grandes são.

93

A arruda

(Sergipe)

A arruda como discreta
Mudou-se para o deserto;
Como ha-de me querer bem,
Si lá tem outra mais perto!

Manjaricão é veneno,
Arruda contra-peçonha;
O branco que beija negro
É porco, não tem vergonha.

94

Sobrancêlhas arqueadas

(Sergipe)

Sobrancêlhas arqueadas,
Olhos do sol quando nasce,
Bocca pequena e bem feita,
Foi com que tu me mataste.

Sobrancêlhas arqueadas,
Olhos que roubam a vida,
Esta feição de teu rosto
Faz á minha alma perdida.

Olhos pretos matadores,
Cara cheia de alegria,
Um beijo da tua bocca
Me sustenta todo o dia.

95

A garça

(Sergipe)

Lá vae a garça voando
Co'as pennas que Deus lhe deu,
Contando pena por pena...
Mais penas padeço eu!

Lá vae a garça voando
Lá p'ra a banda do sertão;
Leva Maria no bico,
Thereza no coração.

A garça poz o pé n'agua,
O bico para beber;
Não quero que ninguem saiba
Que meu amor é vossê.

Lá vae a garça voando
Co'uma corrente no pé;
Máo fim tenha todo o homem
Que não quer bem a mulher.

96

A laranja de madura...

(Sergipe)

A laranja de madura
Cahiu n'agua e foi ao fundo;
Como você quer que lhe ame,
Si você é de todo mundo?

Fui á fonte beber agua
Por baixo de uma ramada,
Fui para vêr meus amores,
Que a sêde não era nada.

Fui ao matto caçar fructas,
Não achei sinão cajá;
Foi p'ra tirar o fastio
De minha amante yáyá.

Menina, quando te vejo
Por detraz d'estas cadeiras,
Desejo plantar mandiocas
E assentar bolandeiras.

97

Eu vos mando um coração

(Sergipe)

Eu vos mando um coração
Partido em quatro pedaços,
Meio vivo, meio morto,
Para acabar nos teus braços.

Dos teus braços para dentro
Não admitto a ninguem;
Espera, tem paciencia,
Qu'eu mesmo serei teu bem.

Não me deito no teu collo,
Porque outro se deitou;
Si me fazes por acinte,
Meu coração te deixou.

Eu pizei na cana verde,
Cana verde me ringiu; [1]
Quando eu quiz tomar amores
Todo o mundo presentiu.

Eu pisei na cana verde,
Meu amor na lealdade;
Não posso mostrar firmezas
Onde ha pouca vontade...

Dentro do meu peito tem
Dous engenhos de marfim;
Quando um anda, outro desanda:
Quem quer bem não faz assim.

Dentro de meu peito tem
Duas tesouras sem eixo;
Inda me vendo em desprezo,
Meu amor, eu não te deixo.

Dentro de meu peito tem
Duas pombinhas encanando; [2]
Uma voou, foi-se embora,
A outra ficou penando.

Dentro de meu peito tem
Um cravo sobredourado,
Coberto de agua fria
Qu'eu por ti tenho chorado.

1 Rangeu.
2 Começando a crear pennas.

Dentro de meu peito tem
Uma chave de marfim;
Dentro d'elle has-de achar
Um amor que não tem fim.

Dentro de meu peito tem
Uma fita com tres laços;
Aceite lembranças minhas,
Um suspiro e dous abraços.

Um suspiro e dous abraços,
Pois quem lhe manda sou eu;
Tambem mando perguntar
Si de mim já se esqueceu...

Si de mim já se esqueceu,
Pena tenho de sentir;
Porque por lá deve achar
Amor com que divertir.

98

Tenho cinco chapeus finos

(Sergipe)

Tenho cinco chapeus finos,
Todos cinco agaloados;
Tenho cinco amores novos,
Um firme e quatro enganados.

No tempo em que eu te amei
Não amei a mais ninguem;
Amei a sete e a oito,
Nove comtigo, meu bem.

Bemzinho, viva sciente,
Descance seu coração
D'eu ter amores na vida
A você e a outros mais não.

99

Você diz que amor não doe?

(Sergipe)

Você diz que amor não doe?
Doe dentro do coração;
Queira bem e viva ausente,
Veja lá si doe, ou não.

Quando eu de ti me apartei,
Disfarcei o que podia
P'ra não dar a conhecer
As penas que padecia.

Quando eu de ti me apartei,
Logo no primeiro dia
Meu peito cobri de lucto,
Não tive mais alegria.

Botei o preto por lucto,
O branco por bizarria,
O verde por esperança
De te lograr algum dia.

Querer bem não é bom, não,
Porque faz enlouquecer;
Por dentro géra feridas,
Por fóra meu bem não vê.

100

Quero bem, porém não digo

(Sergipe)

Quero bem, porém não digo,
Trago o amor dividido;
Eu ando por toda a parte,
Só em ti trago o sentido.

Vae-se a tarde, vem o dia,
Eu só de ti me lembrando...
Faço a cama em suspiros,
Quando me deito é chorando.

Quando chega a triste noite
Qu'eu não vejo o meu bemzinho,
Vou-me deitar soluçando,
Ausente do seu carinho.

Suspiros que vão e voltam,
Dae-me novas do meu bem;
Si elle é vivo, ou si é morto,
Ou anda em braços de alguem.

101

Fui soldado, assentei praça

(Sergipe)

Fui soldado, assentei praça
No regimento do amor;
Como assentei por meu gosto,
Nunca serei desertor.

Fui soldado, venci guerras,
Fiquei livre da batalha
Para hoje vir vencer
A princeza Dona Eulalia.

Eu já fui e já cheguei,
Já hoje estou em palacio;
A sentença que eu achei,
Foi de morrer em teus braços.

102

Duas penas

(Sergipe)

Fui moço, hoje estou velho,
Morro quando Deus quizer;
Duas penas me acompanham:
Cavallo bom e mulher.

Fui rico, hoje estou pobre,
Diga o mundo o que disser;
Duas penas me acompanham:
Cavallo bom e mulher.

103

Lá vem a lua sahindo

(Sergipe)

Lá vem a *luma* [1] sahindo
Redonda como um botão:
Quem tem seu amor defronte,
Tem grande consolação.

Pomba avoôu, meu camarada;
Avoôu... que hei-de fazer?
Quem de dia leva á bôcca,
De noite o que ha-de comer?

104

Cajueiro pequenino

(Sergipe)

Cajueiro pequenino
Carregadinho de flôr;
Eu tambem sou pequenino
Carregadinho de amor. [2]

1 Lua.
2 O povo tambem diz:

Cajueiro pequenino
Carregado de *fulô*,
Eu tambem sou pequenino
Carregado de *amô*.

105

A Polka

(Sergipe)

Quem quizer que danse a *porca* [1]
Com seus quartos arrufados;
Os amantes gostam d'isto,
Ficam todos derrotados.

A saudade do toucinho
Fez matar a minha *porca;*
Choram, choram bacorinhos,
Que a sua mãe já está morta.

106

Você me fez esperar

(Sergipe)

Você me fez esperar
Lá no tope da ladeira;
Esperei, você não veiu,
Metti os pés na carreira.

Você me fez esperar
Lá no pé da jurubeba;
Esperei, você não veiu,
Quasi que a onça me péga.

1 Por *polka*.

107

Tenho meu cajú maduro

(Sergipe)

Tenho meu cajú maduro
Roido dos passarinhos ;
Quem é dono dos affectos,
Tambem seja dos carinhos.
.....
Por ser pequenino,
Tenho muita pena
De ter os pés chatos,
Cabeça pequena.

108

A Pulga

(Sergipe)

Vivo incommodado
Sem poder dormir,
A pegar a pulga,
E a pulga a fugir!...
E a pulga miudinha
Dos dentes de marfim
Na cintura da moça!
Quem me dera ser assim!
Pulga, eu te juro,
Te dou testemunha,

Te boto no fogo,
Menos com a unha.
Pulga, eu te juro,
Protesto vingar-me,
Que tu no meu corpo
Não has-de inflammar-me.
Pulga, eu te juro,
Te lançar na mão,
Antes que tu pules
Da cama no chão.
Quatro, cinco noites
Accendo o lampeão
P'ra matar a pulga
Dentro do salão.
.....

109

Cupido

(Sergipe)

Cupido, rei dos amantes,
Só Cupido soube amar;
Ainda depois de morto
Do amor se quiz lembrar.

Topei Cupido chorando,
Perguntei si era dôr;
Cupido me respondeu
Que era paixão de amor.

Topei Cupido em desprezo,
Cousa que nunca pensei!
Deitadinho pelo chão...
Até com os pés lhe pisei!

Cupido subiu ao monte
Fazendo grilhões de prata,
Para prender todo aquelle
Que tem paixão por mulata.

Aquieta, Cupido, aquieta,
Não esperdices tua prata,
Qu'é de bem que não se prenda
Quem tem paixão por mulata.

Na escóla de Cupido
Eu fui o decurião;
Aprendi mais que Cupido,
Vejam lá si sei ou não.

110

Prima Pulga

(Sergipe)

Prima Pulga está doente,
Muquirana está parida,
Meu compadre persevejo
'Stá de espinhela [1] cahida.

[1] Assim chamam á parte inferior do *esterno*.

Batata não tem caroço,
Bananeira não tem nó;
Pae e mãe é muito bom,
Barriga cheia é melhor.

111

A Barata

(Sergipe)

Nada ha no paraiso
Que me faça eu fallar;
Não ha sapo nem barata
Que me possa incommodar.

Eu vi uma barata
No capote de vôvô;
Quando ella me avistou
Bateu azas e voôu.

Eu vi uma barata
Com a tesoura na mão,
Cortando calças, camisas,
Vestidos de babadão.

Eu vi uma barata
Sentada fazendo renda,
E tambem eu vi um rato
Ser caixeiro de uma venda.

Eu vi uma barata
Sentada n'uma costura,
E tambem eu vi um rato
De pistola na cintura.

Eu vi uma barata
Na janella namorando,
Vi um sapo de luneta
Pela rua passeando.

Eu vi uma barata
Na ladeira da priguiça,
E tambem vi um cachôrro
Amarrado com linguiça. [1]

112

Paixão de amor, já te tive

(Sergipe)

Paixão de amor, já te tive,
Já fiz o que hoje não faço;
Já por ti eu dei a vida,
E hoje não dou um passo.

Hoje não dou mais um passo
Causado por teu respeito;
Porque tu me desprezaste
Por aquelle certo sujeito.

[1] Constitue um dictado popular que indica a fartura e a tolei dos tempos antigos. Quando querem dizer que um sujeito é t dizem: « *este é do tempo em que se amarrava cachorros com ling ças* ».

Aquelle certo sujeito
Bem póde se regalar,
Que eu tambem por cá já achei
Quem muito me sabe amar.

Quem muito me sabe amar
Amo muito satisfeito,
Pois o trago collocado
Cá por dentro do meu peito.

Cá por dentro do meu peito
Tu não achas mais entrada;
Procura a quem te assista,
Qu'eu de ti não quero nada.

113

Meu coração sabe tudo

(Sergipe)

Meu coração sabe tudo
E guarda comsigo dentro,
Dissimula em quanto póde,
Fallará quando fôr tempo.

Meu coração está trancado
Com chave de paciencia;
Meu coração não se abre
Sinão na tua presencia.

Quem de meu peito sahiu,
Sahiu para divertir;
Como não foi aggravado,
Quando quizer torna a vir.

Quem de meu peito sahiu,
Meu coração se fechou;
Não venha com piedade,
Que quem sahiu não entrou.

114

No correr perdi meu lenço

(Sergipe)

No correr perdi meu lenço,
No matto rompi o vestido;
Grandes tormentos padece
Quem tem amor escondido.

Quem tem amor escondido
Tem animo, tem coração;
'Stá vendo o instante que dizem
« Prenda e mate este ladrão. »

Quem quer bem rompe paredes,
Salta muros ladrilhados,
Quebra janellas de vidro
Trancadas de cadeados.

Quebrem-se as grades de ferro,
Appareça o carcereiro,
Sáia, meu bem, para fóra,
Não padeça por dinheiro.

115

As arvores por serem arvores

(Sergipe)

As arvores, por serem arvores,
Sentem golpes que lhe dão;
Como não queres qu'eu sinta
Esta tua ingratidão?

Desprezos, ingratidões
São mimos qu'eu tenho tido;
Por ter um bom coração,
Soffro o que tenho soffrido.

Mas, nem que andes no mundo
Com a luz alumiando,
Não hasde achar outro amor
Como o que tu vaes deixando.

Hasde achar quem te engane,
Quem diga que te quer bem;
Mas p'ra te fazer carinhos
Como eu não ha ninguem.

116

Saudades que de ti tenho

(Sergipe)

Saudades que de ti tenho,
A ti mesmo heide contar
Quando comtigo me vir,
Si a morte não nos matar.

Si as saudades me apertarem
Eu bem sei que heide fazer:
Metter o pé no caminho,
Succeda o que succeder...

Quando eu pensei que te tinha
Para o meu divertimento,
Achei-te tão demudado,
Fóra do meu pensamento.

Já fui amada e querida,
Prenda de teu coração;
Já hoje sou vassourinha [1]
Com que tu varres o chão.

Eu já fui da tua mesa
O melhor prato de sopa;
Já hoje sou rosalgar, [2]
Veneno p'r'a tua bocca.

[1] Planta irmã do matapasto, fedegoso, crista de gallo, etc. — *sia occidentalis*, comprehendendo — *Cassia falcata*, *Cassia hir Cassia sericia*, etc.
[2] Arsenico.

Eu, para vêr si morria,
Bebi veneno em porção;
Veneno a mim não me mata,
Quem me mata é a ingratidão.

Máo fim tenha, máo fim leve
Quem meu amor me tomou,
Que até na hora da morte
Lhe falte Nosso Senhor.

Triste viva, triste ande
Quem triste me faz andar;
Que tenha tanto socego
Como as ondas tem no mar.

117

Meu bemzinho, lá vos mando

(Sergipe)

Meu bemzinho, lá vos mando
Meu cabello feito prenda;
Tenho na minha certeza
Você de mim não se lembra.

Você de mim não se lembra,
Tambem não posso sentir;
Foi porque você ja achou
Lá com quem se divertir.

Dos cachos dos teus cabellos
Fiz annel para meu dedo;
P'ra te deixar tenho pena,
P'ra te levar tenho medo.

Nos cachos dos teus cabellos
Deitei-me para dormir;
Deitei-me no mez de março,
Acordei no mez de abril.

118

Quando eu n'esta casa entrei

(Sergipe)

Quando eu n'esta casa entrei
Logo por ti perguntei;
Não me deram novas tuas,
Com vergonha não chorei.

Cadê a luz de meus olhos?
Cadê esta casa cheia, [1]
Qu'inda hoje não o vi
Nem na janta, [2] nem na ceia?

Cada vez que considero,
Chego na janella e digo:
Alto céo, bonita luz,
Quem me dera estar comtigo!

[1] Assim se exprimem querendo fallar da pessoa mais alegre e festiva da casa.
[2] *Janta* por jantar.

119

Plantei manjaricão na baixa

(Sergipe)

Plantei manjaricão na baixa,
Alegrim pelos outeiros;
Juntou-se cheiro com cheiro...
Boa vida é dos solteiros.

Alecrim verde é cheiroso,
O sêcco inda cheira mais;
Mulher que se fia em homens
Toda fica dando ais.

O amor da mulher solteira
É como o vento da tarde;
Deu o vento na roseira,
Acabou-se a lealdade.

O amor de dois solteiros
É como a flôr do feijão;
Quando olham um p'ra outro
Logo mudam de feição.

O amor quando se encontra
Causa susto e mette gosto;
Sobresalta um coração,
Muda o semblante do rosto.

120

Ha dias que não te vejo

(Sergipe)

Ha dias que não te vejo,
Nem de ti tenho recado,
Emprego da minha vida,
Disvelo do meu cuidado.

Não vim hontem, nem ant'honte,
Bemzinho, porque não pude,
Vim hoje, porque podia,
Saber de sua saude.

Onde vae, alecrim do reino,
Meu lirio, minha açucena,
Emprego da minha vida,
Allivio da minha pena?

121

Soube que tinhas chegado

(Sergipe)

Soube que tinhas chegado,
Minha flôr de larangeira,
Deus te queira visitar,
Qu'eu não posso, inda que queira.

Oh minha palhinha d'alho,
Sentemos e conversemos;
Si o mundo fallar de nós
Somos solteiros, casemos.

122

Cravo roxo desiderio

(Sergipe)

Cravo roxo desiderio,
Pintadinho de amarello,
Abre a *fulor* de meu peito,
Vigia o bem qu'eu te quero.

Cravo roxo desiderio,
Encostado á penitencia,
Sou amada e sou querida
Em quanto estou na presencia.

Vae-te, carta, visitar
Aos pés d'aquelle jardim;
Ajoelha, pede licença,
Dá-lhe um abraço por mim.

A carta pede licença,
A letra pede perdão,
Acceite, meu bem, acceite
Lembranças do coração.

Estes botões, que ahi vão,
Todos dois vão por abrir,
Um vai cheio de saudades,
Outro para divertir.

123

Cravo branco é procurado

(Sergipe)

Cravo branco é procurado
Pelo cheiro que elle tem;
Quem tem amor tem ciumes,
Quem tem ciumes quer bem.

Toma esta chave verde,
E tranque nossa esperança,
E retranque bem fechado
Nosso amor com segurança.

Laranjeira é páo de chôro,
Eu tambem quero chorar;
Pois já é chegado o tempo
De nosso amor se acabar.

Alta noite, meia noite
Vi cantar e vi chorar;
Eram dois amantes firmes
Que queriam se apartar.

Fui me despedir chorando
No riacho d'alegria;
Tanto choravam meus olhos
Como o riacho corria.

Estrellinhas miudinhas,
Escadinhas de Cupido,
Ou matai-me aquelle ingrato,
Ou tirai-m'o do sentido.

Chuva, si não quer chover,
Deixe de estar peneirando:
Ou me amas com firmeza,
Ou me vai logo deixando.

Fui na fonte das pedrinhas,
Fui formar a minha queixa;
As pedras me responderam:
Amor firme não se deixa.

124

A lua do caminhar

(Sergipe)

A lua de caminhar
Ja fez caminho seguido;
Achei amor de meu gosto,
Me peza ser impedido.

Oh lua que alumiaes
O céo de tanta clareza!
Oh terra que desterraste
Amor de tanta firmeza!

As estrellas do céo correm,
Eu tambem quero correr;
Por arenga e mexericos
Se aparta um bem querer...

As estrellas esclarecem,
A lua cobre com o véo;
Quem ama a moço solteiro
Vai direitinho p'ra o céo.

125

Eu não quero mais amar

(Sergipe)

Eu não quero mais amar
Nem achando quem me queira;
O primeiro amor qu'eu tive
Botou-me sal na moleira.
Tenho um amor que me ama,
Outro que me dá dinheiro;
Tomára achar quem me diga
Qual é o amor verdadeiro?
—Si é o amor que me ama,
Ou o que me dá dinheiro?
Quem meu amor me tomou
A mim livrou do perigo,

Levou comsigo trabalhos,
Passa de ser meu amigo.
Meu Deus, quem me dá noticias
D'um amor que foi meu bem?
Como elle me foi falso,
Eu vendo por um vintem.
Quem por aqui me dá novas
D'um amor que já foi meu,
Qu'eu já tinha por perdido
E agora me appareceu?

126

Abalei o pé da roseira

(Sergipe)

Abalei o pé da roseira,
Mas não o pude arrancar;
Quem não tem bens da fortuna
Glorias não póde alcançar.
Só a ti posso affirmar
Que outro amor não heide ter,
Si acaso eu não morrer,
Si a fortuna me ajudar.

Fui á fonte beber agua,
Tive medo de um sardão; [1]
Bebi agua de teu rosto,
Sangue de meu coração.

1 *Lacerta-viridis.*

Fui ao pote beber agua,
Topei agua de sobejo;
Só cuido que estou com vida,
Bemzinho, quando te vejo.

Eu te amo, minha belleza,
No que posso obedecer;
Si não for feliz comtigo,
Vida mais não quero ter.
O campo verde si alegra
Quando vê o sol nascer;
Tambem se alegra meus olhos
Quando chegam a te vêr.

Si eu *soubera* que tu vinhas,
Que alegrias não teria!
Mandava *barrer* a estrada
Com rosas de Alexandria.
Jura o sol e jura a lua,
Juram estrellas tambem,
Juram mais tres testemunhas
Como eu te quero bem.

127

Gemo, suspiro e dou ais

(Sergipe)

Gemo, suspiro e dou ais,
Banzo, cuido e entristeço;
Soffro, gemo, mas não posso
Dar allivio ao que padeço.

Me assentei na pedra verde,
Fui formar a minha queixa;
De que servem seus carinhos
Si você sempre me deixa?

128

Você diz que eu sou sua

(Sergipe)

Você diz que eu sou sua,
Você sabe e eu não sei;
O mundo dá muitas voltas,
Eu não sei de quem serei!

Quem me vir estar chorando
Não se ria, tenha dó;
Que os trabalhos d'este mundo
Si fizeram p'ra mim só.

129

A Moqueca

(Sergipe)

A moqueca p'ra ser boa
Ha-de ser de camarão;
Os tempêros que ella leva
São pimenta com limão.

A moqueca p'ra ser boa
Ha de levar bem dendê;
Nos beicinhos de yayá
Ha de queimar e doê. [1]

130

Si fôres p'ra certa terra

(Sergipe)

Si fôres p'ra certa terra
E topares certa gente,
Si por mim te perguntar,
Dize-lhe que estou doente.
Si tornar a perguntar
Qual a minha enfermidade,
Dize-lhe que mal de amores
Augmentado de saudades.
Do céo manda-me um barbeiro
Com passada diligente,
Com a lanceta na mão,
Sangrar-me que estou doente.
Barbeiro, tem compaixão
D'este pezinho de neve,
Faz a cisura pequena,
Põe a lanceta de leve.
Si a lanceta fôr de ouro
E as fitas de mil *côr*,
Fique certo, meu bemzinho,
Que o meu mal é de amor.

[1] Por *doer*.

131

Lá em riba d'estes ares

(Sergipe)

Lá em riba d'estes ares
Ronca corisco e trovão,
Para cahir em quem paga
Finezas com ingratidão.
De cobra seja mordido,
Que lhe vare o coração,
Quem costuma a pagar
Finezas com ingratidão.

132

Lá vos mando um cravo branco

(Sergipe)

Lá vos mando um cravo branco
N'um bago de jaca dura;
Lá vos mando perguntar
Si vosso amor inda dura.

Lá vos mando um cravo branco
Dentro de um gomo de cana;
Si tu cuidas qu'eu te amo
O coração bem te engana.

*

133

A Cachaça

(Sergipe)

Aguardente é como a morte,
Não respeita qualidade,
Não conhece velho ou moço,
Nem homem de auctoridade.
Doutores, frades e padres,
Que bebem aguardente forte,
Abasta [1] beber dois *gorpes* [2]
Mudam a vista de repente;
Podem todos ficar scientes
Que aguardente é como a morte.

134

Estrellas do céo brilhante

(Sergipe)

Estrellas do céo brilhante,
Por ellas peço a meu Deus,
Que me tire do sentido
Amor que nunca foi meu.

1 Basta.
2 Golpes.

Oh que coqueiros tão altos
Com tres coquinhos de prata!
Tomar amor não é nada,
O apartamento é que mata.

Oh que coqueiros tão altos
Tão custosos de subir!
Bemzinho, dê-cá seus braços
Qu'eu me quero despedir.

Vamos dar a despedida
Como deu a beija-flor, [1]
Que se despediu chorando
Dos braços de seu amor.

Vamos dar a despedida
Como deu a saracura;
Bateu azas, foi-se embora;
Cousa boa não atura. [2]

135

A Coruja

(Sergipe)

A coruja é passaro triste
Que no cantar se demora;
Quem não tem amor aqui
Que faz que não vai-se embora?

1 Beija-flor, na lingua do povo, é feminino.
2 *Aturar*, na linguagem popular, é *supportar* e tambem *durar*.

Quem me dera ser coruja
Para de noite velar,
Ja que de dia não posso
Os teus carinhos gozar.

Si eu pensar de morrer
Sem teus carinhos gozar,
Hei-de vir do outro mundo
Na tua porta penar.

136

Não ha papel n'esta villa

(Sergipe)

Não ha papel n'esta villa,
Nem tinta n'este convento;
Não ha este passaro de penna
Que escreva tal sentimento.

Sentimentos tenho tido
De um amor que anda longe;
P'ra não dar ouvido ao mundo,
Fiz o coração de bronze.

Você se vai e me deixa
N'esta solidão tão triste,
Pouco tem de amante firme
Quem se vai e não me assiste.

Si eu me vou e não lhe assisto
É por outro remedio não ter;
Não padeça seu coração,
Deixe o meu só padecer.

O papel que escrevi
Tirei das palmas da mão;
A tinta tirei dos olhos,
A penna do coração.

137

Quem me vê estar cantando

(Sergipe)

Quem me vê estar cantando
Cuidará que estou alegre?...
Meu coração 'stá tão negro
Como tinta que se escreve.

Quem me vê estar cantando
Pensará com bem razão
Qu'eu ando alegre da vida,
Sabe Deus meu coração.

138

Menina, você não sabe

(Sergipe)

Menina, você não sabe
De um amor que tenho agora?
Qu'eu *havêra* de comprar
Para ser *sua* senhora?

Para ser minha senhora
No mundo não vejo quem;
O Deus que formou a ella
Me formou a mim tambem.

Individuo [1], tu cuidavas
Qu'*havéras* ser meu amor?
Achei um outro tão bello
Capaz de ser teu senhor.

139

O Passarinho

(Sergipe)

Menina, seu passarinho
Toda a noite eu vi piar;
Eu, como compadecido,
Tive dó do seu penar.

Menina, seu passarinho
Toda a noite me attentou; [2]
Quando foi de madrugada
Foi-se embora e me deixou.

[1] Um dos maiores insultos que se póde fazer a um nosso homem do povo é chamal-o *individuo*; isto o exaspera e o faz descer de ordinario ás vias de facto.

Presenciei, uma occasião, uma lucta entre um caixeiro portuguez e um *matuto* em Pernambuco, lucta em que, de permeio com os sopapos e cabeçadas, ouvia, distinctamente, o termo *individuo*, como a suprema affronta que o nosso camponio podia jogar ao estrangeiro.

[2] *Attentar* para o povo não é só *emprehender alguma cousa, dar attenção, tentar para o mal*, etc..., é tambem *incommodar*.

Os passarinhos que cantam
De madrugada com frio,
Uns cantam de papo cheio,
Outros de papo vazio.

Passarinho, que cantaes
No olho do dicury,
Quem por mim perdeu seu somno,
Ja hoje póde dormir.

Passarinho, que cantaes
No olho do manjaricão;
Não estou prompta, meu bemzinho,
P'ra soffrer ingratidão.

Passarinho, que cantaes
Alegre aos pés de quem chora,
Si teu canto dá-me allivio,
Não cantes mais, vai-te embora.

Eu comparo o meu viver
Com o viver dos passarinhos,
Presos nas suas gaiolas,
Assim mesmo alégresinhos.

Passarinho, que cantaes,
Repete o canto sonoro;
Uns cantam de papo cheio,
Outros cantão quando eu choro.

Passarinho prêso canta
E preso deve cantar;
Como foi preso sem culpa
Canta para alliviar.

Quem se foi para tão longe
E deixou seu passarinho,
Quando vier não se anoje,
Si achar outro no ninho.

Si eu achar outro no ninho,
Hei-de fazel-o voar;
Qu'eu não fui fazer meu ninho
Para outro se deitar.

Passarinho do capim,
Beija-fulor da limeira,
Não ha dinheiro que pague
Beijo de môça solteira.

140

Quem quer bem dorme na rua

(Sergipe)

Quem quer bem dorme na rua,
Na porta do seu amor;
Do sereno faz a cama,
Das estrellas cobertor.

Quem quer bem não tem socego,
Vai ao quintal, vai á rua;
Quer bem ás noites escuras,
Grandes queixas tem da lua.

Perguntei á noite escura
Si o verde era leal;
Noite escura respondeu:
Quem quiz bem nunca quiz mal.

Inda que o fogo se apague
No logar fica o calor;
Ainda que o amor se acabe
No coração fica a dôr.

Tudo no mundo se acaba,
Nada tem a duração,
E quando o amor se ausenta,
Tambem se ausenta a paixão.

141

Menina, quando te fôres

(Sergipe)

Menina, quando te fôres,
Escreve-me do caminho;
Si não tiveres papel
Nas azas de um passarinho.

Do bico faze tinteiro,
Da lingua penna aparada,
Dos dentes letras miudas,
Dos olhos carta fechada.

142

Esta noite eu dei um ai

(Sergipe)

Esta noite eu dei um ai
Que rompeu a terra dura;
As estrellas responderam:
Grande ai de creatura.

Lá vem a lua sahindo,
De verde não apparece;
Acho ser mal empregado
Amar a quem não merece.

Lá vem a lua sahindo
Com tres palmos de altura;
Não posso negar o bem
Que quero a tal creatura.

As estrellas do céo correm,
Eu tambem quero correr;
Ellas corre' atraz da lua,
Eu atraz do bem querer.

143

Despedida

(Sergipe)

Vêr um laço desatar,
Vêr uma náo despedir,
Vêr dous amantes chorar,
Um ficar e outro partir...

Vêr os olhos a chorar
Os corações se abraçando;
Dous amantes se separam,
Mas sempre ficam se amando.

144

Não se encoste no craveiro

(Sergipe)

Não se encoste no craveiro
Que tem cravos para abrir;
Se encoste n'estes meus braços,
Que tem somno p'ra dormir.

O cravo cahiu da torre,
Nos ares se desfolhou,
Tenha santa paciencia
Quem de mim não se logrou.

Quem de mim não se logrou
De si deve se queixar,
Que já estive nos seus braços,
Não soube me aproveitar.

Nos cachos do teu cabello
Hei-de pôr a mão por pique;
Santinho, sou toda sua,
Quando quizer me penique.

145

Atirei um limão verde

(Sergipe)

Atirei um limão verde
Lá na torre de Belem;
Deu no ouro, deu na prata,
Deu no peito de meu bem.

Atirei um limão verde
Na mocinha da janella;
Ella me chamou doidinho,
Doidinho ando eu por ella.

146

Com pena peguei na penna

(Sergipe)

Com pena peguei na penna,
Com pena p'ra te escrever;
A penna me cahiu da mão
Com pena de não te vêr.

O meu vestido é de pena,
Quem o fez foi o alfaiate;
Eu mesma cortei, mesma fiz,
É bom que pena me mate.

Meu bemzinho de tão longe
Que vieste cá buscar?
Vieste me encher de pena,
Acabar de me matar.

147

Quem vai e não se despede

(Sergipe)

Quem vai e não se despede
É porque não quer visita,
Que a obrigação de quem parte
É dar adeus a quem fica.

Adeus, joazeiro verde,
Nascido em baixa vertente;
Adeus, boquinha de cravo,
Adeus, coração da gente.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva a corôa do rei;
Viva o primeiro amor
Que n'esta terra tomei.

148

Adeus á Pastora

(Sergipe)

Vai-te, amada pastora,
Que as costas ja vou virando,
Vai seguir o teu destino...
Adeus! não sei até quando.

Adeus! te digo de perto;
Adeus! te digo chorando;
Adeus! te digo de longe;
Adeus! não sei até quando!

149

Não tenho inveja de nada

(Sergipe)

Não tenho inveja de nada,
Nem dos brazões da rainha,
Só por ter a gravidade
De me chamar mulatinha.

A côr branca é muito fina;
A parda é mais excellente;
A maior parte da gente
Á côr morêna se inclina...

Para ser bonita e bella,
Não preciso andar ornada;
Basta-me a côr de canella;
Não tenho inveja de nada. [1]

150

Dei um nó na fita verde

(Sergipe)

Dei um nó na fita verde,
Sacudi-te pela ponta;
Saiba Deus e todo o mundo
Qu'eu de ti não faço conta.

Tu pensas qu'eu por ti morro,
Nem por ti ando morrendo;
Tudo isto é pouca conta
Qu'eu de ti ando fazendo.

Tomára já te ver morto,
Os *aribús* [2] te comendo,
Os ossos no taboleiro
Pela rua se vendendo.

1 De origem litteraria.
2 Urubús.

No tempo que eu te amava,
Rompia mattas de espinho;
Já hoje pago a dinheiro
P'ra não te ver o focinho.

151

A lagôa já seccou

(Sergipe)

A lagôa já seccou
Onde os pombos vão beber;
Triste coisa é querer bem
A quem não sabe agradecer.

Si eu pensára quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Não dava meu coração
A quem não sabe agradecer.

Coração que a dois ama,
Eu n'elle não tenho fé;
Eu não quero amor partido,
Pois o meu inteiro é.

152

Quem quer bem não tem vergonha

(Sergipe)

Quem quer bem não tem vergonha,
Não se lhe dá da má fama;
Quem tem juizo bem póde
Dispensar a quem bem ama.

Quem parte, parte chorando,
Quem fica vida não tem;
Parte a alma, parte a vida
Quem chegou a querer bem.

153

Bonina sobre-dourada

(Sergipe)

Bonina sobre-dourada,
Rosa branca do verão;
Choro quando não te vejo,
Prenda do meu coração.

Ha dias que ando pensando
N'um *adeus* que hei-de dar,
Foge-me o sangue das veias,
O coração do logar.

Bemzinho, quando te fôres,
Antes de ir, tira-me a vida,
Ja que não tenho valor
De vêr a tua partida.

154

Rola parda lisonjeira

(Sergipe)

Rola parda lisonjeira
Corre a vista pelo chão,
É de estar querendo bem,
Sempre dizendo que não.

Rola parda lisonjeira,
Pescoço di vai e vem;
Quem não póde com os trabalhos
Não se metta a querer bem.

Rola parda lisonjeira,
Pescoço de imperador,
Dá-me consolo a meus males,
Já que foste o causador.

Rola parda, penna loura,
Ave que Deus escolheu,
Si seu amor fôra firme,
Não se apartava do meu.

155

Mulher, cabeça de vento

(Sergipe)

Mulher, cabeça de vento,
Juizo mal governado,
Dizei-me o que significa
Amor de homem casado?

Quem ama a homem casado
Tem paciencia de Job;
Faz cama, desmancha cama,
Sempre vem a dormir só.

156

Tanta laranja madura

(Alagôas, cidade do Penedo)

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão,
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração!

A pombinha quando vôa,
Bate co'as azas no chão;
Sinhá Anninha quando dorme
Deita a mão no coração.

A rolinha quando vôa
Deixa as pennas no ninho;
Sinhá Anninha quando dorme
Deita a mão no passarinho.

Os olhos de Sinhá Anninha
São confeitos, não se vendem;
São balas com que me atiram,
Correntes com que me prendem.

Maria, na porta batem,
Maria, vai vêr quem é;
É um homem pequenino
Que tem medo de *muyé*.

Toda gente se admira
Do macaco andar em pé;
O macaco é como gente,
Póde andar como quizer.

Quando matares o gado,
A rabada ha-de ser minha,
Para fazer um guizado
E comer com Sinhá Anninha.

O limão é boa fructa,
Tambem tem seu azedume;
Tambem a bocca me amarga
Na materia do ciume.

Abaixa-te, limoeiro,
Deixa tirar um limão
Para limpar uma nodoa
Que trago no coração.

157

Embarquei na Inglaterra

(Sergipe)

Embarquei na *Ingalaterra,* [1]
Avistei Cupido em França,
Disputando entre doutores:
— Quem quer bem nunca descança.
Cupido como lá estava
E que lá me viu chegar,
Um minuto suspirou...
Perguntei-lhe com vagança
Qual era a sua lembrança?
Cupido me respondeu:
— Quem quer bem nunca descança. [2]

[1] *Inglaterra.*
[2] De origem litteraria.

158

Passeia, meu bem, passeia

(Sergipe)

Passeia, meu bem, passeia
Por paragens que eu te veja,
Inda que a bocca não falle,
Meu coração te festeja.

Si esta rua fôra minha
Mandaria ladrilhar,
Quer de prata, quer de ouro,
Para meu bem passear.

Mandei fazer um barquinho
De pausinhos de alecrim
Para embarcar meu bemzinho
Da horta para o jardim.

159

Meu annel de pedras finas

(Sergipe)

Meu annel de pedras finas
Ninguem o tem como eu,
Para amar a quem me ama,
Desprezar a quem m'o deu.

Teu annel de pedras finas
Meu dinheiro me custou;
De boquinhas e abraços
Teu corpinho me pagou.

160

Eu plantei canna de sóca...

(Sergipe)

Eu plantei canna de sóca
Por ser a de lavrador,
Nunca vi fonte sem limo,
Nem donzella sem amor.

Pegai n'estes vossos olhos,
Botai-os n'um poço fundo,
Que olhos que vêm e não logram
Para que vivem no mundo?

Os peitinhos de meu bem
Não se lavam com sabão,
Mas é com agua de cheiro,
Agua de meu coração.

161

O candieiro

(Pernambuco)

Anda á roda candieiro,
Anda á roda sem parar;

Todo aquelle que errar,
Candieiro ha-de ficar.
Candieiro, ô!...
'Tá [1] na mão de yoyô;
Candieiro, á!...
'Tá na mão de yayá.
.....

162

O moleque do surrão

(Sergipe)

Inderê, buruzuntão,
Olha o *moleque do surrão;* [2]
Inderê, buruzuntão,
Certamente vem o cão;
Inderê, buruzuntão,
Moricoca com quiabos;
Inderê, buruzuntão,
Lagartixa com feijão;
Inderé, buruzuntão,
Certamente vem o cão!
.....

163

Oh ciranda, oh cirandinha

(Pernambuco)

Oh ciranda, oh cirandinha,
Vamos todos cirandar;
Vamos dar a meia volta,

[1] Por *está*.
[2] O diabo.

Volta e meia vamos dar;
Vamos dar a volta inteira,
Cavalleiro, troque o par.

Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapéo na mão,
Namorando as casadas,
Que as solteiras minhas são.

Aqui estou na vossa porta
Feito um feixinho de lenha,
Esperando pela resposta
Que da vossa bocca venha.
Caranguejo não é peixe,
Caranguejo peixe é;
Caranguejo só é peixe
Na vasante da maré.
Dá-ri-rá-lá-lá-lá-lá.
Dá-ri-rá-lá-lá-lá-lé...
Caranguejo só é peixe
Na vasante da maré.

Atirei com o limãosinho
Na mocinha da janella;
Deu no cravo, deu na rosa,
Bateu nos peitinhos d'ella.

Craveiro, dá-me um cravo,
Roseira, dá-me um botão;
Menina, me dá um beijo
Qu'eu te dou meu coração.

Minha mãi bem que me disse
Que eu não fosse á *fonção,* [1]

[1] Funcção, brinquedo, festa.

Qu'eu tinha meu nariz tórto,
Servia de mangação.

164

Chora, Mané, não chora...

(Pernambuco)

Chora, Mané, não chora,
Chora porque não vem
O limão...
O limão que anda na roda
É de Mané babão,
Bestalhão...
Elle vai, elle vem,
Inda cá não chegou!...
No meio do caminho
Os *francez* o tomou...

165

Adeus, seu João Pereira

(Pernambuco)

Adeus, seu João Pereira,
Sua casaca não tem beira;
Você mora na Ribeira,
Lá no pé da mangabeira.
Não cômo milho,
Tambem feijão,
Nem esta fructa,
Que me faça indigestão.

166

Desafio dos capoeiras

(Pernambuco)

Não venha!...
Chapéo de lenha;
Partiu,
Cahiu!...
Morreu,
Fedeu...

167

Chula

(Bahia)

Chover, chover,
Ventar, ventar...
É nos braços de Maria
Qu'eu me quero *calentar*. [1]
Amor, amor, amor,
Querido amor,
Este povo brazileiro
É de nosso imperador...
Todo o mundo me dizia,
Que o horisonte não sahia;

[1] Acalentar.

O horisonte está na rua
Com prazer, com alegria.
Amor, amor, amor, etc.

168

Chula

(Pernambuco)

Lá do poço
Não cômo mingáo,
E tambem sei tirar
Os cavacos de páo...
Avôa, avôa,
Si queres voar,
Os pésinhos pelo chão,
As azinhas pelo ar.
Lá do poço
Não cômo banana,
Eu tambem sei tirar
Os cavacos de banda...
Avôa, avôa, etc.

169

Eu tenho meu arco e flecha

(Rio de Janeiro)

Eu tenho meu arco e flecha
P'ra matar meu passarinho.

O sol na nuvem escureceu;
No mesmo instante clareou:
O fogo n'agua se apaga
E elle n'agua se aquentou.
Fóra, fóra, sinhá toucinheira;
Caboclo da serra, não tenho dinheiro.
Não quero historias de *zambuará;* [1]
Quero, quero meu dinheiro
Para ir-me embora
Para Sabará.

170

Quadras

(Rio de Janeiro)

Meu pé de laranja branca
Carregado de batatas,
Quem quizer vêr mexerico
Vá na bocca das mulatas.

Atirei com o limão verde
Por cima do limoeiro;
Quem quizer vêr mexerico
Vá na bocca do solteiro.

Não me dai a rosa aberta,
Que está no rigor do tempo;
Me dai o botão fechado,
Que está todo o cheiro dentro.

1 Voz indigena adulterada.

Amarrai vossos cabellos
Com uma fita de cruzado,
Tratai de vossos amores,
De mim não tenhas cuidado.

Quem quizer tomar amores
Ha-de ser com cozinheira,
Qu'ella tem os beiços gordos
De lamber a frigideira.

171

Na praia da Itatinga [1]

(Rio de Janeiro)

Na praia da Itatinga
Eu ia morrendo á sêde,
Uma moça me deu agua
No ramo da salsa verde.

Salsa verde na panella
É um tempêro natural;
Quem tem seu amor mulato
Tem gosto particular.

Na outra banda do rio
Não chove, nem faz orvalho;
Si vós tendes de ser minha
Não me deis tanto trabalho.

[1] Praia proxima a Paraty, na provincia do Rio de Janeiro; dizer — Pedra azul.

Quando meus olhos te viram
Meu coração se alegrou;
Na corrente de teus braços
Minha alma presa ficou.

Lenço branco é apartamento,
Eu que digo é porque sei;
Me vejo apartada hoje
De um lenço branco que dei.

Sapatinho bole, bole,
Na fôrma do sapateiro;
Assim bolem os meus olhos
Quando vêem moço solteiro.

O sol quando vem sahindo
Pede licença ao amor
Para estender os seus raios
Por cima da bella flôr.

O sol quando vai entrando
Leva o seu relogio dentro;
Elle vai marcando as horas
D'este nosso apartamento.

Fui na fonte beber agua
Por baixo de uma ramada,
Sómente para te vêr,
Que a sêde não era nada.

Fui no rio lavar roupa
Me sahiu o sol por engano;
Tanto lava a mulatinha,
Que até no lavar tem fama.

Não me atires com pedrinhas
Qu'eu estou lavando loiça;
Atira devagarzinho
Que papai, mamãi não oiça.

O capitão cheira cravo,
Marinheiro cheira canella;
Mais vale um filho de fóra,
Do que duzentos da terra.

172

Em cima d'aquella serra

(Rio de Janeiro)

Em cima d'aquella serra
Tem uma abobora madura;
Não sei o que tenho eu,
Que amor commigo não dura.

Minha cigarrinha triste
No morro da Paciencia,
O amor quando tem outro
Logo mostra a differença.

Nunca vi o pé de figo
Dar figo pela raiz;
Nunca vi moça bonita
Com tamanho de um nariz.

Aquella casa do môrro
Está em muito bom lugar;
Toda a vida eu te amando
Nunca pude te apanhar.

Hei-de subir este môrro
Com os joelhos pelo chão,
Só para vêr se apanho
Mulatas de opinião.

173

Pinheiro

(Rio Grande do Sul)

Pinheiro, me dá uma pinha
Qu'eu te darei um pinhão,
Menina, dá-me os teus braços,
Qu'eu te dou meu coração.

Quem tem pinheiro tem pinha,
Quem tem pinha tem pinhão,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixão.

Oh que pinheiro tão alto,
Que de alto se envergou!
Que menina tão ingrata,
Que de ingrata me deixou!

Que pinheiro tão baixo
Com tamanha galharada!
Nunca eu vi moça solteira
Com tamanha filharada.

174

Chula matuta, a duas vozes

(Pernambuco)

Cravo branco se conhece (*bis*)
Pelo bom cheiro que tem; (*bis*)
— Quem me dera saber lêr...
Eu conheço a rapariga
Ja de longe quando vem.
— Quem me dera saber lêr...
Quem nunca provou não sabe
Dos *quindins* das mulatinhas;
— Quem me dera saber lêr...
São papudas, são gostosas,
São melhores que as branquinhas.
— Quem me dera saber lêr...

175

O Lobishomem e a Menina

(Pernambuco)

— Menina, você onde vai?
«Eu vou na fonte.

— Que vai fazer?
« Vou levar de comer
Á minha mãesinha ».
— O que leva nas costas?
« É meu irmãosinho.
— O que leva na bocca?
« É cachimbo de cachimbar...
Ai! meu Deus do céo,
O bicho quer me comer,
O gallo não quer cantar,
O dia não quer amanhecer,
Ai, meu Deus do céo! » [1]

176

Quadras popularisadas

(Pernambuco)

— Menina, sáia da janella,
Que a janella não é sua:
« Ó *chente,* senhor tenente,
Deixe a gente vêr a rua.
— Menina, sáia da janella,
Vá p'ra dentro da cozinha:
« Ó *chente,* senhor tenente,
Deixe a gente vêr a visinha.

[1] Estes versos são uma copla de um conto popular de que não nos lembramos mais, nem nos foi possivel conseguir da tradição oral.

177

Xô, passarinho!

(Rio de Janeiro)

Xô, passarinho,
Sáia fóra do meu arrozal!
Você não me ajudou a plantar,
Você não me ajudou a colher,
Você não me ajudou a aterrar,
Nem me ajudou a cortar!
Mas quando meu papá vier,
Eu tudo lhe hei-de contar...
Xô, passarinho,
Saia fóra do meu arrozal!

178

Eu passei o mar a nado

(Rio de Janeiro)

Eu passei o mar a nado
C'uma vela accêsa na mão;
Em todo mar achei fundo,
Só em ti pouca paixão.

Eu cerquei o mar em roda
Com cartinhas de jogar;
Todos logram seus amores,
Só eu não posso lograr.

Adeus, adeus, Barro-Alto,
Minhas costas vou virando ;
Eu não sei que deixo n'elle,
Que meu coração vai chorando.

Passai por mim, não me falles,
Guardai respeito a alguem ;
Podeis passar e fallares,
Respeitando a quem quer bem.

Subi ao céo n'uma linha,
E desci por um retroz
P'ra buscar a salvação
Para mim [1] vos dar a vós.

179

Fui eu que plantei a palma

(Rio de Janeiro)

Fui eu que plantei a palma
No caminho do sertão ;
Nasceu-me a palma na mão
E a raiz no coração.

Abaixai-vos, limoeiro,
Quero tirar um limão,
Para tirar uma nodoa
Que trago no coração.

[1] odo de fallar muito commum em Paraty e n'outros pontos
ineia do Rio de Janeiro.

A malvada cozinheira,
Com sua fita amarella,
Com sentido nos amantes,
Deixou queimar a panella.

Você diz que não ha cravo
Na Villa de Paraty,
Inda hontem vi um cravo
No peito de Joaquim.

Fui eu que errei o verso,
Minha cabeça virou;
Virei p'r'a banda das moças
E o tiro me acompanhou.

Eu já fui mestre de campo
E campeiro na campina;
Quem é mestre tambem erra,
Quem erra tambem se ensina.

Ja fui pasto, ja pastei
Pasto de muitas ovelhas,
D'aquellas que vestem saias,
Botam brinco nas orelhas.

O meu peito está fechado,
A chave está em Lisboa;
O meu peito não se abre
Se não a vossa pessoa.

Abaixai-vos, serras altas,
Quero vêr Guaretinguetá,
Quero vêr o meu bemzinho
Nos braços de quem está.

Appareça, não se esconda,
Sua cara bexigosa;
Cada bexiga seu cravo,
Cada cravo sua rosa.

A laranja tem dez gomos
Todos debaixo da casca;
Amor, não me deis mais penas,
Que as que tenho já me basta.

Me pediste uma laranja,
Meu pai não tem laranjal;
Si queres um limão doce,
Abre a bocca, toma lá.

O annel que vós me déstes
Era de vidro, quebrou-se;
O amor que tu me tinhas
Era pouco, já acabou-se.

Minha mãe, case-me logo,
Casadinha quero ser,
Eu não sou sóca de cana,
Que morre e torna a nascer.

Minha mãe, caze me logo
Em quanto sou rapariga;
Depois não venha dizendo
Que estou com o peito cahido.

Encontrei com meu bemzinho
Encostado n'uma pedra.
Uma mão chega não chega,
E a outra péga não péga.

Os meus olhos de chorar
Já perdeu claridade,
De chorar continuamente,
Bemzinho, a tua saudade.

Eu fui que nasci no ermo
Entre dois cravos mirantes,
Dai-me uma gota de leite
D'esse vosso peito amante.

Eu nasci sem coração,
Não sei como hei-de viver;
Menina, me dai o vosso
P'ra no meu peito trazer.

Os gallos estão cantando,
Os passarinhos tambem;
Já ahi vem o claro dia
E aquella ingrata não vem.

180

Negocios com Pedro Alves

(Rio de Janeiro)

Negocios com Pedro Alves
Eu não quero mais;
A couve da minha horta
O gado d'elle comeu;
E, pagando arrendamento,
Que lucro é que tiro eu?

Fui justar contas com elle,
E nenhuma conta fiz;
Negocios com Pedro Alves
Eu não quero mais...

181

Uma moça me pediu

(Rio de Janeiro)

Uma moça me pediu
Um vestido de filó;
Eu mandei-lhe por resposta:
— Si o couro não é melhor.
Tú-tú-rú-tú-tú
Lá de traz do murundú...
Teu pai e tua mãi
Que te comam com angú...

182

Maria, minha Maria

(Rio de Janeiro)

Maria, minha Maria,
Maria de Nazareth,
No meio de tantas Marias
Eu não sei qual d'ellas é.

Maria, se tu souberas
Como está meu coração!
Está como uma noite escura
Da maior escuridão.

Tres estrellas tem no céo,
Todas tres co'uma feição;
Uma é minha, outra é vossa,
Outra de meu coração.

Tres estrellas tem no céo,
Todas tres em carreirinha;
Uma é minha, outra é vossa,
Outra é de Mariquinha.

Tres estrellas tem no céo,
Todas tres a par da lua,
Meu amor está no meio
Formosa como nenhũa.

Abaixai-vos, serra alta,
Quero vêr toda a cidade;
Quero vêr o meu amor
Que estou morto de saudades.

Triste coisa é ser captivo
E servir a dois senhores;
Pois um manda e outro manda,
Cada um com mais rigores.

Vejo mar, não vejo terra,
Ólho, não vejo ninguem;
Vejo-me perto da morte,
Longe de quem me quer bem.

Dentro de meu peito trago
Um lambique de retroz
Para distillar saudades
Quando me lembra de vós.

Si eu soubera o que sei hoje,
Ou alguem me avisára
Que amor tão caro custa,
Nunca eu me captivára.

Viola de cinco cordas
Cinco cordas mesmo tem;
Cinco degredos merece
Quem se aparta de seu bem.

183

Menina, minha menina

(Rio de Janeiro)

Menina, minha menina,
Quem pergunta quer saber:
Sahindo d'aqui agora
Onde irei amanhecer?

Menina do lenço branco,
Vinde-me dar um conselho:
Dizei si posso amar
A moça do lenço vermelho.

Aqui tens um lenço branco
Para limpar o teu rosto;
Queira Deus que isto não seja
Entre nós alguma desgosto.

Aqui tens um lenço branco
Com dois raminhos floridos,
Dentro d'elle achareis
Nossos corações unidos.

Minha laranja da China,
Quem te comeu ametade?
Foi o passarinho verde,
Jurador da falsidade.

Tenho meu tinteiro d'ouro
Com penna de *avoador,*
Para escrever saudades
No peito de *Lianor.* [1]

Fui no matto tirar lenha,
Metti um espinho no pé;
Amarrei com fita verde
Cabellinho de Têté.

Me puz a contar estrellas
Com a ponta da minha espada;
Peguei á bocca da noite,
Acabei de madrugada.

O sabão, para ser bom,
Ha-de ser da *bassourinha,*
D'aquella que tem no campo
A folhinha miudinha.

[1] Leonor.

184

Quero bem ao pé de cravo

(Rio de Janeiro)

Quero bem ao pé de cravo
Por nascer no meu terreiro,
Quero bem a Mariquinha
Por ser meu amor primeiro.

Suspiro, tomae mais tento,
Não me acabeis de matar;
Para meu castigo basta
Querer bem e não lograr.

Boa flor é o suspiro
Cá na minha opinião;
Todas as flores se vendem,
Só os suspiros se dão.

O menino pequenino
Tem coração de serpente;
Quando é pequeno chora,
Quando cresce mata a gente.

185

ıtiga de negros carregando um piano

(Pernambuco)

Bota a mão
No argolão;

Sinházinha
Vae tocar;
Afinador
Vem afinar;
Sinházinha
Vae pagar...

186

Comprei um vintem de ovos

(Pernambuco)

Comprei um vintem de ovos
Para tirar geração;
O pinto morreu na casca,
Não tenho fortuna, não.

Comadre, minha comadre,
Comadre bastante ingrata,
Venha catar-me piolhos,
Que ha muito tempo não cata.

187

Você gosta de mim [1]

(Pernambuco)

Você gosta de mim,
Eu gosto de você;

[1] Inserimos estes versinhos, colhidos por nós em Perna porque provam a juxtaposição do portuguez com uma lingua das falladas por nossos pretos.

Si papai *consenti*,
Oh! meu bem,
Eu caso com você...
Alê, alê, calunga,
Mussunga, mussunga ê.

Si me dá de *vesti*,
Si me dá de *comê*,
Si me paga a casa,
Oh! meu bem,
Eu caso com você...
Alê, alê calunga,
Mussunga, mussunga ê.

188

Siá Nanninha

(Pernambuco)

Siá Nanninha,
Na ponta da linha;
Seu Manoel
Corta páo;
Birimbáo:
Azeite dôce
Com bacalháo
É cousa boa,
Pois não é máo.

189

Os galuchos me prenderam

(Pernambuco)

Os galuchos me prenderam
Na torre do seu castello,
Roendo um pé de burro,
Pensando qu'era marmelo.
Valentim, tim, tim,
Valentim, meu bem;
Quem tiver inveja
Faça assim tambem.

190

Cantigas de desafio

(Pernambuco)

Capitão rabeca,
Espadim de páo;
Cala a bocca, negro,
Olha o bacalháo.

Agora foi que eu cheguei,
Achei violas tocando;
Vi dois peitos destinados,
Ahi fui me destinando.

Aqui eu faço barreira,
Não é p'ra outro subir;
Apanhei-o encurralado,
Não tem p'r'a onde fugir.

Quando canto desafio,
Abro a voz, suspendo o brado;
Quero que o meu peito sinta
A lei e o rigor do fado.

D'estes cantadores novos,
Que cantam por desafio,
Dou-lhes conselho de mestre:
Que vão tratar de seus filhos.

Sou cobra do boqueirão,
Onça, tigre de roncar,
Que mato sem fazer sangue,
Engulo sem mastigar.

Sou fórte, sou corajoso,
Sou duro, sou valentão;
Sou como a onça no inverno,
E o cascavel no verão.

Eu não temo a cantador
Ainda que chova ao punhado,
Nem que venha do inferno,
Fedendo a chifre queimado.

Vejam no cantar das rolas,
No seu trinar gemebundo,
Vem o ecco d'estes montes
Entoar o seu segundo.

Sibiti, cabôclinho,
Canario, *beija-fuló*,
Jurity, rola — aza-branca,
Tico-tico, — *serradó*.

Quando pégo na viola,
Que ao lado tenho o pandeiro,
Só me lembro a Virgem Santa
E um só Deus verdadeiro.

Estando eu agoirado
Na serra do Beleguim,
Não ha pessoa que suba,
E si subir não descamba,
Si descambar leva fim.

O fim do páo é no olho,
O fórro d'agua no chão;
Eu como sou cantador
Sou filho do Riachão.

Manoel do Riachão [1]
Tem fama de cantadô;
Quando eu cheguei n'esta terra
Bateu azas e voôu.

191

Pequena Silva de cantigas soltas

(Rio de Janeiro)

Vamos dar a despedida
Como deu o bacurão;
Uma perna no caminho,
Outra no galho do páo.

[1] Rhapsodista e improvisador dos sertões de Pernambuco, da Ribeira de S. Francisco.

Toda moça que não tem
Seu nênem para brincar,
Póde ficar na certeza
Que no céo não ha-de entrar.

Laranjeira, mãe do choro,
Ajudai-me a chorar;
Que perdi o meu bemzinho,
Ajudai-m'o a procurar.

Toda a moça que não tem
No cabello um penacho,
Póde viver na certeza
Que morrendo vae p'r'o tacho.

Alecrim na beira d'agua
Póde estar quarenta dias,
Um amor longe do outro
Não póde estar nem um dia.

Está roncando trovoada,
Porém não ha-de chovêr;
Meu amor está doente,
Porém não ha-de morrer.

Manoel, peito de arara,
Formosura de pavão,
Tirai a penna do peito,
Escrevei no coração.

Manoel, não vá lá fóra,
Que lá fóra está ventando;
As folhas do patyeiro
Todas estão se derramando.

Antonico, Antoniquinho,
Maravilha no chapéo;
Isto não são maravilhas,
São estrellinhas do céo.

Manoel, não vá lá fóra,
Qu'eu lhe posso sustentar
Na ponta de minha agulha,
No fundo do meu didal.

Alecrim verde, cheiroso,
Não sejas enganador;
Todo amante que é firme
Não engana seu amor.

Lá no alto d'esta serra
Como não vem bonitinho!
Traz o seu laço na mão
P'ra laçar seu passarinho.

Andorinha pequenina
Come fructa no jambeiro;
Eu quero dormir um somno
Na trança de seu cabello.

Tenho um lenço de tres pontas
E tambem um guardanapo;
O negocio vai á porfia,
Veja que eu desato o sacco.

Laranjeira ao pé da porta
Na cama me vae o cheiro,
Guarda teus olhos, menina,
Para mim, que sou solteiro.

N'esse lenço desenhado
Vive um terno passarinho;
Sem ter cuidado de amar,
Sem pensão de fazer ninho.

Si n'esse lenço pegares
Enxuga o lindo semblante,
Então lembra-te de mim,
Meu amor firme e constante.

Olhos de azeitona parda,
Bem te entendo o teu olhar;
Bem pódes viver seguro
Que a outro não hei-de amar.

Cravo rôxo, sentimento,
Mais sentido é que estou,
Não me cabe no meu peito
Amar a quem me deixou.

Si eu correndo não te apanho
Devagar te apanharei;
Si eu te apanho nos meus braços
Em que estado te porei?

A perpetua verde parda
N'ella vive confiada;
Si o teu amor é firme,
Não me traz desenganada.

O amarello desbota,
O verde não perde a côr;
Si me perderes de vista,
Não me percas do amor.

A luz d'aquella candeia
Que me deu o desengano,
Mais vale o amor de uma hora,
Do que a justiça n'um anno.

Eu plantei a madre-silva
Da semente da mimosa;
A cabo de sete annos
A madre-silva deu rosa.

Dae-me d'essa lima um gomo,
D'essa laranja um pedaço,
D'essa boquinha um beijo,
D'esse corpinho um abraço.

Si eu soubera que vos vinha
Alliviar minhas penas,
Acharieis casa varrida,
Semeada de açucenas.

Sois bonita, sois bem feita,
Delicada de cintura,
Sois combatida de amores,
De mim não andaes segura.

Noite escura me conhece,
Deve de me conhecer;
A noite escura bem sabe
De meu triste padecer.

O campo verde se alegra
Quando vê o sol nascer;
Assim se alegram meus olhos
Quando te chegam a ver.

As ondas do mar lá fóra
São pretas como um limiste;
Dizei-me como passaste
Os dias que me não viste?

Os dias que eu não te vi
Passei miseravelmente;
Agora que estou comtigo
Eu vivo alegre e contente.

Tenho um lenço de tres pontas,
Mais outra por inversão;
Querem me tirar de um gosto,
Não sei se me tirarão.

Arrenego do caminho
Que tantas pedrinhas tem;
Si não foram teus carinhos
Cá não viera ninguem.

Esta noite choveu ouro,
O diamante orvalhou;
Já vem o sol com seus raios
Enxugar quem se molhou.

Alegrias não n'as tenho,
Tristeza commigo mora;
Si eu tivesse alegrias,
Tristeza deitára fóra.

Suspiros sobre suspiros,
Suspiros por quem se dão?
Vêde por quem suspiraes,
Não deis suspiros em vão.

Menina, me dae tabaco
N'essa vossa bocetinha,
Que a minha ficou em casa
Fechada na gavetinha.

Que tão alta vai a lua,
Que o sereno lhe acompanha!
Muito triste fica um homem
Quando uma môça lhe engana!

Cravo roxo dolorido,
É tempo de florecer;
Os vossos olhos, menina,
Me deitárão a perder.

192

Fragmento do Vitú

(Rio de Janeiro)

— Vem cá, Bitú! vem cá, Bitú!
Vem cá... « Não vou lá, não;
Não vou lá, não vou lá, não vou lá;
Tenho medo de apanhar!
— Cadê-lo teu camarada?
« Agua do monte o levou...
— Não foi agua, não foi nada,
Foi cachaça que o matou.

193

Fragmento do Vitú

(Colligido pelo snr. F. A. de Varanhagem) [1]

« Vem cá, Vitú! Vem cá, Vitú! »
— Não vou lá, não vou lá, não vou lá.
« Que é d'elle o teu camarada?
— Agua do monte o levou.
« Não foi agua, não foi nada,
Foi cachaça que o matou.

194

Quadra pernambucana

(Colligida por Celso de Magalhães)

Duas cousas me contentam
E são da minha paixão:
Perna grossa cabelluda,
Peito em pé no cabeção.

[1] Este escriptor, na Introducção ao seu *Florilegio da Poesia braza*, falla em mais duas modinhas dos tempos coloniaes: — *Banque será de ti*, e *Mandei fazer um balaio*, etc.; mas as não dá extenso. Nós nunca as encontramos na tradição.

195

Quadra do Pará

(Colligida pelo dr. Couto de Magalhães)

Quanta laranja miuda,
Quanta florinha no chão,
Quanto sangue derramado
Por causa d'esta paixão!

196

Quadra de São Paulo

(Colligida pelo dr. Couto de Magalhães)

Pinheiro, dá-me uma pinha,
Roseira, dá-me um botão;
Morena, dá-me um abraço,
Qu'eu te dou meu coração.

197

Quadra de Matto Grosso

(Colligida pelo dr. Couto de Magalhães)

O bicho pediu sertão;
O peixe pediu fundura;
O homem pediu riqueza;
A mulher a formosura.

198

Quadra do Pará, comprobativa de um periodo de juxtaposição do portuguez e do tupi.

(Colligida pelo dr. Couto de Magalhães)

Te mandei um passarinho,
Patuá miré pupé;
Pintadinho de amarello,
Iporanga ne iané.

199

Quadra do Amazonas, comprobativa de um periodo em que uma das linguas já predomina.

(Colligida pelo dr. Couto de Magalhães)

Vamos dar a despedida
Mandù sarará,
Como deu o passarinho;
Mandù sarará,
Bateu aza, foi-se embora,
Mandù sarará,
Deixou a penna no ninho.
Mandù sarará. [1]

[1] Lembramo-nos de ter, muitissimas vezes, ouvido muitas quadras em Sergipe de igual teor; sómente o estribilho *selvagem* é que diverge um pouco, dizendo-se lá *mandum séréré*. Não temos de memoria taes fragmentos da poesia popular; mas a musica que ordinariamente os acompanha ainda hoje sabemol-a de cór. Algumas vezes em *sambas* ao som da *viola* e do *bahiano*, temos ouvido os *improvisadores sertanejos* comporem motivos sobre aquelle *estribilho constante*. Algumas vezes, por outro lado, como estudo, tentamos tomar parte no numero dos repentistas populares, e, por exemplo, de viagem da Estancia para a barra da Boziba a bordo de canôas, nunca pudemos, apesar de nosso conhecimento dos metros da lingua, senão difficilmente acompanhar os bardos incultos.

200

Quadrinhas de Minas Geraes, comprobativas do periodo do predominio completo de uma lingua sobre a outra.

(Colligidas pelo dr. Couto de Magalhães)

Vamos dar a despedida
Como deu a pintasilva ;
Adeus, coração de prata,
Perdição da minha vida!

Vamos dar a despedida
Como deu a saracura ;
Foi andando, foi descendo :
Mal de amores não tem cura.

201

Fragmentos de cantos populares

(Colhidos em Matto Grosso pelo snr. J. Ferreira Moutinho)

Em cima d'aquelle morro,
Siá dona,
Tem um pé de jatobá ;
Não ha nada mais pió,
Ai, siá dona,
Do que um home se casá.

Eu pasei o Parnahyba
Navegando n'uma barca,
Os peccados vem da saia,
Mas não póde vir da carça.

Dizem que a muyé é farça,
Tão farça como papé;
Mas quem vendeu Jesus Christo
Foi home, não foi muyé.

FIM DO VOLUME I